

REVISTA DE ESTUDOS PARA O SHABAT

KEHILAH ELOHIM



Ano 2026 - NÚMERO 0001
SISAEN



PONTOS FUNDAMENTAIS da **EMUNATEINU**

- א – ELOHIM, O CRIADOR
- ב – YESHUA, O MESSIAS
- ג – A RUACH HAKODESH
- ד – O POVO DE ISRAEL E O SEU REMANESCENTE
- ה – AS SAGRADAS ESCRITURAS – TANAKH E KETUVIM NETZARIM
- ו – A TORÁ
- ז – TESHUVÁ
- ח – AS QUATRO QUEDAS ANGELICAIS
- ט – A CONGREGAÇÃO ISRAELITA NAZARENA
- י – O SISTEMA DE GOVERNO CONGREGACIONAL
- יא – MINISTÉRIO E NÃO HIERARQUIA
- יב – DISCIPLINA
- יג – ALMA E ESPÍRITO
- יד – RESSURREIÇÃO DOS MORTOS
- טו – BRIT MILÁ E TEVLÁ
- טז – A PESSACH
- יז – AS FESTAS DO ETERNO
- יח – ALIMENTAÇÃO KOSHER
- יט – TSEDAKÁ E OFERTAS DE JUSTIÇA
- כ – A MORTE E RESSURREIÇÃO DE YESHUA

- כא – PROFECIAS E SINAIS DOS TEMPOS
- כב – A TERRA
- כג – OS 144 MIL
- כד – A GRANDE MULTIDÃO
- כה – A NOVA JERUSALÉM
- כו – A UNIÃO DAS DUAS CASAS DE ISRAEL
- כז – VIDA APÓS A MORTE
- כח – O TEMPLO
- כט – DONS ESPIRITUAIS
- ל – AS SETE TROMBETAS E AS SETE TAÇAS
- לא – O ARMAGEDOM
- לב – O MAR DE VIDRO
- לג – AS SETE ERAS DA CONGREGAÇÃO ISRAELITA NAZARENA
- לד – ORAÇÃO E JEJUM
- לה – KIPÁ E VÉU
- לו – OS ESCRITOS DO SEGUNDO TEMPLO
- לז – A GUERRA DE GOGUE E MAGOGUE
- לח – HASATAN
- לט – O PLANO DE SALVAÇÃO
- מ – O SISTEMA POLÍTICO E RELIGIOSO

Para melhor conhecimento dos 40 pontos da Emunateinu da SISAEN, você poderá adquirir o livreto intitulado **40 Confissões da Emunateinu**, entrando em contato com **SESISAEN** (Secretaria da SISAEN) ou pelo **BETEL NACIONAL** por e-mail ou telefone.



REVISTA DE ESTUDOS PARA O SHABAT

Número 0001 - Ano 2026

Publicação da SISAEN -
Sociedade Israelita das Sendas Antigas.

—❖ Kehilat'Elohim ❖—

LIÇÃO 1: A PROMESSA DO MASHIACH - O Plano Eterno de Elohim para a Redenção da Humanidade

Versículo-chave

"E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." Bereshit (Gênesis) 3:15

Objetivos da Lição

Ao final deste estudo, o aluno deverá ser capaz de:

1. Compreender a origem da esperança messiânica nas Escrituras;
2. Reconhecer o desenvolvimento progressivo da promessa do Mashiach na Torá e nos Profetas;
3. Identificar a expectativa messiânica existente no Judaísmo do Segundo Templo;
4. Compreender a interpretação da SISAEN acerca da missão de Yeshua HaMashiach.

Introdução

A crença na vinda do Mashiach não nasceu no primeiro século da Era Comum, tampouco surgiu apenas entre os discípulos de Yeshua. A esperança messiânica atravessa toda a história da revelação bíblica e encontra suas raízes nos primeiros capítulos da Torá.

Muito antes da formação da nação de Israel, Elohim já havia revelado que a história humana caminharia para a restauração da criação por meio de um descendente prometido. Essa promessa foi sendo progressivamente esclarecida através das alianças estabelecidas com Avraham, Yitzchak, Yaakov e David, até alcançar seu pleno desenvolvimento na literatura profética.

Nos séculos que antecederam Yeshua, diversos grupos judaicos aguardavam intensamente a manifestação do Mashiach. Essa expectativa encontra-se refletida em obras como 1 Enoque, Jubileus, Salmos de Salomão, Testamentos dos Doze Patriarcas e nos Manuscritos do Mar Morto, demonstrando que a esperança messiânica fazia parte da espiritualidade judaica do período do Segundo Templo.

A Sociedade Israelita das Sendas Antigas (SISAEN) reconhece a Torá como fundamento absoluto da doutrina. Os demais escritos antigos são utilizados como importantes testemunhos históricos que auxiliam na compreensão do pensamento judaico da época, sem possuírem a mesma autoridade normativa da Torá.

I – O propósito eterno de Elohim

As Escrituras iniciam afirmando que toda a criação teve origem na vontade soberana de Elohim.

"No princípio criou Elohim os céus e a terra." Bereshit 1:1

Essa declaração estabelece o fundamento de toda a teologia bíblica. O universo não surgiu por necessidade, acaso ou conflito entre divindades, como afirmavam diversas cosmologias do antigo Oriente Próximo. A Torá apresenta um único Criador, absoluto e soberano, que trouxe todas as coisas à existência por Sua palavra.

A criação do ser humano representa o ápice dessa obra.

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre o gado, sobre toda a terra e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra." Bereshit 1:26

O homem foi criado para refletir a imagem de Elohim, administrar a criação e viver em comunhão com seu Criador. A missão original da humanidade não era apenas habitar a terra, mas governá-la segundo a justiça divina.

A literatura do Segundo Templo amplia essa compreensão ao apresentar a criação como expressão da sabedoria eterna de Elohim (cf. Jubileus 2; 1 Enoque 69; Regra da Comunidade – 1QS XI:11-22). Fílon de Alexandria também relaciona a criação à Sabedoria divina, tema que posteriormente dialogará com a literatura sapiencial judaica.

Segundo a Emunateinu da SISAEN, Elohim é Um (*Shemá*: Devarim 6:4), indivisível, eterno e Criador de todas as coisas. Todo o plano da redenção procede exclusivamente de Sua vontade.

II – A queda da humanidade e a primeira promessa messiânica

A harmonia da criação foi rompida quando Adam e Chavah transgrediram o mandamento recebido de Elohim.

A consequência imediata foi a entrada do pecado, da mortalidade e da separação entre a humanidade e seu Criador.

Contudo, antes mesmo de anunciar o castigo ao homem e à mulher, Elohim pronunciou uma promessa dirigida à serpente:

"E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." Bereshit 3:15

Essa passagem constitui o primeiro anúncio da derrota definitiva do mal.

Embora o texto não mencione explicitamente o termo *Mashiach*, ele estabelece que um descendente da mulher triunfará sobre a serpente. Ao longo das Escrituras, essa promessa será progressivamente desenvolvida até adquirir contornos claramente messiânicos.

Alguns Targumim interpretam esse versículo em chave escatológica (cf. Targum Pseudo-Jônatas sobre Bereshit 3:15). O tema da vitória final dos justos sobre as forças do mal também aparece em 1 Enoque 10, Jubileus 23, Testamento de Levi 18 e em diversos textos de Qumran, especialmente na expectativa do conflito escatológico entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas (1QM).

III – A promessa é confirmada na aliança com Avraham

Após o dilúvio e a dispersão das nações, Elohim chamou Avraham para iniciar um novo capítulo da história da redenção.

A promessa feita ao patriarca ampliou significativamente a esperança anunciada em Bereshit.

"Em tua descendência serão benditas todas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz." Bereshit 22:18

Pela primeira vez, a promessa messiânica adquire dimensão universal.

O descendente prometido não traria bênção apenas para Israel, mas para todas as famílias da terra.

Os autores do Segundo Templo frequentemente associam Avraham ao plano universal de Elohim (cf. Jubileus 12–23; Testamento de Judá 24; Salmos de Salomão 17–18).

Segundo a compreensão da SISAEN, essa promessa alcança sua expressão máxima na missão do Mashiach, cuja obra inicia-se em Israel e estende-se às nações.

IV – O cetro de Yehudah

Pouco antes de morrer, Yaakov pronunciou bênçãos proféticas sobre seus filhos.

A respeito de Yehudah declarou:

"O cetro não se arredará de Yehudah, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha Shiloh; e a ele obedecerão os povos." Bereshit 49:10

Essa passagem tornou-se um dos principais textos messiânicos do Judaísmo.

Diversos Targumim traduzem "Shiloh" como uma referência direta ao Rei Mashiach. A mesma expectativa aparece em Bereshit Rabbah 98, Targum Onkelos, Targum Neofiti e em comentários preservados na tradição rabínica.

Nos Manuscritos do Mar Morto, a esperança de um governante davídico encontra-se refletida em textos como 4Q252, 4Q174 e 4Q285.

V – A aliança com David

O desenvolvimento da esperança messiânica alcança novo estágio quando Elohim estabelece Sua aliança com David.

O profeta Natan declarou:

"Quando teus dias se cumprirem... estabelecerei depois de ti o teu descendente... Firmarei para sempre o trono do seu reino." II Shemuel 7:12–13

A partir desse momento, o Mashiach passa a ser esperado como descendente de David.

Os profetas retomam continuamente essa promessa (cf. Yeshayahu 9:6–7; 11:1–10; Yirmeyahu 23:5–6; Yechezkel 34:23–24; 37:24–28).

No período do Segundo Templo, essa expectativa tornou-se ainda mais intensa, sendo claramente observada nos Salmos de Salomão 17–18, em 4QFlorilégio (4Q174) e em outros documentos qumrânicos.

VI – A expectativa messiânica no Judaísmo do Segundo Templo

Quando Yeshua nasceu, Israel já aguardava o Mashiach havia séculos.

Não existia, porém, uma única expectativa messiânica.

Alguns grupos aguardavam um rei descendente de David.

Outros esperavam um sacerdote semelhante a Aharon.

A comunidade de Qumran parece ter esperado duas figuras messiânicas complementares: uma sacerdotal e outra real (cf. Regra da Comunidade – 1QS IX; Documento de Damasco XII).

Em 1 Enoque 48; 62–63, o "Filho do Homem" é apresentado como escolhido antes da criação para exercer juízo sobre as nações.

O texto 4Q521 associa a era messiânica à cura dos enfermos, libertação dos cativos e anúncio das boas novas aos pobres, temas que aparecem posteriormente no ministério de Yeshua.

Já 11Q13 (Melquisedeque) descreve uma figura escatológica ligada ao juízo, ao perdão e à libertação do povo de Elohim.

Essas fontes demonstram que a expectativa messiânica era extremamente rica e diversificada antes do surgimento do movimento nazareno.

VII – O cumprimento da promessa

Segundo os Ketuvim Netzarim, Yeshua é apresentado como o descendente prometido nas Escrituras.

O anúncio feito a Miryam afirma:

"Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Eterno Elohim lhe dará o trono de David, seu pai; reinará sobre a casa de Yaakov para sempre, e o seu Reino não terá fim." Lucas 1:32–33

Devemos compreender que Yeshua inaugurou a restauração prometida pelos profetas em sua primeira vinda e consumará plenamente o Reino Messiânico em sua segunda manifestação, quando todas as promessas feitas a Israel alcançarão seu cumprimento definitivo.

Conclusão

A esperança messiânica nasce na Torá, desenvolve-se nos Profetas, é aprofundada pela literatura judaica do Segundo Templo e encontra sua realização inicial em Yeshua HaMashiach. Compreender essa trajetória é essencial para interpretar corretamente a missão do Mashiach dentro do contexto histórico e religioso de Israel, preservando a primazia da Torá e reconhecendo o valor histórico das demais fontes antigas.

Essa será a linha editorial da coleção: um texto contínuo, com citações diretas das Escrituras, referências a fontes antigas para aprofundamento e uma distinção clara entre a autoridade normativa da Torá e o valor histórico das demais tradições. Isso proporcionará uma obra sólida tanto para formação interna quanto para estudo acadêmico.

LIÇÃO 2: OS SÍMBOLOS DO MASHIACH NA TORÁ - As Sombras Proféticas do Plano da Redenção

Versículo-chave

"Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado." I Coríntios 10:11

Objetivos da Lição

Ao final desta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. Compreender o conceito bíblico de símbolo, figura e sombra na Torá;
2. Identificar os principais símbolos messiânicos presentes no Pentateuco;
3. Reconhecer como esses símbolos foram compreendidos no Judaísmo do Segundo Templo;
4. Perceber o desenvolvimento da tipologia messiânica nas Escrituras.

Introdução

A Torá não apresenta apenas mandamentos, leis e narrativas históricas. Grande parte de seus relatos possui também um profundo caráter pedagógico e profético. Pessoas, objetos, instituições, festas e acontecimentos históricos frequentemente antecipam realidades futuras por meio de figuras e símbolos.

Na literatura judaica esse método interpretativo tornou-se conhecido posteriormente como remez (alusão) e tipologia, embora o próprio texto bíblico já demonstre essa forma de construção literária muito antes da sistematização rabínica.

Os autores dos Ketuvim Netzarim frequentemente interpretam acontecimentos da Torá como figuras que apontam para eventos posteriores relacionados ao Mashiach. Entretanto, compreende-se que tais símbolos não substituem o sentido histórico original da narrativa, mas acrescentam um nível profético à revelação.

A literatura do Segundo Templo também preserva numerosas interpretações simbólicas da Torá. Obras como Jubileus, 1 Enoque, 4QFlorilégio (4Q174), 11Q13 (Melquisedeque) e diversos comentários encontrados em Qumran demonstram que a interpretação tipológica já fazia parte do pensamento judaico séculos antes da destruição do Segundo Templo.

I – O que são símbolos messiânicos?

A palavra "símbolo" deriva do grego *symbolon*, indicando um sinal que representa uma realidade maior. No contexto bíblico, entende-se que determinados acontecimentos históricos da Torá, além de sua função imediata, apontam para aspectos do plano redentor de Elohim.

O próprio Yeshua ensinou que as Escrituras testemunham a seu respeito.

"Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim." Yochanan (João) 5:39

Após a ressurreição, ao encontrar os discípulos no caminho de Emaús, também se registra:

"E, começando por Moshe e por todos os Profetas, explicou-lhes o que dele constava em todas as Escrituras." Lucas 24:27

Essas declarações indicam que a esperança messiânica não se limita às profecias explícitas, mas também se manifesta por meio de figuras e padrões narrativos distribuídos ao longo da Torá.

Fontes para aprofundamento: Lucas 24:44-47; Hebreus 8–10; Jubileus 1; 4Q174; Mekhilta de Rabbi Ishmael.

II – Adam como figura da humanidade restaurada

A narrativa da criação apresenta Adam como o primeiro representante da humanidade.

"Criou Elohim o homem à sua imagem, à imagem de Elohim o criou; homem e mulher os criou." Bereshit 1:27

Adam recebeu autoridade sobre a criação, porém perdeu essa condição em razão da transgressão.

Nos Ketuvim Netzarim, Shaul estabelece um paralelo entre Adam e Yeshua.

"Porque, assim como em Adam todos morrem, assim também em Mashiach todos serão vivificados." I Coríntios 15:22

Compreende-se que Adam representa o início da humanidade, enquanto Yeshua inaugura uma nova etapa da história da redenção. Não se trata de uma identidade entre ambos, mas de uma relação tipológica: o primeiro introduz a mortalidade; o segundo anuncia a restauração da vida.

A literatura judaica também associa Adam ao propósito original da criação e à futura restauração da humanidade (cf. Jubileus 3; 1 Enoque 85; 2 Baruque 17–19).

III – Hevel (Abel): o justo perseguido

O primeiro justo assassinado nas Escrituras é Hevel.

"A voz do sangue de teu irmão clama a mim desde a terra." Bereshit 4:10

Hevel oferece um sacrifício aceito por Elohim e sofre violência por causa de sua fidelidade.

Os Ketuvim Netzarim utilizam sua figura para demonstrar a continuidade da perseguição contra os justos.

"Desde o sangue do justo Hevel até o sangue de Zecharyah..." Mattityahu 23:35

Compreende-se que Hevel simboliza todos os justos perseguidos ao longo da história de Israel e prefigura o sofrimento experimentado pelo próprio Mashiach.

Fontes para aprofundamento: Hebreus 11:4; 12:24; Jubileus 4; Testamento de Levi 18.

IV – Noach e a salvação por meio da arca

A arca construída por Noach representa um dos maiores símbolos de preservação encontrados na Torá.

"Faze para ti uma arca de madeira..." Bereshit 6:14

Enquanto o juízo alcançou toda a terra, Noach e sua família foram preservados.

Compreende-se que a arca simboliza a proteção providenciada por Elohim durante o juízo, tornando-se paradigma da salvação concedida aos que permanecem fiéis.

A literatura de Qumran frequentemente compara a comunidade dos justos a um remanescente preservado em meio ao julgamento divino (cf. Documento de Damasco; Regra da Comunidade 1QS; 1 Enoque 67–68).

V – Yitzchak e o filho oferecido

Entre todos os símbolos da Torá, poucos possuem tanta relevância quanto a Aqedá (o ligamento de Yitzchak).

"Toma agora teu filho, teu único, a quem amas, Yitzchak..." Bereshit 22:2

A narrativa enfatiza: o filho amado; a obediência do pai; a disposição do filho; o monte do sacrifício; a provisão de Elohim.

O texto, entretanto, também deixa claro que Elohim não permitiu a morte de Yitzchak.

No lugar do filho foi oferecido um carneiro.

Compreende-se que essa narrativa estabelece um padrão teológico: Elohim provê o sacrifício necessário para preservar a vida.

A Aqedá tornou-se uma das passagens mais comentadas da tradição judaica (cf. Jubileus 17–18; Mishná Ta'anit 2:4; Bereshit Rabbah 56; Targum Pseudo-Jônatas sobre Bereshit 22).

VI – Yosef: o justo rejeitado e exaltado

A história de Yosef apresenta diversos elementos que a tradição judaica e os Ketuvim Netzarim interpretam em chave messiânica.

Yosef: foi rejeitado por seus irmãos; vendido por moedas de prata; sofreu injustamente; foi exaltado entre as nações; tornou-se instrumento para salvar sua própria família durante a fome.

A Escritura declara:

"Vós intentastes o mal contra mim; porém Elohim o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida." Bereshit 50:20

Compreende-se que Yosef constitui uma das figuras mais completas do Mashiach sofredor. Por essa razão, desenvolveu-se posteriormente, em parte da tradição judaica, a expectativa de um Mashiach ben Yosef, distinto do Mashiach ben David. Essa ideia aparece em fontes rabínicas posteriores e dialoga com expectativas presentes no Judaísmo do Segundo Templo, embora não seja formulada dessa maneira na Torá.

Fontes para aprofundamento: Testamento de Yosef; Testamento de Benyamin; Sucá 52a; Targum sobre Bereshit 49; Pesikta Rabbati 36.

Conclusão

Os símbolos messiânicos da Torá não anulam o sentido histórico dos acontecimentos, mas ampliam sua dimensão teológica. Adam, Hevel, Noach, Yitzchak e Yosef revelam padrões que apontam para a ação redentora de Elohim na história. Compreende-se que esses símbolos são progressivamente desenvolvidos ao longo dos Profetas, dos Escritos e da literatura judaica do Segundo Templo, preparando o leitor para compreender a missão do Mashiach dentro do contexto da revelação bíblica.

Questões para estudo

1. O que caracteriza um símbolo messiânico na Torá?
2. Como Yeshua interpreta o testemunho das Escrituras acerca de si mesmo?
3. Em que sentido Adam pode ser compreendido como figura tipológica?
4. Qual o significado da morte de Hevel para a história da redenção?
5. Como a arca de Noach ilustra a preservação providenciada por Elohim?
6. Quais elementos da Aqedá apontam para temas centrais da redenção?
7. Por que a história de Yosef ocupa lugar de destaque na tipologia messiânica?
8. Como a literatura do Segundo Templo desenvolveu a interpretação simbólica da Torá?
9. Qual a contribuição dos Manuscritos do Mar Morto para a compreensão da esperança messiânica?
10. Por que é importante distinguir entre o sentido histórico do texto e sua dimensão tipológica?

LIÇÃO 3: O NASCIMENTO DE YESHUA HAMASHIACH - O Cumprimento das Promessas Messiânicas no Contexto do Judaísmo do Segundo Templo

Versículo-chave

"Mas tu, Beit Lechem Efratah, pequena demais para figurar entre os milhares de Yehudah, de ti me sairá aquele que há de governar Israel; e suas origens são desde os dias da antiguidade." Mikhah (Miqueias) 5:2

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o contexto histórico do nascimento de Yeshua;
2. identificar as principais profecias relacionadas ao nascimento do Mashiah;
3. analisar o significado da genealogia messiânica;
4. compreender o nascimento de Yeshua dentro da expectativa judaica do Segundo Templo;
5. distinguir os dados bíblicos das tradições desenvolvidas posteriormente.

Introdução

O nascimento de Yeshua representa um dos acontecimentos mais conhecidos da história, mas também um dos mais cercados por tradições que nem sempre encontram respaldo nas Escrituras ou nas fontes históricas mais antigas.

Grande parte da iconografia cristã foi construída ao longo dos séculos, incorporando elementos provenientes da tradição popular, da arte medieval e da liturgia, muitas

vezes extrapolando o relato bíblico. Assim, figuras como os "três reis magos", o nascimento em um estábulo isolado, animais ao redor da manjedoura e a celebração em 25 de dezembro tornaram-se parte do imaginário religioso, embora esses detalhes não sejam afirmados pelo texto bíblico.

Compreende-se que o estudo do nascimento de Yeshua deve partir do contexto histórico do Judaísmo do Segundo Templo, analisando as profecias messiânicas, os costumes judaicos e as informações preservadas nas Escrituras.

Além disso, diversos escritos judaicos anteriores ao nascimento de Yeshua demonstram que Israel aguardava intensamente a manifestação do Mashiach. Essa expectativa encontra-se em 1 Enoque 48; 62–63, Salmos de Salomão 17–18, Testamento de Levi 18, Testamento de Judá 24, 4Q174 (Florilégio Messiânico), 4Q246, 4Q252 e outros documentos encontrados em Qumran.

I – O tempo determinado por Elohim

As Escrituras apresentam a história como conduzida pela providência de Elohim. O nascimento do Mashiach não ocorreu por acaso, mas dentro de um tempo previamente estabelecido.

Shaul escreve:

"Vindo, porém, a plenitude do tempo, Elohim enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Torá." Gálatas 4:4

A expressão "plenitude do tempo" indica o momento oportuno determinado por Elohim para o cumprimento de Suas promessas.

Naquele período, Israel encontrava-se sob domínio romano. Herodes, o Grande, governava a Judeia como rei cliente de Roma, enquanto diferentes correntes religiosas — fariseus, saduceus, essênios e zelotes — aguardavam, cada uma à sua maneira, a intervenção divina na história.

Flávio Josefo registra que havia forte expectativa por um governante oriundo da Judeia (*Guerras dos Judeus* 6.5.4; *Antiguidades Judaicas* 17.6). O historiador romano Suetônio também menciona uma antiga crença oriental segundo a qual um governante surgiria da Judeia (*Vida de Vespasiano* 4).

II – A genealogia do Mashiach

As genealogias ocupam papel central nas Escrituras, pois demonstram a continuidade das promessas feitas aos patriarcas.

Mattityahu inicia seu evangelho afirmando:

"Livro da genealogia de Yeshua HaMashiach, filho de David, filho de Avraham." Mattityahu 1:1

Com essa abertura, o autor conecta Yeshua diretamente às duas grandes alianças messiânicas das Escrituras: a promessa feita a Avraham (Bereshit 22:18); a promessa feita a David (II Shemuel 7:12-16).

Já Lucas apresenta uma genealogia que retrocede até Adam (Lucas 3:23-38), ressaltando o alcance universal da missão do Mashiach.

As genealogias preservadas nos evangelhos refletem práticas comuns do Judaísmo do Segundo Templo, período em que os registros familiares eram fundamentais para comprovação da descendência sacerdotal, tribal e davídica (cf. Esdras 2:62; Neemias 7:64).

Creemos que a Genealogia de Matityahu é sem sombras de dúvidas a genealogia de Miriam. Sendo o Yosef destacado, o “guardião” de Miriam e não o Yosef, esposo que é mencionado mais abaixo. A Genealogia de Lucas é a genealogia de Yosef, esposo de Miriam.

III – O nascimento em Beit Lechem

O profeta Mikhah anunciou séculos antes:

"Mas tu, Beit Lechem Efratah... de ti me sairá aquele que governará Israel." Mikhah 5:2

Beit Lechem possuía profundo significado na história de Israel.

Era: cidade de David; região ligada à família de Yishai; local associado à esperança da restauração davídica.

O nascimento do Mashiach nessa cidade estabelece ligação direta com as promessas feitas à casa de David.

O Targum de Miqueias interpreta essa passagem em sentido messiânico, entendimento também preservado em parte da literatura rabínica posterior.

IV – Miryam e Yosef

Os evangelhos apresentam Miryam como descendente de Israel e Yosef como pertencente à linhagem de David.

O anúncio do nascimento afirma:

"Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome Yeshua." Lucas 1:31

O nome **Yeshua (ישוע)** deriva da raiz hebraica **יָשַׁע (yasha')**, relacionada à ideia de salvar, libertar e conceder livramento.

Na cultura judaica, o nome expressava missão, identidade e propósito.

Assim, o nome atribuído ao menino já indicava sua vocação dentro do plano divino.

V – O sinal da jovem em Isaías

Entre as passagens mais discutidas acerca do nascimento do Mashiach encontra-se Isaías 7:14.

O texto declara:

**"Portanto, o próprio Adonai vos dará um sinal: eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Immanuel."
Yeshayahu 7:14**

O termo hebraico 'almah significa "jovem", normalmente em idade de casamento, sem especificar por si só a condição de virgindade. Já a tradução grega da Septuaginta verteu a palavra por parthenos, termo que frequentemente significa "virgem".

Esse aspecto tornou-se objeto de intenso debate entre intérpretes judeus e cristãos ao longo dos séculos. Compreende-se que o contexto imediato da profecia refere-se aos acontecimentos do reinado de Acaz, mas muitos intérpretes também identificam nela uma dimensão escatológica associada ao nascimento do Mashiach.

A literatura judaica preserva diferentes leituras dessa passagem, demonstrando a riqueza interpretativa existente no período antigo.

VI – Os visitantes do Oriente

Mattityahu relata que magos vindos do Oriente chegaram a Yerushalayim perguntando pelo "Rei dos Judeus".

O texto, entretanto, não informa: quantos eram; seus nomes; que fossem reis; que tenham visitado Yeshua na noite do nascimento.

Essas tradições desenvolveram-se séculos mais tarde.

A palavra grega magoi designava sábios ou estudiosos provenientes das regiões orientais, especialmente da Babilônia e da Pérsia.

Sua presença demonstra que a expectativa acerca do nascimento de um grande governante ultrapassava os limites da Judeia.

VII – O anúncio aos pastores

Lucas registra que os primeiros israelitas a receberem o anúncio do nascimento foram pastores que guardavam seus rebanhos durante a noite.

Esse detalhe possui forte significado simbólico.

David também havia sido pastor antes de tornar-se rei.

Além disso, diversos profetas descrevem o futuro governante de Israel como pastor do povo (cf. Yechezkel 34; Zacarias 11).

Compreende-se que a escolha dos pastores reforça o caráter davídico da narrativa e aproxima o nascimento de Yeshua das antigas promessas feitas à casa de David.

VIII – O nascimento de Yeshua e a expectativa messiânica

No primeiro século, Israel aguardava intensamente a manifestação do Ungido.

Os Manuscritos do Mar Morto demonstram que diferentes grupos esperavam um tempo de restauração, juízo e libertação.

Entre os documentos mais relevantes destacam-se: 4Q174 (Florilégio Messiânico); 4Q246 ("Filho de Deus"); 4Q252; 4Q521; 11Q13 (Melquisedeque).

Também os Salmos de Salomão 17–18, 1 Enoque 48; 62–63, Testamento de Levi 18 e Testamento de Judá 24 refletem essa esperança.

Essas fontes evidenciam que o nascimento de um libertador davídico fazia parte do horizonte religioso do Judaísmo do Segundo Templo, ainda que existissem diferentes concepções sobre sua identidade e missão.

Conclusão

O nascimento de Yeshua deve ser compreendido à luz das promessas da Torá, do testemunho dos Profetas e do contexto histórico do Judaísmo do Segundo Templo. As genealogias, a cidade de Beit Lechem, a linhagem davídica e a expectativa messiânica preservada nas antigas fontes judaicas convergem para apresentar Yeshua como inserido na história da esperança de Israel.

Ao mesmo tempo, o estudo histórico permite distinguir o relato bíblico das tradições desenvolvidas posteriormente, valorizando a riqueza das Escrituras e das fontes antigas sem lhes atribuir elementos que não afirmam. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais precisa do nascimento do Mashiah e de seu significado na história da redenção.

Questões para estudo

1. O que significa a expressão "plenitude do tempo" em Gálatas 4:4?
2. Qual a importância das genealogias para a identificação do Mashiach?
3. Por que Beit Lechem ocupa lugar central nas promessas messiânicas?
4. Qual o significado do nome Yeshua?
5. Como Isaías 7:14 foi interpretado ao longo da história judaica e cristã?
6. O texto bíblico afirma que os visitantes do Oriente eram reis? Explique.
7. Qual o simbolismo dos pastores na narrativa do nascimento?
8. Que evidências da expectativa messiânica aparecem nos Manuscritos do Mar Morto?
9. Como os escritos do Segundo Templo contribuem para compreender o contexto do nascimento de Yeshua?
10. Por que é importante distinguir entre o relato bíblico e as tradições posteriores?

LIÇÃO 4: TRADIÇÕES E FATOS HISTÓRICOS SOBRE YESHUA - Uma Análise das Tradições Religiosas à Luz das Escrituras e das Fontes Antigas

Versículo-chave

"Nada acrescentareis à palavra que vos ordeno, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Eterno vosso Elohim." Devarim (Deuteronômio) 4:2

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender a diferença entre tradição e revelação escrita;
2. distinguir os relatos bíblicos das tradições desenvolvidas posteriormente;
3. conhecer o contexto histórico do Judaísmo do Segundo Templo;
4. analisar criticamente antigas tradições relacionadas à infância de Yeshua;
5. reconhecer a importância das fontes históricas para o estudo do Mashiach.

Introdução

Desde o primeiro século, a vida de Yeshua passou a ser objeto de inúmeras tradições religiosas. Algumas delas surgiram no próprio ambiente judaico, outras desenvolveram-se entre comunidades cristãs e muitas foram incorporadas séculos depois pela tradição medieval.

Essas tradições influenciaram profundamente a arte, a liturgia e a cultura ocidental. Entretanto, nem todas encontram fundamento nas Escrituras ou nas fontes históricas mais antigas.

Compreende-se que a investigação histórica exige distinguir cuidadosamente entre o texto bíblico, as interpretações judaicas antigas, os escritos apócrifos, as tradições rabínicas e os desenvolvimentos posteriores da religião cristã.

O próprio Judaísmo preservou uma rica tradição oral. Entretanto, tanto a Torá quanto os Profetas advertiram repetidas vezes que nenhuma tradição humana poderia substituir ou contradizer a revelação de Elohim.

I – A autoridade da Torá diante das tradições

Moshe advertiu Israel:

"Nada acrescentareis à palavra que vos ordeno, nem diminuireis dela..." Devarim 4:2

Mais tarde afirmou novamente:

"Tudo o que eu vos ordeno observareis para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás." Devarim 12:32 (13:1 no texto hebraico)

Essas passagens estabelecem um importante princípio hermenêutico.

Toda tradição deve ser examinada à luz da revelação escrita.

Quando uma tradição confirma ou esclarece aspectos históricos das Escrituras, pode possuir valor histórico.

Quando contradiz claramente o texto bíblico, não deve ser recebida como doutrina.

Esse mesmo princípio aparece em diversos documentos de Qumran, especialmente na Regra da Comunidade (1QS) e no Documento de Damasco (CD), onde se enfatiza a necessidade de retornar à correta interpretação da Torá.

II – A tradição oral no Judaísmo

Durante o período do Segundo Templo, grande parte do ensino religioso era transmitida oralmente.

Rabinos, escribas e mestres preservavam interpretações recebidas de gerações anteriores.

Após a destruição do Segundo Templo (70 E.C), essas tradições foram gradualmente organizadas na Mishná e, posteriormente, desenvolvidas no Talmude.

Compreende-se que a tradição oral desempenhou papel importante na preservação de costumes, decisões jurídicas e interpretações bíblicas.

Entretanto, diferentes escolas judaicas frequentemente discordavam entre si.

Fariseus, saduceus, essênios e outros grupos possuíam interpretações distintas acerca da Torá, do Templo, da ressurreição, dos anjos e do próprio Mashiah.

Fontes para aprofundamento: Mishná Avot 1:1; Tosefta Sanhedrin; Documento de Damasco; Regra da Comunidade; Josefo, *Antiguidades Judaicas* XIII.

III – Yeshua e as tradições religiosas

Os Evangelhos registram diversos debates entre Yeshua e alguns grupos religiosos de sua época.

Em uma dessas ocasiões declarou:

"Bem invalidais o mandamento de Elohim para guardardes a vossa tradição." Marcos 7:9

O contexto demonstra que Yeshua não condenava toda tradição.

Ele próprio frequentava a sinagoga (Lucas 4:16), celebrava as festas estabelecidas pela Torá (João 2:13; 7:2-14; 10:22) e utilizava métodos tradicionais de ensino rabínico.

Sua crítica dirigia-se às tradições que anulavam ou obscureciam os mandamentos de Elohim.

Compreende-se, portanto, que a tradição possui valor quando auxilia na compreensão da Torá, mas perde sua legitimidade quando substitui ou contradiz a Palavra revelada.

IV – Os chamados "três reis magos"

Entre as tradições mais conhecidas está a ideia de que três reis visitaram Yeshua.

Entretanto, o Evangelho de Mattityahu afirma apenas:

"Eis que uns magos vieram do Oriente a Yerushalayim." Mattityahu 2:1

O texto não informa: quantos eram; que fossem reis; seus nomes; sua nacionalidade.

A ideia de que seriam três surgiu posteriormente em razão dos três presentes: ouro, olíbano (incenso) e mirra.

Os nomes Gaspar, Melchior e Baltazar aparecem apenas em tradições cristãs posteriores.

Compreende-se que esses visitantes eram sábios orientais, provavelmente conhecedores da astronomia e das antigas expectativas messiânicas preservadas na Babilônia e na Pérsia.

Fontes para aprofundamento: Mattityahu 2; Protoevangelho de Tiago; Evangelho da Infância Armênio; Orígenes, *Contra Celso* I.58.

V – A estrela de Beit Lechem

A estrela constitui outro elemento cercado por interpretações.

Mattityahu registra:

**"Vimos a sua estrela no Oriente e viemos homenageá-lo."
Mattityahu 2:2**

Ao longo da história foram propostas diversas explicações.

Alguns sugerem: conjunções planetárias; cometas; supernovas; fenômenos sobrenaturais.

Nenhuma dessas hipóteses pode ser demonstrada com absoluta certeza.

Alguns estudiosos relacionam o relato à profecia de Balaão:

**"Uma estrela procederá de Yaakov; um cetro se levantará de Israel."
Bamidbar (Números) 24:17**

Essa passagem já era interpretada messianicamente em parte da tradição judaica, inclusive nos Manuscritos do Mar Morto (cf. Documento de Damasco VII; 4Q175).

VI – A manjedoura e o local do nascimento

É comum imaginar Yeshua nascendo em um estábulo isolado.

Entretanto, Lucas afirma apenas:

"E o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria." Lucas 2:7

A palavra grega *katalyma* pode designar uma sala de hóspedes ou aposento destinado aos visitantes.

Casas judaicas frequentemente possuíam espaço para animais domésticos no piso inferior.

Assim, compreende-se que o nascimento pode ter ocorrido em uma residência familiar, onde a manjedoura servia de local apropriado para acomodar o recém-nascido.

Essa interpretação é defendida por diversos arqueólogos e especialistas em arquitetura doméstica judaica do primeiro século.

Fontes para aprofundamento: Lucas 22:11; Marcos 14:14; Kenneth Bailey, *Jesus Through Middle Eastern Eyes*.

VII – A data do nascimento

As Escrituras não registram o dia nem o mês do nascimento de Yeshua.

A celebração em 25 de dezembro aparece apenas séculos depois.

Diversas hipóteses foram propostas: primavera; verão; outono.

Entre estudiosos do Judaísmo do Segundo Templo, muitos associam o nascimento ao mês de Etanim (Tishrei), relacionando-o ao turno sacerdotal de Zechariah (Lucas 1; I Crônicas 24).

Outros defendem datas diferentes.

Compreende-se que a ausência de uma data explícita nas Escrituras demonstra que o propósito dos autores bíblicos não era estabelecer uma festividade anual, mas testemunhar o cumprimento das promessas messiânicas.

No Livro de II Enoque (Segredos de Enoque) afirma que o justo geralmente nasce e morre na mesma data ou aproximada a ela. De acordo com esta tradição enoqueana, possivelmente Yeshua nasceu no período da Primavera em Aviv e faleceu aproximadamente na mesma data para cumprir com a profecia do Cordeiro da Pessach.

VIII – Os evangelhos da infância

Nos séculos II e III surgiram diversos escritos conhecidos como Evangelhos da Infância.

Entre eles destacam-se: Protoevangelho de Tiago; Evangelho da Infância de Tomé; Evangelho Árabe da Infância; Evangelho do Pseudo-Mateus.

Esses documentos preservam antigas tradições populares sobre a infância de Miryam e de Yeshua.

Embora possuam valor histórico para compreender o desenvolvimento da devoção messiânica, apresentam elementos claramente lendários e não devem ser utilizados como base doutrinária.

IX – O testemunho das fontes históricas

Além dos Evangelhos, alguns autores antigos fazem referência a Yeshua ou ao movimento dos seus discípulos.

Entre eles destacam-se: Flávio Josefo (*Antiguidades Judaicas* XVIII e XX); Tácito (*Anais* XV.44); Suetônio (*Vida de Cláudio* 25); Plínio, o Jovem (*Cartas* X.96); Mara bar Serápion; referências preservadas no Talmude Babilônico (Sanhedrin 43a; 107b; Sotah 47a), embora redigidas posteriormente e refletindo debates judaicos com o movimento cristão. Esses testemunhos demonstram que Yeshua pertence à história e não apenas à tradição religiosa.

Conclusão

O estudo histórico permite compreender Yeshua dentro do ambiente do Judaísmo do Segundo Templo, distinguindo cuidadosamente entre os dados preservados nas Escrituras, as tradições judaicas antigas, os escritos apócrifos e os desenvolvimentos posteriores da história cristã.

Compreende-se que a investigação das fontes fortalece a leitura das Escrituras, desde que a Torá permaneça como fundamento da interpretação. Assim, tradição e história tornam-se instrumentos úteis para contextualizar o texto bíblico, sem substituir sua autoridade.

Questões para estudo

1. Qual é o princípio estabelecido por Devarim acerca da autoridade da revelação?
2. Qual foi o papel da tradição oral no Judaísmo do Segundo Templo?
3. Como Yeshua diferenciou tradição legítima de tradição que invalida a Torá?
4. O texto bíblico afirma que os visitantes do Oriente eram três reis? Explique.
5. Quais interpretações existem para a estrela mencionada por Mattityahu?
6. O que significa a palavra grega *katalyma* no contexto do nascimento de Yeshua?
7. Por que não é possível afirmar biblicamente que Yeshua nasceu em 25 de dezembro?
8. Qual o valor histórico dos evangelhos da infância?
9. Quais autores não cristãos mencionam Yeshua ou seus seguidores?
10. Por que é importante distinguir entre Escritura, tradição e reconstrução histórica?

LIÇÃO 5: YESHUA NASCEU DURANTE SUCOT? - Uma Análise Bíblica, Histórica e Cronológica sobre a Época do Nascimento do Mashiach

Versículo-chave

"A Palavra tornou-se carne e habitou entre nós; vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade." Yochanan (João) 1:14

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender por que as Escrituras não informam a data exata do nascimento de Yeshua;
2. analisar as principais hipóteses propostas ao longo da história;
3. estudar o turno sacerdotal de Zecharyah e sua importância cronológica;
4. compreender os argumentos favoráveis e contrários ao nascimento durante Sucot;
5. distinguir evidências bíblicas de conjecturas históricas.

Introdução

Poucos temas despertam tanto interesse quanto a data do nascimento de Yeshua HaMashiach. Desde os primeiros séculos da Era Comum, diferentes comunidades procuraram estabelecer o período em que esse acontecimento ocorreu. Entretanto, as Escrituras nunca registram o dia nem o mês do nascimento.

A celebração em 25 de dezembro somente aparece na documentação cristã do século IV, não possuindo fundamento direto nos textos bíblicos. Diversos estudiosos propuseram outras datas, situando o nascimento na primavera, no verão ou no outono.

Entre essas hipóteses, destaca-se a que relaciona o nascimento de Yeshua à Festa de Sucot (Tabernáculos), fundamentando-se na cronologia de Lucas, nos turnos sacerdotais descritos em I Crônicas 24 e na expressão "habitou entre nós" (*eskēnōsen*, "tabernaculou") utilizada por Yochanan. Outra Hipótese, seria próximo a data da sua morte, pois em II Enoque afirma que o justo morre na mesma data em que nasceu, ou próximo a ela.

Compreende-se, entretanto, que nenhuma dessas hipóteses pode ser demonstrada com absoluta certeza. O estudo deve, portanto, distinguir cuidadosamente entre os dados fornecidos pelas Escrituras, as reconstruções cronológicas e as interpretações desenvolvidas pela tradição.

I – As Escrituras não revelam a data do nascimento

Os Evangelhos de Mattityahu e Lucas descrevem o nascimento de Yeshua com riqueza de detalhes históricos, porém nenhum deles informa o dia ou o mês em que ocorreu.

Essa ausência não deve ser entendida como uma omissão acidental. Os autores concentraram sua atenção na identidade do Mashiach e no cumprimento das promessas divinas, e não na instituição de uma comemoração anual.

Compreende-se que, se a data fosse essencial para a fé ou para a observância religiosa, provavelmente teria sido preservada pelas Escrituras.

Nos escritos dos Ketuvim Netzarim também não há qualquer registro de discípulos celebrando o nascimento de Yeshua.

II – A origem da celebração de 25 de dezembro

A tradição de celebrar o nascimento de Yeshua em 25 de dezembro surgiu vários séculos após os acontecimentos narrados nos Evangelhos.

Diversos historiadores relacionam essa escolha à cristianização de festividades já existentes no Império Romano, especialmente as celebrações do Sol Invictus e das Saturnálias.

Outros estudiosos entendem que a data foi calculada simbolicamente a partir de antigas tradições cristãs relacionadas à concepção ou à morte de Yeshua.

Independentemente da origem exata, compreende-se que essa data não pode ser demonstrada pelas Escrituras.

Fontes para aprofundamento: Hipólito de Roma (*Comentário sobre Daniel*); Sexto Júlio Africano; João Crisóstomo; Eusébio de Cesareia; *Cronógrafo de 354*.

III – O turno sacerdotal de Zechariah

Lucas informa que Zechariah pertencia ao turno sacerdotal de **Aviya (Abias)**.

"Houve nos dias de Herodes... um sacerdote chamado Zechariah, da ordem de Aviya." Lucas 1:5

Os turnos sacerdotais haviam sido organizados por David.

"O oitavo, a Aviya." I Crônicas 24:10

Cada turno servia periodicamente no Templo de Yerushalayim.

Se a sequência anual dos turnos tivesse permanecido inalterada, seria possível estimar aproximadamente a época em que ocorreu o anúncio do nascimento de Yochanan.

Entretanto, diversos fatores históricos dificultam essa reconstrução: interrupções do serviço sacerdotal; reformas posteriores; calendário utilizado; destruição e reconstrução do Templo.

Por esse motivo, diferentes cronologias chegam a resultados distintos.

IV – O nascimento de Yochanan

Lucas registra que Elisheva concebeu após o término do serviço sacerdotal de seu marido.

"Depois daqueles dias, Elisheva, sua mulher, concebeu..." Lucas 1:24

Seis meses mais tarde, o anjo Gavri'el visitou Miryam.

"No sexto mês foi o anjo Gavri'el enviado por Elohim..." Lucas 1:26

Essa informação permite estabelecer uma relação aproximada entre os nascimentos de Yochanan e Yeshua.

Dependendo da cronologia adotada para o turno de Aviyah, alguns estudiosos situam o nascimento de Yeshua no início do outono, enquanto outros propõem períodos diferentes.

V – A hipótese de Sucot

Entre as diversas propostas cronológicas, uma das mais conhecidas relaciona o nascimento de Yeshua à Festa de Sucot.

Os principais argumentos são:

1. "Habitou entre nós"

Yochanan escreve:

"A Palavra tornou-se carne e habitou entre nós..." Yochanan 1:14

O verbo grego eskēnōsen deriva de skēnē, "tenda", "tabernáculo".

Alguns intérpretes entendem que Yochanan faz uma alusão intencional à Festa dos Tabernáculos.

Entretanto, o verbo também pode simplesmente significar "habitar", "residir" ou "estabelecer morada". Assim, essa passagem, por si só, não demonstra a época do nascimento.

2. A plenitude da habitação divina

Sucot celebrava a presença de Elohim no meio de Israel durante a peregrinação pelo deserto.

A literatura profética também associa essa festa ao Reino Messiânico.

"Todos os sobreviventes das nações... subirão de ano em ano para adorar o Rei... e celebrarão a Festa dos Tabernáculos." Zecharyah 14:16

Compreende-se que a associação entre a habitação de Elohim e o nascimento do Mashiach possui profundo significado teológico.

3. O simbolismo da festa

Sucot representa: a presença de Elohim; a alegria da colheita; o descanso após a peregrinação; a esperança do Reino futuro.

Diversos estudiosos observam que esses temas aparecem também nos escritos messiânicos.

VI – Argumentos contrários

Embora a hipótese de Sucot seja amplamente conhecida, também existem objeções importantes.

Entre elas: não existe declaração explícita nas Escrituras; a cronologia dos turnos sacerdotais permanece debatida; o calendário utilizado no primeiro século apresenta dificuldades de reconstrução; diferentes reconstruções cronológicas conduzem a meses distintos.

Compreende-se, portanto, que Sucot constitui uma hipótese plausível, mas não uma conclusão definitiva.

VII – O testemunho do Judaísmo do Segundo Templo

Os documentos do período do Segundo Templo demonstram grande interesse pelo calendário sagrado.

Os Manuscritos do Mar Morto preservam calendários completos utilizados pela comunidade de Qumran.

Entre eles destacam-se: 1 Enoque 72–82; Jubileus 6; 4Q319; 4Q320; 4Q321 ; 4Q325; Rolo do Templo

Esses documentos revelam que havia intenso debate acerca da correta contagem dos tempos determinados por Elohim.

Embora nenhum deles mencione o nascimento do Mashiach, demonstram a importância atribuída ao calendário e às festas bíblicas.

VIII – O significado mais importante

Independentemente da época exata do nascimento, os Evangelhos enfatizam outro aspecto.

O centro da narrativa não é a data.

É o cumprimento das promessas feitas a Avraham, David e aos profetas.

Yeshua nasce: na linhagem de David; em Beit Lechem; durante o governo de Herodes; em cumprimento às promessas messiânicas.

Compreende-se que esses elementos possuem importância teológica muito maior do que a determinação do dia exato do nascimento.

Conclusão

As Escrituras não revelam a data do nascimento de Yeshua, e nenhuma hipótese cronológica pode ser considerada definitiva. A associação com a Festa de Sucot apresenta argumentos históricos, linguísticos e teológicos relevantes, especialmente quando considerada em conjunto com a cronologia de Lucas e o simbolismo da presença de Elohim entre Seu povo. Todavia, esses elementos permanecem no campo das reconstruções históricas.

O foco principal dos Evangelhos está no cumprimento das promessas messiânicas e na manifestação do propósito redentor de Elohim. Assim, o nascimento do Mashiach deve ser compreendido prioritariamente como o início visível do cumprimento da esperança anunciada pela Torá e pelos Profetas.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: I Crônicas 24; Miqueias 5:2; Lucas 1–2; João 1; Gálatas 4:4; Zacarias 14

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 72–82; Jubileus 6; Rolo do Templo; 4Q319–4Q325 (Calendários de Qumran)

Literatura Rabínica: Mishná Sucá; Tosefta Sucá; Talmude Bavli, Sucá

Fontes Históricas: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*; Hipólito de Roma; Eusébio de Cesareia; João Crisóstomo

Questões para estudo

1. Por que os Evangelhos não informam a data do nascimento de Yeshua?

2. Quando surgiu a tradição de celebrar o nascimento em 25 de dezembro?
3. Qual a importância do turno sacerdotal de Zecharyah para a cronologia proposta por alguns estudiosos?
4. Como Lucas relaciona os nascimentos de Yochanan e Yeshua?
5. Qual o significado do verbo *eskēnōsen* em João 1:14?
6. Quais argumentos sustentam a hipótese de um nascimento durante Sucot?
7. Quais são as principais objeções a essa hipótese?
8. O que os calendários de Qumran revelam sobre a importância dos tempos determinados por Elohim?
9. Por que o cumprimento das promessas messiânicas é mais relevante do que a data exata do nascimento?
10. Como o estudo histórico pode enriquecer a compreensão das narrativas do nascimento de Yeshua sem ultrapassar os limites do que afirmam as Escrituras?

LIÇÃO 6: A FAMÍLIA DE YESHUA - O Contexto Familiar, Social e Religioso do Mashiach no Judaísmo do Segundo Templo

Versículo-chave

"E Yeshua crescia em sabedoria, em estatura e em favor diante de Elohim e dos homens." Lucas 2:52

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender a importância da família na sociedade judaica do Segundo Templo;
2. identificar os principais membros da família de Yeshua mencionados nas Escrituras;
3. analisar o significado das genealogias messiânicas;
4. compreender o ambiente em que Yeshua foi educado;
5. distinguir os relatos bíblicos das tradições posteriores.

Introdução

O nascimento de Yeshua ocorreu no interior de uma família judaica observante da Torá. Os Evangelhos apresentam Yosef e Miryam como israelitas piedosos que cumpriam os mandamentos, participavam das festas de peregrinação e educavam seus filhos segundo os costumes de Israel.

Ao longo da história, inúmeras tradições surgiram acerca da família de Yeshua. Algumas afirmam que Miryam permaneceu perpetuamente virgem; outras defendem

que os "irmãos" mencionados nos Evangelhos seriam apenas primos ou filhos de um casamento anterior de Yosef. Em contraste, a leitura direta das Escrituras apresenta uma família inserida na vida comum da sociedade judaica do primeiro século.

Compreende-se que o estudo da família de Yeshua deve considerar não apenas os relatos dos Evangelhos, mas também o contexto histórico do Judaísmo do Segundo Templo, a organização familiar israelita e as fontes antigas que descrevem os costumes da época.

I – A família como fundamento da vida em Israel

A família ocupava posição central na organização da sociedade israelita. A transmissão da fé, da identidade nacional e da observância da Torá ocorria primeiramente dentro do lar.

Moshe ordenou:

"Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa, andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te." Devarim 6:6–7

A educação religiosa era responsabilidade primordial dos pais.

Os filhos aprendiam: a Torá; a história de Israel; as festas estabelecidas por Elohim; o trabalho da família; a vida comunitária.

Essa estrutura permaneceu praticamente inalterada durante todo o período do Segundo Templo.

Fontes para aprofundamento: Jubileus 21; Sirácida 3; Mishná Avot; Josefo, *Contra Apíão* II.

II – Yosef e Miryam

Os Evangelhos apresentam Yosef como descendente da casa de David.

"Yosef, da casa de David..." Lucas 1:27

Mattityahu e Lucas preservam genealogias distintas, ambas relacionadas à descendência davídica.

Diversas interpretações procuram explicar essas diferenças.

Entre as hipóteses mais conhecidas destacam-se: uma genealogia legal e outra biológica; uma pertencente a Yosef e outra a Miryam; aplicação da lei do levirato em determinadas gerações.

Compreende-se que ambas possuem o propósito principal de demonstrar a ligação de Yeshua com a casa de David, ainda que apresentem estruturas diferentes.

Miryam aparece como mulher piedosa, obediente à vontade de Elohim e participante ativa da vida religiosa de Israel.

Os Evangelhos registram que ela: apresentou Yeshua no Templo (Lucas 2:22-24); participava anualmente da peregrinação a Yerushalayim (Lucas 2:41); estava presente no início do ministério público (João 2:1-5); permaneceu próxima de Yeshua durante seu sacrifício (João 19:25).

III – A profissão de Yosef

Mattityahu registra:

"Não é este o filho do carpinteiro?" Mattityahu 13:55

Já Marcos escreve:

"Não é este o carpinteiro?" Marcos 6:3

O termo grego téktōn possui significado mais amplo do que "carpinteiro".

Pode designar: construtor; artesão; trabalhador da madeira; pedreiro; construtor de edificações.

Considerando a intensa atividade construtiva promovida por Herodes na Galileia, especialmente em Séforis, localizada poucos quilômetros de Natzeret, muitos estudiosos entendem que Yosef e posteriormente Yeshua podem ter trabalhado em diferentes tipos de construção.

Fontes para aprofundamento: Josefo, *Antiguidades Judaicas* XV; Mishná Bava Batra; Tosefta Bava Metzia.

IV – Os irmãos e irmãs de Yeshua

Os Evangelhos afirmam:

**"Não é este o carpinteiro, filho de Miryam, irmão de Yaakov, Yosef, Yehudah e Shim'on? E não vivem aqui entre nós suas irmãs?"
Marcos 6:3**

Esse texto menciona nominalmente quatro irmãos e faz referência à existência de irmãs.

Ao longo da história desenvolveram-se três interpretações principais:

1. Irmãos biológicos

Entende-se que seriam filhos de Yosef e Miryam nascidos após Yeshua.

Essa interpretação corresponde ao sentido mais imediato do texto.

2. Filhos de casamento anterior de Yosef

Essa tradição aparece em escritos como o Protoevangelho de Tiago, que apresenta Yosef como viúvo e pai de outros filhos antes do casamento com Miryam.

3. Primos próximos

Alguns intérpretes associam o termo "irmãos" ao uso semítico mais amplo da palavra, que pode designar parentes próximos.

Compreende-se que as Escrituras não desenvolvem essa questão de forma detalhada. O foco dos Evangelhos permanece na missão de Yeshua, e não na composição exata de sua família.

V – A infância de Yeshua

Lucas resume aproximadamente trinta anos da vida de Yeshua em poucas linhas.

"E o menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Elohim estava sobre ele." Lucas 2:40

Mais adiante acrescenta:

"Yeshua crescia em sabedoria, estatura e favor diante de Elohim e dos homens." Lucas 2:52

Essas afirmações revelam um desenvolvimento harmonioso: físico; intelectual; espiritual; social.

Os Evangelhos não descrevem milagres realizados durante sua infância.

Em contraste, alguns evangelhos apócrifos atribuem ao menino Yeshua numerosos milagres fantásticos. Tais relatos surgiram séculos depois e refletem tradições devocionais, não os testemunhos preservados pelos Evangelhos canônicos.

Fontes para aprofundamento: Protoevangelho de Tiago; Evangelho da Infância de Tomé; Evangelho Árabe da Infância.

VI – A educação de Yeshua

Yeshua demonstrou profundo conhecimento das Escrituras.

Lucas registra que, aos doze anos, dialogava com os mestres no Templo.

"Todos os que o ouviam admiravam-se da sua inteligência e das suas respostas." Lucas 2:47

Posteriormente foi reconhecido como mestre.

"Como conhece este homem as Escrituras sem ter estudado?" João 7:15

Essas passagens indicam sólida formação nas Escrituras e grande familiaridade com a tradição interpretativa judaica.

Compreende-se que Yeshua recebeu inicialmente sua instrução no ambiente familiar e, possivelmente, também na sinagoga de Natzeret, conforme o costume da época.

A alfabetização masculina era valorizada no Judaísmo do Segundo Templo, sobretudo para a leitura da Torá.

Fontes para aprofundamento: Mishná Avot; Sirácida 6; Josefo, *Contra Apião* II.

VII – A família durante o ministério

Durante o ministério público, a relação entre Yeshua e seus familiares apresenta momentos de aproximação e de incompreensão.

Os Evangelhos registram que alguns parentes inicialmente não compreenderam sua missão.

"Nem mesmo seus irmãos criam nele." João 7:5

Entretanto, após a ressurreição, observa-se significativa mudança.

Yaakov, irmão de Yeshua, tornou-se uma das principais lideranças da comunidade de Yerushalayim.

Também os irmãos aparecem reunidos com os discípulos.

"Todos perseveravam unânimes em oração... juntamente com Miryam, mãe de Yeshua, e com os irmãos dele." Atos 1:14

Essa transformação demonstra a importância da família no desenvolvimento inicial do movimento nazareno.

VIII – A família de Yeshua na tradição antiga

A literatura cristã primitiva preserva diversas informações sobre os parentes de Yeshua.

Hegésipo (século II) menciona descendentes da família de Yehudah, irmão de Yeshua.

Eusébio de Cesareia preserva relatos sobre os chamados **desposýnoi**, expressão utilizada para designar parentes do Mashiach.

Esses testemunhos mostram que a memória da família de Yeshua permaneceu viva nas primeiras gerações da comunidade messiânica.

Conclusão

Os Evangelhos apresentam Yeshua inserido em uma família judaica observante da Torá, plenamente integrada à sociedade do Segundo Templo. Yosef e Miryam desempenharam papel fundamental em sua formação, transmitindo-lhe a fé, os costumes e a identidade de Israel.

As discussões posteriores acerca dos irmãos de Yeshua ou da composição de sua família refletem diferentes tradições desenvolvidas ao longo da história. As Escrituras, contudo, concentram sua atenção na missão do Mashiach, revelando que seu crescimento ocorreu em um ambiente familiar marcado pela fidelidade à Torá, pela participação nas festas e pela vida comunitária.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: Mateus 1–2; 13:53-58; Marcos 6:1-6; Lucas 1–2; João 2; 7; 19; Atos 1; Gálatas 1

Escritos do Segundo Templo; Jubileus 21; Sirácida 3; Testamento dos Doze Patriarcas (educação familiar)

Literatura Judaica: Mishná Avot; Mishná Kiddushin; Tosefta Kiddushin

Fontes Históricas: Flávio Josefo; Hegésipo; Eusébio de Cesareia (*História Eclesiástica*)

Questões para estudo

1. Qual era o papel da família na transmissão da Torá em Israel?
2. Qual a importância das genealogias de Mateus e Lucas?
3. O que significa o termo grego *téktōn*?
4. Quais são as principais interpretações sobre os irmãos de Yeshua?
5. O que os Evangelhos revelam sobre a infância de Yeshua?
6. Como se compreende sua formação intelectual e religiosa?
7. Qual foi a reação inicial de seus familiares ao seu ministério?
8. Como Yaakov tornou-se uma das principais lideranças da comunidade de Yerushalayim?

9. O que as fontes cristãs antigas relatam sobre os parentes de Yeshua?
10. De que maneira o ambiente familiar contribuiu para a formação do Mashiach?

LIÇÃO 7: A TEVILÁ DE YESHUA - O Significado da Imersão no Judaísmo do Segundo Templo e o Início do Ministério Messiânico

Versículo-chave

"Então Yeshua respondeu: 'Permite por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.' Então Yochanan o permitiu." Mattityahu (Mateus) 3:15

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o significado da **tevilá** no Judaísmo do Segundo Templo;
2. conhecer o ministério de Yochanan HaMatbil (João, o Imersor);
3. compreender por que Yeshua recebeu a tevilá, embora não tivesse cometido pecado;
4. analisar o simbolismo da descida da Ruach HaKodesh;
5. distinguir a tevilá judaica da prática posterior denominada "batismo cristão".

Introdução

A tevilá ocupa lugar de destaque na história bíblica e na tradição judaica. Diferentemente da compreensão difundida em diversos segmentos do cristianismo, a imersão em água não surgiu com Yochanan HaMatbil nem foi instituída por Yeshua. Trata-se de uma prática muito mais antiga, fundamentada na Torá e amplamente difundida durante o período do Segundo Templo.

Na legislação mosaica, diversas situações exigiam purificação mediante lavagem ou imersão em água. Com o passar dos séculos, especialmente durante o período do Segundo Templo, desenvolveram-se os **mikva'ot**, reservatórios destinados às purificações rituais. Escavações arqueológicas em Yerushalayim, Qumran, Massada, Jericó e outras localidades revelaram centenas dessas estruturas, demonstrando que a tevilá fazia parte da vida religiosa judaica.

Nesse contexto surge Yochanan HaMatbil, convocando Israel ao arrependimento e preparando o caminho para o Mashiach. A tevilá administrada por ele possuía caráter profético, convocando o povo à renovação da Aliança e à preparação para a manifestação do Reino de Elohim.

I – A origem da tevilá na Torá

A primeira observação importante consiste em reconhecer que a tevilá não é uma inovação do Novo Testamento.

A Torá determina diversas purificações por meio da água.

Está escrito:

"Lavará as suas vestes, banhará o seu corpo em água e ficará impuro até a tarde." Vayikrá (Levítico) 15:5

Outro exemplo encontra-se na consagração sacerdotal:

"Farás aproximar Aharon e seus filhos à entrada da Tenda da Congregação e os lavarás com água." Shemot (Êxodo) 29:4

Essas purificações não tinham como finalidade o perdão dos pecados, mas restaurar a pureza ritual necessária para determinadas atividades religiosas.

Compreende-se que a água simboliza purificação, renovação e preparação para aproximar-se da presença de Elohim.

A importância da água na purificação também aparece em Bamidbar 19, Yechezkel 36:25-27 e Tehilim 51.

II – Os mikva'ot durante o Segundo Templo

No período do Segundo Templo, a prática da tevilá tornou-se extremamente comum.

Escavações arqueológicas identificaram centenas de **mikva'ot** (plural de *mikveh*) nas proximidades do Templo, em residências particulares, em fortalezas e em comunidades judaicas.

Esses reservatórios obedeciam regras específicas relacionadas ao volume de água e à sua procedência.

A comunidade de Qumran atribuiu enorme importância às purificações rituais.

A Regra da Comunidade (1QS III–IV) afirma que a água, por si só, não purifica aquele que permanece na rebeldia, sendo necessária uma transformação interior acompanhada da obediência à Aliança.

Compreende-se, portanto, que já existia, antes de Yeshua, a associação entre purificação exterior e arrependimento interior.

Fontes para aprofundamento: 1QS III–IV; Documento de Damasco X; Josefo, *Guerras dos Judeus* II; Mishná Mikvaot.

III – O ministério de Yochanan HaMatbil

Yochanan surge no deserto da Judeia convocando Israel ao arrependimento.

Mattityahu registra:

"Naqueles dias apareceu Yochanan HaMatbil pregando no deserto da Judeia e dizendo: 'Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus'." Mattityahu 3:1-2

Sua mensagem estava profundamente ligada às profecias de Isaías.

"Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Eterno." Yeshayahu (Isaías) 40:3

Yochanan não fundava uma nova religião.

Seu chamado dirigia-se ao próprio povo de Israel, convocando-o ao retorno à Torá e à preparação para a chegada do Mashiach.

Josefo também descreve Yochanan como um homem justo que exortava o povo à virtude e ao arrependimento antes da imersão (*Antiguidades Judaicas* XVIII.5.2).

Esse testemunho confirma que sua atividade era amplamente conhecida no primeiro século.

IV – Por que Yeshua recebeu a tevilá?

Essa é uma das questões mais importantes dos Evangelhos.

Yochanan inicialmente recusou-se a imergir Yeshua.

Está escrito:

"Eu é que preciso ser imerso por ti, e tu vens a mim?" Mattityahu 3:14

Yeshua respondeu:

"Permite por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça." Mattityahu 3:15

Observa-se que Yeshua não recebeu a tevilá porque necessitasse de arrependimento.

Os próprios Evangelhos afirmam sua fidelidade e inocência (cf. Hebreus 4:15; I Pedro 2:22).

Compreende-se que sua imersão possui caráter inaugural e representativo.

Ao entrar nas águas, identifica-se plenamente com Israel, inicia publicamente seu ministério e confirma a mensagem proclamada por Yochanan.

V – A manifestação da Ruach HaKodesh

Após a tevilá, os Evangelhos registram um acontecimento singular.

"Os céus se abriram e viu o Espírito de Elohim descendo como pomba e vindo sobre ele." Mattityahu 3:16

A imagem da pomba possui profundas raízes bíblicas.

Recorda: a criação (Bereshit 1:2); Noach e o novo começo (Bereshit 8); a presença da Ruach na missão profética (Yeshayahu 11:1-2; 42:1; 61:1).

Compreende-se que essa manifestação representa a confirmação pública da missão messiânica de Yeshua.

Não significa que somente naquele momento ele passou a possuir a Ruach HaKodesh, mas marca o início oficial de seu ministério diante de Israel.

VI – A voz vinda dos céus

Logo após a descida da Ruach, ouviu-se uma voz.

"Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." Mattityahu 3:17

Essa declaração reúne importantes passagens do Tanakh.

Ela remete a: Tehilim 2 (o Rei ungido); Yeshayahu 42 (o Servo escolhido); Bereshit 22 (o filho amado de Avraham).

Compreende-se que essa combinação apresenta Yeshua como o Rei Messiânico e o Servo escolhido para cumprir a vontade de Elohim.

VII – A tevilá e a Aliança Renovada

Posteriormente, a tevilá tornou-se parte integrante da recepção de novos discípulos.

Entretanto, sua compreensão permanece profundamente ligada ao simbolismo judaico.

Shaul escreve:

"Fomos sepultados com ele na tevilá para a morte, para que, como o Mashiaich foi ressuscitado dentre os mortos... assim também andemos em novidade de vida." Romanos 6:4

A imersão representa: arrependimento; mudança de vida; ingresso consciente na Aliança; compromisso de fidelidade à Torá e ao Reino de Elohim.

Não é a água que remove o pecado, mas Elohim que concede perdão ao coração arrependido.

Essa compreensão harmoniza-se com Yechezkel 36:25-27, Yirmeyahu 31:31-34 e com a interpretação preservada na Regra da Comunidade (1QS III–IV).

VIII – A tevilá na comunidade nazarena

Tudo indica que os primeiros discípulos continuaram praticando a tevilá segundo o costume judaico.

O livro de Atos registra inúmeras imersões de novos discípulos.

Também a Didaquê (capítulos 7–9), um dos mais antigos escritos da literatura nazarena, descreve orientações para a prática da imersão, demonstrando sua continuidade entre as primeiras comunidades.

Compreende-se que a tevilá permaneceu como expressão pública de arrependimento, fé e compromisso com a vida da Aliança.

Conclusão

A tevilá de Yeshua não representa o início de um rito novo, mas insere-se na longa tradição de purificação existente em Israel desde a Torá. A imersão realizada por Yochanan convocava o povo ao arrependimento e preparava o caminho para a manifestação do Reino de Elohim.

Ao receber a tevilá, Yeshua inaugura publicamente seu ministério, identifica-se com Israel e recebe, diante do povo, a confirmação de sua missão messiânica. A manifestação da Ruach HaKodesh e a voz proveniente dos céus assinalam o início de uma nova etapa na história da redenção, mantendo plena continuidade com a revelação da Torá e dos Profetas.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: Êxodo 29: Levítico 11–16: Números 19: Isaías 40; 42; 61: Ezequiel 36:25-27: Mateus 3: Marcos 1: Lucas 3: João 1: Romanos 6: Hebreus 4: I Pedro 2

Escritos do Segundo Templo: Regra da Comunidade (1QS III–IV): Documento de Damasco; Jubileus 21

Literatura Judaica: Mishná Mikvaot: Tosefta Mikvaot: Talmude Bavli, Yoma

Fontes Históricas: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* XVIII.5.2: Didaquê 7–9

Questões para estudo

1. Qual é a origem da tevilá segundo a Torá?

2. O que eram os *mikva'ot* e qual sua função no Judaísmo do Segundo Templo?
3. Como Josefo descreve o ministério de Yochanan HaMatbil?
4. Por que Yeshua recebeu a tevilá se não necessitava de arrependimento?
5. Qual o significado da expressão "cumprir toda a justiça"?
6. O que simboliza a descida da Ruach HaKodesh em forma de pomba?
7. Quais passagens do Tanakh são evocadas pela voz que se ouviu dos céus?
8. Como Shaul interpreta a tevilá em Romanos 6?
9. O que a Regra da Comunidade (1QS) ensina sobre purificação exterior e transformação interior?
10. De que maneira a tevilá expressa compromisso com a Aliança e com o Reino de Elohim?

LIÇÃO 8: O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE YESHUA - O Anúncio do Reino de Elohim e o Chamado dos Primeiros Discípulos

Versículo-chave

"Desde então começou Yeshua a proclamar: 'Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo'." Mattityahu (Mateus) 4:17

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o significado do início do ministério público de Yeshua;
2. identificar os principais acontecimentos que marcaram essa fase;
3. analisar o conceito de Reino de Elohim no Judaísmo do Segundo Templo;
4. compreender o chamado dos primeiros discípulos;
5. reconhecer a continuidade entre a mensagem de Yochanan HaMatbil e a de Yeshua.

Introdução

Após a tevilá no Jordão e o período de provação no deserto, Yeshua inicia seu ministério público. Esse momento representa uma mudança significativa na narrativa dos Evangelhos. Até então, a atenção estava voltada para sua infância, preparação e identificação como o Mashiaich. Agora, sua missão torna-se pública e passa a alcançar Israel por meio do ensino, da proclamação do Reino, das curas e dos sinais.

Os Evangelhos mostram que o ministério de Yeshua não surgiu isoladamente. Ele inicia sua atividade logo após o encarceramento de Yochanan HaMatbil, dando continuidade ao chamado ao arrependimento e anunciando que o Reino de Elohim estava próximo.

No Judaísmo do Segundo Templo, a esperança pelo Reino de Elohim ocupava lugar central. Muitos aguardavam a restauração do trono de David, a libertação do domínio estrangeiro e o estabelecimento da justiça. Entretanto, havia diferentes expectativas sobre a forma como esse Reino se manifestaria. Alguns grupos esperavam uma intervenção militar; outros, uma restauração sacerdotal; outros ainda, um juízo escatológico conduzido pelo Mashiach.

Nesse contexto, Yeshua proclama um Reino que começa pela transformação do coração, sem deixar de apontar para sua futura consumação.

I – O início do ministério na Galileia

Mattityahu registra:

"Ao saber que Yochanan havia sido preso, Yeshua retirou-se para a Galileia." Mattityahu 4:12

A Galileia era frequentemente considerada uma região periférica pelos habitantes de Yerushalayim. Entretanto, possuía grande importância econômica e concentrava significativa população judaica.

Ao estabelecer-se em Kfar Nahum (Cafarnaum), Yeshua cumpre a profecia de Yeshayahu:

"O povo que andava em trevas viu uma grande luz..." Yeshayahu 9:1-2

Compreende-se que o início do ministério na Galileia demonstra que a mensagem do Reino alcançaria todo Israel, inclusive regiões frequentemente desprezadas pelos centros religiosos da época.

Fontes para aprofundamento: Isaías 8:23–9:2; Mateus 4:12-16; Josefo, *Guerras dos Judeus* III.

II – O anúncio do Reino de Elohim

A primeira mensagem pública de Yeshua resume-se em poucas palavras:

"Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo." Mattityahu 4:17

Essa proclamação é praticamente idêntica à anunciada anteriormente por Yochanan HaMatbil (Mattityahu 3:2).

O termo "Reino dos Céus" utilizado por Mattityahu corresponde ao que os demais Evangelhos chamam de "Reino de Elohim". Muitos estudiosos entendem que Mattityahu emprega essa expressão por respeito ao Nome divino, seguindo um costume judaico de evitar pronunciar diretamente o Nome do Eterno.

Compreende-se que o Reino anunciado por Yeshua não designa apenas um lugar futuro, mas o governo soberano de Elohim atuando na história e chamando Israel ao arrependimento.

A esperança desse Reino também aparece em Daniel 2; Daniel 7; Salmo 2; Salmo 110; Isaías 11; Zacarias 14; Salmos de Salomão 17–18; 1 Enoque 62–63; 4Q246; 4Q521.

III – O chamado ao arrependimento (Teshuvá)

O primeiro imperativo da mensagem de Yeshua é: **"Arrependei-vos..."**

A palavra grega *metanoēō* traduz a ideia hebraica de **teshuvá**, isto é, retorno, conversão ou mudança de direção.

Na tradição judaica, teshuvá não significa apenas remorso, mas um retorno consciente à Aliança estabelecida por Elohim.

Os profetas repetidamente conclamaram Israel a retornar ao Eterno.

"Voltai para mim, e eu voltarei para vós." Malaquias 3:7

A literatura judaica também destaca a importância da teshuvá. Jubileus 1, Sirácida 17, Testamento de Gade 5 e diversos textos rabínicos apresentam o arrependimento como caminho de restauração.

Compreende-se que o Reino anunciado por Yeshua inicia-se mediante a transformação do coração e o retorno à vontade de Elohim.

IV – O chamado dos primeiros discípulos

Às margens do Mar da Galileia, Yeshua chama seus primeiros discípulos.

"Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens." Mattityahu 4:19

Shim'on (Kefa), André, Yaakov e Yochanan abandonam suas redes e passam a acompanhar Yeshua.

No Judaísmo do Segundo Templo, era comum que discípulos seguissem um mestre (*rabi*) para aprender sua interpretação da Torá e seu modo de vida.

Entretanto, observa-se uma diferença importante.

Normalmente, o discípulo escolhia o mestre.

Nos Evangelhos, é o mestre quem chama seus discípulos.

Esse chamado representa mais do que o ingresso em uma escola de interpretação; implica participar da missão do Reino de Elohim.

V – O ensino nas sinagogas

Mattityahu resume a atividade de Yeshua afirmando:

"Percorria Yeshua toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando as boas-novas do Reino e curando toda sorte de enfermidades." Mattityahu 4:23

As sinagogas constituíam importantes centros de ensino e leitura da Torá.

Embora sua origem seja debatida, já estavam amplamente difundidas no primeiro século.

Ali eram realizadas: leitura das Escrituras; ensino; oração; instrução da comunidade.

Compreende-se que Yeshua desenvolveu seu ministério dentro das instituições religiosas judaicas existentes, demonstrando continuidade com a vida de Israel.

Fontes para aprofundamento: Lucas 4; Mishná Meguilá; Josefo, *Vida* 54.

VI – Os sinais do Reino

Os Evangelhos apresentam numerosos sinais realizados por Yeshua: curas; libertações; purificações; restauração dos marginalizados.

Esses sinais não tinham finalidade meramente extraordinária.

Confirmavam que o Reino anunciado estava manifestando-se entre o povo.

Isaías havia profetizado:

"Então se abrirão os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos se desimpedirão; o coxo saltará como cervo..." Yeshayahu 35:5-6

Essa mesma expectativa aparece em 4Q521, manuscrito encontrado em Qumran, que associa a era messiânica à cura dos enfermos, à libertação dos oprimidos e ao anúncio das boas-novas aos humildes.

Compreende-se que os milagres devem ser interpretados como sinais do Reino e não como demonstrações de poder desvinculadas da missão messiânica.

VII – A autoridade do ensino de Yeshua

Os Evangelhos frequentemente afirmam que o povo se admirava da autoridade com que Yeshua ensinava.

"Porque os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas." Mattityahu 7:29

Essa autoridade não derivava de posição política nem de cargo sacerdotal.

Resultava da coerência entre sua vida, seu ensino e sua fidelidade às Escrituras.

Yeshua interpreta a Torá a partir de sua intenção original, chamando o povo à justiça, à misericórdia e à fidelidade.

VIII – O Reino presente e futuro

A mensagem de Yeshua apresenta duas dimensões do Reino.

Uma dimensão presente, percebida na transformação da vida daqueles que respondem ao chamado de Elohim.

Outra dimensão futura, relacionada ao juízo, à ressurreição, à restauração de Israel e ao estabelecimento definitivo do Reino Messiânico.

Os profetas descrevem essa esperança em passagens como: Isaías 2; Isaías 11; Ezequiel 37; Daniel 7; Zacarias 14.

A literatura do Segundo Templo também desenvolve essa expectativa em 1 Enoque 62–63, Salmos de Salomão 17–18, 4 Esdras 7 e 2 Baruque 29–40.

Compreende-se que o ministério de Yeshua inaugura essa realidade, cuja consumação aguarda sua plena manifestação.

Conclusão

O início do ministério de Yeshua marca o cumprimento de antigas promessas proféticas e inaugura uma nova etapa na história da redenção. Sua mensagem não consiste na fundação de uma nova religião, mas no anúncio de que o Reino de Elohim se aproxima e requer arrependimento, fidelidade à Torá e transformação da vida.

Ao chamar discípulos, ensinar nas sinagogas e realizar sinais, Yeshua manifesta que o governo de Elohim começa a tornar-se visível entre Israel, antecipando a restauração plena anunciada pelos Profetas.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: Isaías 9; 11; 35; Daniel 2; 7; Zacarias 14; Salmos 2; 110; Mateus 4; Marcos 1; Lucas 4; João 1

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 62–63; Salmos de Salomão 17–18; 4Q246; 4Q521; Jubileus 1; Testamento de Gade 5; 4 Esdras 7; 2 Baruque 29–40

Literatura Rabínica: Mishná Meguilá; Mishná Avot; Tosefta Meguilá

Fontes Históricas; Flávio Josefo, *Guerras dos Judeus* III; *Vida* 54; Fílon de Alexandria, *Sobre a Vida Contemplativa*

Questões para estudo

1. Por que Yeshua iniciou seu ministério na Galileia, e qual profecia isso cumpre?
2. O que significa a expressão "Reino dos Céus" em Mattityahu?
3. Como a ideia de **teshuvá** amplia a compreensão do arrependimento?
4. Quais eram as expectativas messiânicas relacionadas ao Reino no Judaísmo do Segundo Templo?
5. Em que o chamado dos discípulos por Yeshua difere do costume rabínico da época?
6. Qual era a função das sinagogas na sociedade judaica do primeiro século?
7. Qual o propósito dos milagres realizados por Yeshua segundo os Evangelhos?
8. Como Isaías 35 e o manuscrito 4Q521 relacionam os sinais do Reino ao ministério do Mashiach?
9. O que caracterizava a autoridade do ensino de Yeshua?
10. Como os Evangelhos apresentam as dimensões presente e futura do Reino de Elohim?

LIÇÃO 9: O SERMÃO DO MONTE E A INTERPRETAÇÃO DA TORÁ - A Justiça do Reino de Elohim e o Cumprimento da Torá pelo Mashiach

Versículo-chave

"Não penseis que vim abolir a Torá ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Em verdade vos digo: até que passem os céus e a terra, nem um yod nem um traço passará da Torá, até que tudo se cumpra." Mattityahu (Mateus) 5:17–18

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o contexto histórico do Sermão do Monte;
2. analisar o significado da expressão "cumprir a Torá";
3. distinguir entre a Torá e as interpretações humanas existentes no primeiro século;
4. compreender a justiça ensinada por Yeshua;
5. reconhecer o Sermão do Monte como um chamado à fidelidade à Aliança.

Introdução

O Sermão do Monte constitui um dos mais importantes discursos preservados nos Evangelhos. Nele, Yeshua apresenta princípios fundamentais do Reino de Elohim, esclarece a verdadeira intenção da Torá e confronta interpretações que haviam obscurecido seu propósito.

Ao longo da história, esse discurso foi frequentemente interpretado como uma substituição da Torá ou como o estabelecimento de uma "nova lei". Entretanto, o próprio texto rejeita essa leitura ao afirmar explicitamente que Yeshua não veio abolir a Torá nem os Profetas.

Compreende-se que o Sermão do Monte representa uma exposição da justiça exigida por Elohim, chamando Israel ao cumprimento sincero dos mandamentos e à transformação do coração.

No Judaísmo do Segundo Templo existiam diferentes escolas de interpretação da Torá. Fariseus, saduceus, essênios e outros grupos possuíam entendimentos distintos acerca de diversos mandamentos. O ensino de Yeshua insere-se nesse ambiente de debates, propondo uma interpretação que enfatiza misericórdia, fidelidade, justiça e pureza interior.

I – O monte como lugar da revelação

Mattityahu registra:

"Vendo as multidões, Yeshua subiu ao monte; e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos." Mattityahu 5:1

O cenário não é casual.

Nas Escrituras, os montes frequentemente aparecem como lugares de encontro entre Elohim e Seu povo.

Foi no Sinai que Moshe recebeu a Torá (Shemot 19–24).

Foi no Carmelo que Eliyahu enfrentou os profetas de Baal (I Reis 18).

Foi em Horev que Elohim falou novamente a Eliyahu (I Reis 19).

Compreende-se que Mattityahu apresenta Yeshua como mestre da Torá, ensinando em um monte e recordando simbolicamente a revelação do Sinai.

Essa relação já foi observada por diversos comentaristas judaicos e cristãos, que identificam no Sermão do Monte ecos da entrega da Torá a Israel.

II – As Bem-aventuranças

O discurso inicia com uma série de declarações conhecidas como Bem-aventuranças.

"Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o Reino dos Céus." Mattityahu 5:3

A palavra grega **makarios** corresponde ao hebraico **ashrei**, empregado diversas vezes nos Salmos.

Exemplo:

"Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios..." Tehilim (Salmos) 1:1

As Bem-aventuranças descrevem o caráter esperado daqueles que participam do Reino de Elohim.

Elas não exaltam pobreza, sofrimento ou perseguição em si mesmos, mas apresentam atitudes como: humildade; misericórdia; pureza de coração; fome de justiça; promoção da paz; perseverança na fidelidade.

Esses valores também aparecem em Isaías 57:15; 61:1-3; Salmo 37; Salmos de Salomão 10; Regra da Comunidade (1QS IV).

III – O sal da terra e a luz do mundo

Yeshua declara:

"Vós sois o sal da terra." Mattityahu 5:13

E acrescenta:

"Vós sois a luz do mundo." Mattityahu 5:14

O sal simboliza preservação, fidelidade e aliança.

A Torá menciona:

"Com todas as tuas ofertas oferecerás sal." Vayikrá (Levítico) 2:13

Já a luz representa o testemunho do povo de Elohim.

Isaías havia anunciado:

"Também te darei para luz das nações." Isaías 49:6

Compreende-se que Yeshua aplica a seus discípulos uma vocação originalmente atribuída a Israel: refletir a justiça de Elohim diante das nações.

IV – "Não vim abolir a Torá"

Esse é um dos textos mais importantes dos Evangelhos.

Yeshua afirma:

"Não penseis que vim abolir a Torá ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir." Mattityahu 5:17

O verbo grego **plēroō**, traduzido por "cumprir", possui amplo campo semântico.

Pode significar: completar; realizar plenamente; confirmar; levar à sua plenitude; dar pleno significado.

Em nenhum contexto significa abolir.

A frase seguinte reforça essa interpretação:

"Até que passem os céus e a terra, nem um yod nem um traço passará da Torá." Mattityahu 5:18

O **yod** é a menor letra do alfabeto hebraico.

O "traço" refere-se aos pequenos detalhes gráficos que distinguem letras semelhantes.

Compreende-se que Yeshua reafirma a permanência da Torá e rejeita qualquer interpretação que implique sua revogação.

Essa compreensão harmoniza-se com declarações proféticas sobre a perpetuidade da Palavra de Elohim (cf. Isaías 40:8; Salmo 119; Deuteronômio 4:2).

V – "Ouvistes o que foi dito..."

Ao longo do discurso, Yeshua utiliza repetidamente a expressão:

"Ouvistes que foi dito... Eu, porém, vos digo..."

Essa fórmula não estabelece oposição entre Yeshua e a Torá.

Observa-se que, em diversas ocasiões, a segunda parte da afirmação aprofunda ou esclarece o mandamento já existente.

Exemplo:

A Torá proíbe o homicídio (Shemot 20:13).

Yeshua acrescenta que a ira injusta e o desprezo pelo próximo também contradizem o propósito do mandamento.

O mesmo ocorre com: adultério; juramentos; vingança; amor ao próximo.

Compreende-se que Yeshua dirige sua crítica a interpretações superficiais ou distorcidas da Torá, conduzindo seus ouvintes à intenção original do mandamento.

VI – A justiça superior

Yeshua declara:

"Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no Reino dos Céus." Mattityahu 5:20

Essa afirmação não condena todos os fariseus indistintamente.

Os Evangelhos registram relações respeitadas entre Yeshua e diversos fariseus, como Nicodemos (João 3) e Gamaliel (Atos 5).

A crítica dirige-se a uma religiosidade centrada apenas na observância exterior.

Compreende-se que a verdadeira justiça envolve: fidelidade à Torá; sinceridade do coração; misericórdia; humildade; amor ao próximo.

Os profetas já haviam enfatizado essa mesma perspectiva (cf. Isaías 1; Miqueias 6:6-8; Oséias 6:6).

VII – Amar os inimigos

Entre os ensinamentos mais conhecidos do Sermão do Monte encontra-se:

"Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem." Mattityahu 5:44

Esse ensinamento frequentemente é apresentado como novidade absoluta.

Entretanto, princípios semelhantes aparecem no Tanakh.

Exemplos:

"Se encontrares o boi do teu inimigo... certamente o reconduzirás." Shemot 23:4

E também:

"Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer." Mishlei (Provérbios) 25:21

Compreende-se que Yeshua amplia princípios já presentes nas Escrituras e os aplica ao relacionamento entre os discípulos e seus perseguidores.

VIII – A perfeição segundo a Torá

O discurso conclui:

"Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial." Mattityahu 5:48

A palavra "perfeito" traduz o grego **teleios**, que pode significar: íntegro; completo; maduro; plenamente desenvolvido.

A Torá utiliza linguagem semelhante. **"Perfeito serás para com o Eterno teu Elohim." Devarim 18:13**

Compreende-se que Yeshua conclama seus discípulos à integridade espiritual, refletindo o caráter de Elohim por meio da fidelidade à Sua vontade.

Conclusão

O Sermão do Monte não representa a substituição da Torá, mas sua interpretação à luz do propósito original de Elohim. Yeshua reafirma a autoridade dos mandamentos, rejeita interpretações que obscurecem sua intenção e chama Israel a uma justiça que brota do coração transformado.

As Bem-aventuranças, a permanência da Torá, o aprofundamento dos mandamentos e o chamado ao amor e à integridade revelam que o Reino de Elohim exige não apenas conformidade exterior, mas fidelidade sincera à Aliança. Assim, o Sermão do Monte apresenta-se como uma das mais importantes exposições da ética do Reino e da vida segundo a vontade do Eterno.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: Êxodo 19–24; Êxodo 23; Levítico 2; Deuteronômio 4; 18; Salmo 1; 37; 119; Provérbios 25; Isaías 1; 40; 49; 57; 61; Oséias 6; Miqueias 6; Mateus 5–7; Lucas 6

Escritos do Segundo Templo: Salmos de Salomão 10; Regra da Comunidade (1QS III–IV); Jubileus 1; Sirácida 1–5

Literatura Rabínica: Mishná Avot; Pirkei Avot; Tosefta Avot

Fontes Históricas: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*; Fílon de Alexandria, *Sobre as Leis Especiais*

Questões para estudo

1. Qual a relação entre o monte do Sermão e o monte Sinai?
2. O que significa a palavra hebraica **ashrei** e como ela se relaciona com as Bem-aventuranças?
3. Qual o simbolismo do sal e da luz nas Escrituras?
4. O que significa o verbo **plêroō** em Mateus 5:17?
5. Por que Mateus 5:17–18 é fundamental para compreender a relação de Yeshua com a Torá?
6. A expressão "**Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...**" coloca Yeshua em oposição à Torá? Explique.
7. O que caracteriza a justiça que excede a dos escribas e fariseus?
8. Em que sentido o amor aos inimigos já encontra antecedentes no Tanakh?
9. Como deve ser compreendida a ordem "**Sede perfeitos**" em Mateus 5:48?
10. De que maneira o Sermão do Monte revela a ética do Reino de Elohim e sua continuidade com a Torá?

LIÇÃO 10: OS MILAGRES DE YESHUA E A MANIFESTAÇÃO DO REINO DE ELOHIM - Os Sinais Messiânicos à Luz da Torá, dos Profetas e do Judaísmo do Segundo Templo

Versículo-chave

"Ide e anunciai a Yochanan o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo anunciada a Boa Nova." Mattityahu (Mateus) 11:4–5

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o propósito dos milagres realizados por Yeshua;
2. distinguir sinais messiânicos de simples demonstrações de poder;
3. relacionar os milagres às profecias do Tanakh;
4. compreender a função dos sinais no anúncio do Reino de Elohim;
5. identificar a expectativa messiânica existente no Judaísmo do Segundo Templo quanto às obras do Mashiach.

Introdução

Os Evangelhos registram numerosos milagres realizados por Yeshua. Cegos recuperam a visão, coxos voltam a andar, leprosos são purificados, tempestades são acalmadas, espíritos malignos são expulsos e até mortos retornam à vida.

Ao longo da história, esses acontecimentos foram frequentemente interpretados apenas como demonstrações do poder sobrenatural de Yeshua. Entretanto, uma leitura cuidadosa das Escrituras revela que os milagres possuem finalidade muito mais ampla. Eles constituem sinais que identificam o cumprimento das promessas proféticas e a chegada do Reino de Elohim.

No pensamento bíblico, um milagre não representa um espetáculo destinado a impressionar multidões, mas uma intervenção extraordinária de Elohim com propósito redentor. Os sinais confirmam a mensagem anunciada e apontam para a restauração da criação.

O Judaísmo do Segundo Templo também associava a era messiânica à cura dos enfermos, à libertação dos oprimidos e à renovação de Israel. Essa expectativa encontra-se refletida em documentos como 1 Enoque 48; 61–62, Salmos de Salomão 17–18, 4Q521, 11Q13 (Melquisedeque) e outros manuscritos de Qumran.

I – O significado dos milagres nas Escrituras

As Escrituras utilizam diferentes termos para descrever as intervenções extraordinárias de Elohim.

Entre eles destacam-se: sinais (*otot*); maravilhas (*mofetim*); obras poderosas; prodígios.

Esses acontecimentos possuem um objetivo específico.

No Êxodo, os sinais realizados por Moshe demonstravam que Elohim havia visitado Seu povo e libertaria Israel da escravidão (cf. Shemot 4–14).

Da mesma forma, os milagres realizados pelos profetas Eliyahu e Elisha confirmavam que Elohim continuava agindo na história de Israel.

Compreende-se que os milagres jamais possuem finalidade autônoma. Eles apontam para a atuação do Eterno e confirmam Sua Palavra.

II – O Reino manifesta-se por meio dos sinais

Quando Yochanan HaMatbil enviou discípulos para perguntar se Yeshua era realmente o esperado, a resposta não consistiu em uma declaração direta.

Yeshua respondeu:

"Ide e anunciai a Yochanan o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo anunciada a Boa Nova." Mattityahu 11:4-5

A resposta remete claramente às profecias de Isaías.

Entre elas: Isaías 29:18; Isaías 35:5-6; Isaías 42:6-7; Isaías 61:1-2

Compreende-se que Yeshua responde por meio das Escrituras, indicando que seus sinais constituem o cumprimento das promessas messiânicas.

III – Os milagres e a expectativa do Judaísmo do Segundo Templo

Entre os documentos encontrados em Qumran destaca-se o manuscrito 4Q521, frequentemente denominado "Apocalipse Messiânico".

Nesse texto, a era do Ungido é descrita como tempo em que: os pobres recebem boas notícias; os enfermos são curados; os mortos voltam à vida; os oprimidos são libertados.

A proximidade temática entre esse documento e a resposta dada por Yeshua a Yochanan é notável.

Outras obras também associam a manifestação do Reino à restauração da criação, como 1 Enoque 45; 51; 62, Salmos de Salomão 17, Testamento de Levi 18 e Testamento de Judá 24.

Compreende-se que os milagres de Yeshua inserem-se no horizonte das expectativas messiânicas existentes entre diversos grupos judaicos do primeiro século.

IV – A cura dos enfermos

Grande parte do ministério de Yeshua foi dedicada ao cuidado dos enfermos.

Os Evangelhos registram a cura de: cegos; surdos; mudos; parálíticos; leprosos; mulheres com hemorragia; pessoas acometidas por febres; enfermos de diversas naturezas.

Essas curas manifestam a compaixão de Elohim e antecipam a restauração prometida pelos profetas.

Isaías anuncia:

"Então se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos."
Isaías 35:5

Compreende-se que essas curas não representam apenas benefício individual, mas sinais da renovação que o Reino produzirá sobre toda a criação.

V – A purificação dos leprosos

Na Torá, a purificação do leproso possuía profundo significado religioso.

Os procedimentos encontram-se descritos em Vayikrá 13–14.

Quando Yeshua purifica leprosos, frequentemente determina:

"Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece a oferta prescrita por Moshe." Cf. Mattityahu 8:4

Esse detalhe demonstra respeito pela legislação da Torá.

Compreende-se que Yeshua não ignora a autoridade sacerdotal nem revoga os procedimentos estabelecidos por Moshe.

Ao contrário, encaminha o homem purificado para cumprir aquilo que a Torá determinava.

VI – A expulsão de espíritos malignos

Os Evangelhos também registram numerosos episódios de expulsão de espíritos malignos.

O Judaísmo do Segundo Templo possuía amplo desenvolvimento da demonologia.

Essa temática aparece em: 1 Enoque 15–16; Jubileus 10; Testamento de Salomão; Documento de Damasco; Regra da Comunidade.

Embora essas obras apresentem diferentes tradições sobre a origem dos espíritos malignos, todas refletem a crença de que a atuação do mal seria finalmente derrotada pelo agir de Elohim.

Compreende-se que as expulsões realizadas por Yeshua simbolizam o avanço do Reino sobre o domínio das trevas.

VII – O domínio sobre a natureza

Os Evangelhos também narram milagres relacionados à própria criação.

Entre eles: a tempestade acalmada; a multiplicação dos pães; a caminhada sobre as águas; a pesca maravilhosa.

Esses sinais recordam acontecimentos da história de Israel.

A multiplicação dos pães remete ao maná no deserto.

A tempestade acalmada recorda o domínio de Elohim sobre as águas (Salmo 107).

A caminhada sobre o mar evoca textos como Jó 9:8.

Compreende-se que esses milagres revelam a soberania de Elohim sobre a criação e apontam para a restauração do mundo sob o Reino Messiânico.

VIII – A ressurreição dos mortos

Entre os maiores sinais encontram-se as ressurreições realizadas por Yeshua.

Os Evangelhos relatam: a filha de Ya'ir; o filho da viúva de Naim; Elazar (Lázaro).

Esses acontecimentos antecipam a esperança escatológica da ressurreição.

Essa esperança aparece em: Daniel 12; Isaías 26; 2 Macabeus 7; 1 Enoque 51; 2 Baruque 49–52; 4 Esdras 7

Compreende-se que essas ressurreições não constituem ainda a ressurreição final anunciada pelos profetas, mas sinais antecipatórios da vitória definitiva sobre a morte.

IX – Os milagres exigem fé?

Os Evangelhos frequentemente relacionam fé e cura.

Entretanto, observa-se que nem todos os milagres dependem explicitamente da fé daquele que os recebe.

Em alguns casos: a fé é destacada; em outros, prevalece a compaixão de Yeshua; em outros ainda, o sinal possui finalidade coletiva.

Compreende-se que a fé favorece o relacionamento com Elohim, mas os milagres permanecem expressão da Sua vontade soberana, não podendo ser reduzidos a uma fórmula religiosa.

X – O maior milagre

Embora os Evangelhos descrevam numerosos sinais extraordinários, observa-se que Yeshua frequentemente enfatiza algo ainda maior.

A transformação do coração.

O perdão.

A reconciliação com Elohim.

A vida segundo a Torá.

Os milagres físicos possuem caráter temporário.

A restauração espiritual, entretanto, aponta para a vida do Reino eterno.

Conclusão

Os milagres de Yeshua não devem ser compreendidos como simples manifestações de poder, mas como sinais que identificam a chegada do Reino de Elohim e o cumprimento das promessas anunciadas pelos Profetas. Cada cura, libertação, purificação ou ressurreição manifesta a compaixão do Eterno e antecipa a restauração plena da criação.

À luz da Torá, dos Profetas e da literatura do Segundo Templo, compreende-se que esses sinais confirmam a missão do Mashiach e convidam Israel ao arrependimento, à fé e à esperança na consumação do Reino.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: Êxodo 4–14; Levítico 13–14; Jó 9; Salmo 107; Isaías 26; 29; 35; 42; 61; Daniel 12; Mateus 8–11; Marcos 1–6; Lucas 4–8; João 9; 11

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 45; 48; 51; 61–62; Jubileus 10; Testamento de Levi 18; Testamento de Judá 24; 4Q521; 11Q13; 2 Baroque 49–52; 4 Esdras 7; 2 Macabeus 7

Literatura Judaica: Mishná Negaim; Mishná Sanhedrin; Talmude Bavli, Sanhedrin; Midrash Tehilim

Fontes Históricas: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*; Fílon de Alexandria, *Sobre os Milagres de Moisés* (para comparação do papel dos sinais na tradição judaica).

Questões para estudo

1. Qual é a finalidade dos milagres nas Escrituras?
2. Como a resposta de Yeshua a Yochanan HaMatbil relaciona seus milagres às profecias de Isaías?
3. O que o manuscrito **4Q521** revela sobre a expectativa messiânica do período do Segundo Templo?
4. Por que as curas realizadas por Yeshua são compreendidas como sinais do Reino?
5. Como a purificação dos leprosos demonstra continuidade com a Torá?
6. O que os escritos do Segundo Templo ensinam sobre os espíritos malignos e como isso ajuda a contextualizar os Evangelhos?

7. Qual o significado dos milagres sobre a natureza no contexto da história de Israel?
8. Em que sentido as ressurreições realizadas por Yeshua antecipam a esperança escatológica?
9. Os milagres dependiam sempre da fé daqueles que eram beneficiados? Explique.
10. Por que a transformação espiritual pode ser considerada o maior dos milagres segundo o ensino de Yeshua?

LIÇÃO 11: AS PARÁBOLAS DE YESHUA - O Ensino do Reino de Elohim por meio de Mashalim (Parábolas)

Versículo-chave

"Tudo isso Yeshua disse às multidões por meio de parábolas; e sem parábolas nada lhes dizia, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta: Abrirei a minha boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo." Mattityahu (Mateus) 13:34–35

Objetivos da Lição

Ao concluir esta lição, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o significado das parábolas no contexto da literatura judaica;
2. identificar a função pedagógica das parábolas de Yeshua;
3. reconhecer sua relação com os profetas e os escritos sapienciais;
4. compreender por que Yeshua ensinava frequentemente por meio de parábolas;
5. interpretar as parábolas dentro do contexto do Reino de Elohim.

Introdução

As parábolas constituem uma das principais características do ensino de Yeshua. Grande parte de sua mensagem foi transmitida por meio de histórias curtas, comparações e ilustrações retiradas da vida cotidiana de Israel.

O termo grego parabolē corresponde, em muitos contextos, ao hebraico mashal (משל), palavra utilizada nas Escrituras para designar provérbios, comparações, enigmas, alegorias e parábolas.

O uso de mashalim não começou com Yeshua. Moshe, os profetas e os sábios de Israel já empregavam esse recurso para transmitir ensinamentos espirituais. Salomão tornou-se conhecido por seus milhares de provérbios (I Reis 4:32), enquanto Natã utilizou uma parábola para confrontar David (II Samuel 12).

No Judaísmo do Segundo Templo, o ensino por meio de parábolas permaneceu amplamente difundido entre mestres e rabinos. Encontram-se exemplos em Sirácida, nos Salmos de Salomão, em 4 Esdras, 2 Baruque e posteriormente na literatura midráshica.

Compreende-se que Yeshua insere-se nessa tradição judaica de ensino, utilizando parábolas para revelar os mistérios do Reino de Elohim e desafiar seus ouvintes à reflexão.

I – O que é um mashal?

A palavra hebraica **mashal** possui amplo significado.

Pode designar: provérbio; comparação; alegoria; enigma; discurso figurado; parábola.

O livro de Mishlei (Provérbios) inicia afirmando: **"Provérbios de Salomão..." Mishlei (Provérbios) 1:1**

A mesma palavra hebraica utilizada para "provérbios" é **mashalim**.

Também Ezequiel registra:

"Propõe uma parábola à casa de Israel." Yechezkel (Ezequiel) 17:2

Compreende-se que a parábola constitui um recurso literário profundamente enraizado na tradição bíblica.

II – Por que Yeshua ensinava por parábolas?

Os discípulos perguntaram:

"Por que lhes falas por parábolas?" Mattityahu 13:10

Yeshua respondeu que as parábolas possuíam dupla finalidade.

Primeiramente, revelavam os mistérios do Reino àqueles que buscavam compreender.

Ao mesmo tempo, ocultavam seu significado daqueles que permaneciam endurecidos.

Essa explicação fundamenta-se em Isaías 6:9–10, onde o profeta descreve um povo que ouve, mas não compreende.

Compreende-se que a parábola exige participação ativa do ouvinte. Ela não apenas transmite informação, mas convida à reflexão, ao discernimento e à decisão.

III – As parábolas revelam o Reino de Elohim

Grande parte das parábolas inicia com expressões como:

"O Reino dos Céus é semelhante..."

Essa fórmula demonstra que o principal tema do ensino de Yeshua não era a parábola em si, mas o Reino de Elohim.

Entre as principais parábolas do Reino destacam-se: o semeador; o trigo e o joio; o grão de mostarda; o fermento; o tesouro escondido; a pérola de grande valor; a rede lançada ao mar.

Cada uma delas apresenta aspectos diferentes da atuação de Elohim na história.

Compreende-se que o Reino cresce de forma aparentemente discreta, mas produzirá resultados universais e definitivos.

IV – A parábola do semeador

A primeira grande parábola registrada por Mattityahu descreve um agricultor que lança sementes em diferentes tipos de solo.

Yeshua explica posteriormente que: a semente representa a Palavra de Elohim; os diferentes solos representam diferentes disposições do coração humano.

A narrativa demonstra que a eficácia da Palavra depende da maneira como é recebida.

Essa imagem possui antecedentes nas Escrituras.

Isaías compara a Palavra à chuva que fecunda a terra (Isaías 55:10–11).

Oséias conclama Israel:

"Lavrai para vós um campo novo." Hoshea 10:12

Compreende-se que o verdadeiro fruto nasce quando a Palavra encontra um coração disposto à obediência.

V – O trigo e o joio

Outra parábola importante descreve um campo onde trigo e joio crescem juntos até a colheita.

A colheita representa o tempo do juízo.

Essa imagem também aparece nos profetas.

Joel associa a colheita ao julgamento das nações (Joel 3).

Jeremias utiliza linguagem semelhante para falar da visitação de Elohim.

Compreende-se que Yeshua ensina que o julgamento definitivo pertence ao Eterno, não aos seres humanos.

O crescimento simultâneo do justo e do ímpio permanecerá até o tempo determinado por Elohim.

VI – O grão de mostarda e o fermento

Essas duas parábolas tratam do crescimento do Reino.

O grão de mostarda, embora pequeno, torna-se grande árvore.

O fermento, ainda que invisível, transforma toda a massa.

Essas figuras ilustram o modo como Elohim atua na história.

A obra do Reino frequentemente começa de maneira humilde, mas alcança resultados muito maiores do que aparenta inicialmente.

A literatura judaica também utiliza imagens semelhantes para descrever o crescimento da sabedoria e da justiça (cf. Sirácida 24; Sabedoria de Salomão 6).

VII – O bom samaritano

Entre as parábolas mais conhecidas encontra-se a do bom samaritano.

Ela responde à pergunta:

"Quem é o meu próximo?" Lucas 10:29

Na narrativa, o verdadeiro próximo não é definido por origem étnica ou posição religiosa, mas pela prática da misericórdia.

Essa compreensão possui raízes na própria Torá.

Está escrito: **"Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Vayikrá 19:18**

Poucos versículos depois, a Torá amplia esse princípio:

"Amarás o estrangeiro como a ti mesmo." Vayikrá 19:34

Compreende-se que Yeshua reafirma e amplia princípios já presentes na Torá, demonstrando que o amor ao próximo transcende barreiras sociais e culturais.

VIII – O filho pródigo

A parábola do filho pródigo apresenta um dos mais profundos retratos da teshuvá.

O filho afasta-se da casa do pai, desperdiça sua herança e decide retornar.

O pai recebe o filho com misericórdia e alegria.

Essa narrativa recorda diversas passagens proféticas que descrevem o retorno de Israel ao Eterno.

Entre elas: Oséias 14; Jeremias 31; Ezequiel 18; Isaías 55.

Compreende-se que a parábola revela o desejo de Elohim de restaurar aqueles que sinceramente retornam à Aliança.

IX – As parábolas e o Judaísmo do Segundo Templo

O ensino por parábolas não era exclusivo de Yeshua.

Diversos mestres judeus utilizavam histórias semelhantes.

Encontram-se exemplos em: Sirácida; Sabedoria de Salomão; 4 Esdras; 2 Baruque; literatura rabínica primitiva; Midrashim.

A diferença reside na centralidade do Reino de Elohim no ensino de Yeshua e na autoridade com que interpreta as Escrituras.

Suas parábolas não apenas ilustram princípios morais, mas revelam o cumprimento das promessas messiânicas e convocam Israel ao arrependimento.

X – A atualidade das parábolas

As parábolas permanecem atuais porque tratam de questões permanentes da experiência humana: fé; arrependimento; misericórdia; justiça; perdão; vigilância; esperança.

Cada geração é chamada a identificar-se com os personagens apresentados por Yeshua.

As parábolas não apenas informam.

Elas exigem uma resposta.

Compreende-se que seu objetivo principal consiste em conduzir o leitor à prática da vontade de Elohim.

Conclusão

As parábolas constituem um dos recursos pedagógicos mais ricos utilizados por Yeshua. Inseridas na tradição dos **mashalim** do Judaísmo, elas unem simplicidade e profundidade, revelando os mistérios do Reino por meio de situações familiares ao cotidiano de Israel.

À luz da Torá, dos Profetas e da literatura judaica antiga, compreende-se que essas narrativas não substituem a revelação escrita, mas iluminam seu significado e convidam cada discípulo a viver de acordo com os princípios do Reino de Elohim. As parábolas permanecem, portanto, como um chamado permanente à teshuvá, à justiça e à fidelidade à Aliança.

Fontes para aprofundamento

Escrituras: II Samuel 12; I Reis 4; Provérbios 1; Isaías 6; 55 ; Jeremias 31; Ezequiel 17; 18; Oséias 10; 14; Joel 3; Levítico 19; Mateus 13; Lucas 10; 15

Escritos do Segundo Templo: Sirácida; Sabedoria de Salomão; 4 Esdras; 2 Baruque; Salmos de Salomão

Literatura Judaica: Mishná Avot; Midrash Rabbah; Talmude Bavli; Pirkei Avot

Fontes Históricas: Flávio Josefo; Fílon de Alexandria

Questões para estudo

1. O que significa a palavra hebraica **mashal** e como ela se relaciona às parábolas de Yeshua?
2. Quais exemplos de parábolas podem ser encontrados no Tanakh antes do ministério de Yeshua?
3. Por que Yeshua ensinava frequentemente por meio de parábolas?
4. Qual é o tema central da maioria das parábolas registradas nos Evangelhos?
5. O que representa a semente na parábola do semeador e o que simbolizam os diferentes tipos de solo?
6. Como a parábola do trigo e do joio contribui para a compreensão do juízo final?
7. O que as parábolas do grão de mostarda e do fermento ensinam sobre o Reino de Elohim?
8. De que maneira a parábola do bom samaritano amplia o entendimento do mandamento de amar o próximo?
9. Como a parábola do filho pródigo ilustra o conceito de **teshuvá**?
10. Por que as parábolas continuam relevantes para a vida do discípulo e para a compreensão do Reino de Elohim?

LIÇÃO 12: PESSACH E O SACRIFÍCIO DO MASHIACH - A libertação de Israel, o cordeiro pascal e a renovação da Aliança

Versículo-chave

“O Mashiach, nosso Pessach, foi sacrificado. Por isso, celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da perversidade, mas com os pães sem fermento da sinceridade e da verdade.” I Coríntios 5:7–8

Objetivos da Lição

Ao concluir este estudo, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender o significado histórico de Pessach na libertação de Israel;
2. distinguir Pessach da Festa dos Pães sem Fermento;
3. analisar o significado do cordeiro, do sangue e da refeição pascal;
4. compreender a associação estabelecida entre Yeshua e o cordeiro de Pessach;
5. reconhecer a continuidade entre o Êxodo, a morte do Mashiach e a esperança da redenção futura;
6. evitar interpretações que eliminem Israel ou substituam o sentido original da festa.

Introdução

Pessach encontra-se entre as celebrações mais importantes da Torá. Sua origem associa-se à libertação dos filhos de Israel da escravidão no Egito, à preservação dos primogênitos e ao início da caminhada em direção ao Sinai.

O termo hebraico **Pessach** — פֶּסַח relaciona-se à ação do Eterno ao passar por cima, poupar ou proteger as casas marcadas com o sangue do cordeiro. A festa não surgiu como instituição cristã nem como simples representação antecipada da morte de Yeshua. Antes de qualquer aplicação messiânica, Pessach constitui o memorial histórico da redenção de Israel.

Entretanto, os Ketuvim Netzarim associam os acontecimentos do Êxodo à missão de Yeshua HaMashiach. O cordeiro, o sangue, a libertação da escravidão e a retirada do fermento são utilizados como imagens da redenção, da purificação e da vida renovada.

Compreende-se que a interpretação messiânica não anula o sentido histórico da festa. Ao contrário, associa a obra do Mashiach ao padrão de libertação estabelecido pelo Eterno na saída do Egito.

I – A escravidão de Israel no Egito

Antes da instituição de Pessach, Israel encontrava-se submetido ao domínio egípcio.

“Os egípcios faziam os filhos de Israel servir com dureza. Amarguravam-lhes a vida com pesada servidão, em barro, em tijolos e em todo trabalho do campo.” Shemot (Êxodo) 1:13–14

A opressão não era apenas econômica. O decreto de Faraó ameaçava a continuidade do próprio povo, determinando a morte dos meninos hebreus.

Israel clamou, e o Eterno ouviu sua aflição:

“Os filhos de Israel gemiam por causa da servidão e clamaram; e o seu clamor subiu a Elohim. Elohim ouviu o gemido deles e lembrou-se de sua Aliança com Avraham, Yitzchak e Yaakov.” Shemot 2:23–24

A expressão “lembrou-se” não significa que Elohim tivesse esquecido Sua Aliança. Na linguagem bíblica, recordar associa-se à decisão de agir em favor da promessa anteriormente estabelecida.

Compreende-se que o Êxodo resulta da fidelidade do Eterno à Aliança feita com os patriarcas.

Referências para consulta: Bereshit 15:13–16; Shemot 1–3; Jubileus 46–48; Sabedoria de Salomão 10:15–21.

II – O significado de Pessach

A instituição da celebração encontra-se em Shemot 12.

Cada família israelita deveria separar um cordeiro no décimo dia do primeiro mês e conservá-lo até o décimo quarto dia.

“No décimo dia deste mês, cada homem tomará para si um cordeiro, segundo a casa de seus pais, um cordeiro para cada família.” Shemot 12:3

O animal deveria ser: macho; de um ano; sem defeito; retirado dos cordeiros ou dos cabritos.

“O animal será sem defeito, macho de um ano; podereis tomá-lo dos cordeiros ou dos cabritos.” Shemot 12:5

O termo **seh** — שֶׁה pode designar um animal jovem do rebanho, tanto cordeiro quanto cabrito. Por isso, embora a tradição costume falar principalmente em “cordeiro pascal”, a própria Torá permitia a utilização de um cordeiro ou cabrito.

O animal seria sacrificado no dia catorze de Aviv, entre as duas tardes.

“E o guardareis até o décimo quarto dia deste mês; toda a assembleia da congregação de Israel o sacrificará entre as duas tardes.” Shemot 12:6

Compreende-se que Pessach ocorre no décimo quarto dia do primeiro mês, enquanto a Festa dos Pães sem Fermento começa no dia seguinte, no décimo quinto dia.

Referências para consulta: Shemot 12:1–20; Vayikrá 23:4–8; Bamidbar 9:1–14; 28:16–25; Devarim 16:1–8; Jubileus 49.

III – O sangue como sinal de proteção

O sangue do animal deveria ser colocado nos umbrais e na verga das portas.

“Tomarão do sangue e o colocarão nos dois umbrais e na verga da porta das casas em que o comerem.” Shemot 12:7

O Eterno declarou:

“O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu o sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga destruidora.” Shemot 12:13

O texto não afirma que o sangue fosse oferecido para converter egípcios em israelitas nem que funcionasse isoladamente como objeto mágico. O sinal encontrava-se dentro de um contexto de fé, obediência e participação na comunidade da Aliança.

A proteção não procedia de uma propriedade independente do sangue, mas da fidelidade do Eterno à palavra que havia pronunciado.

Compreende-se que o sangue assinalava as casas cujos moradores haviam obedecido às instruções de Elohim.

IV – A refeição pascal

O cordeiro deveria ser assado no fogo e consumido com pães sem fermento e ervas amargas.

“Naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães sem fermento e ervas amargas.” Shemot 12:8

Cada elemento possuía significado relacionado à experiência do Êxodo:

1. o cordeiro recordava a proteção concedida por Elohim;
2. os pães sem fermento associavam-se à saída apressada;
3. as ervas amargas recordavam a amargura da escravidão;

4. a refeição comunitária fortalecia a identidade das famílias de Israel.

A carne não deveria ser comida crua nem cozida em água, mas assada inteira. Nada deveria permanecer até a manhã.

“Não comereis dele cru, nem cozido em água, mas assado ao fogo, a cabeça com as pernas e as entranhas. Nada deixareis dele até pela manhã.” Shemot 12:9–10

A celebração deveria ser transmitida de geração em geração:

“Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que rito é este?’, respondereis: ‘Este é o sacrifício de Pessach ao Eterno, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito’.” Shemot 12:26–27

Pessach possui, portanto, caráter educativo. Os pais deveriam narrar aos filhos a libertação operada por Elohim.

Referências para consulta: Mishná Pessachim 10; Mekhilta de Rabbi Ishmael, Pisha; Fílon, *Leis Especiais* II. 145–149; Josefo, *Antiguidades Judaicas* II.311–317.

V – Pessach e Pães sem Fermento

Embora estejam intimamente relacionados, Pessach e a Festa dos Pães sem Fermento não são exatamente a mesma celebração.

A Torá estabelece:

“No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês, ao entardecer, é o Pessach do Eterno. No décimo quinto dia do mesmo mês é a Festa dos Pães sem Fermento ao Eterno; durante sete dias comereis pães sem fermento.” Vayikrá (Levítico) 23:5–6

Assim: **14 de Aviv:** Pessach; **15 a 21 de Aviv:** Festa dos Pães sem Fermento.

Na linguagem bíblica e judaica posterior, os nomes por vezes aparecem associados em sentido mais amplo, porque as celebrações ocorrem em sequência. Contudo, a distinção estabelecida na Torá permanece importante para a compreensão do calendário.

A retirada do fermento começava antes do início da festa:

“Sete dias comereis pães sem fermento; desde o primeiro dia retirareis o fermento de vossas casas.” Shemot 12:15

VI – O fermento como representação moral

O fermento possui diferentes sentidos nas Escrituras e não representa o mal em todos os contextos. Em algumas parábolas, por exemplo, representa o crescimento do Reino (Mattityahu 13:33).

Entretanto, na aplicação feita por Shaul em I Coríntios, o fermento associa-se à influência crescente do pecado dentro da comunidade:

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Purificai-vos do fermento velho, para que sejais nova massa, assim como sois sem fermento.” I Coríntios 5:6–7

A retirada do fermento é aplicada à necessidade de abandonar: maldade; perversidade; hipocrisia; comportamentos que contaminam a comunidade.

Shaul conclui:

“Celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da perversidade, mas com os pães sem fermento da sinceridade e da verdade.” I Coríntios 5:8

Compreende-se que a observância exterior deve estar acompanhada de purificação moral e renovação da conduta.

VII – Yeshua e a celebração de Pessach

Os Evangelhos registram que Yeshua participava das festas de Israel.

Yochanan menciona diferentes celebrações de Pessach durante seu ministério: Yochanan 2:13; Yochanan 6:4; Yochanan 11:55.

Em Yerushalayim, Yeshua orientou os discípulos quanto à preparação de uma refeição relacionada ao período pascal:

“Ide à cidade, à casa de certo homem, e dizei-lhe: ‘O Mestre diz: Meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei Pessach com meus discípulos’.” Mattityahu 26:18

Durante a refeição, o pão e o cálice receberam uma aplicação relacionada à entrega de sua vida e à renovação da Aliança.

“Tomou o pão, deu graças, partiu-o e deu aos discípulos, dizendo: ‘Isto é o meu corpo, entregue por vós; fazei isto em memória de mim’.” Lucas 22:19

E acerca do cálice:

“Este cálice é a Aliança Renovada no meu sangue, derramado por vós.” Lucas 22:20

A expressão “Nova Aliança” associa-se à promessa de Yirmeyahu:

“Eis que vêm dias, diz o Eterno, em que farei uma Nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Yehudah.” Yirmeyahu (Jeremias) 31:31

A renovação da Aliança não elimina Israel nem a Torá. A própria profecia anuncia que a instrução divina seria colocada no interior do povo:

“Colocarei a minha Torá no seu interior e a escreverei em seu coração.” Yirmeyahu 31:33

VIII – “O Mashiach, nosso Pessach”

Shaul estabelece diretamente a associação entre o Mashiach e o sacrifício pascal:

“O Mashiach, nosso Pessach, foi sacrificado.” I Coríntios 5:7

Essa afirmação não significa que todos os detalhes do cordeiro pascal devam ser transformados em alegorias. Tampouco significa que o sacrifício de Pessach possuísse originalmente a mesma função dos sacrifícios expiatórios de Yom Kippur.

O cordeiro pascal associa-se principalmente: à libertação; à proteção; à saída da escravidão; à formação do povo da Aliança.

Assim, ao chamar Yeshua de “nosso Pessach”, associa-se sua morte à libertação de uma nova escravidão: o domínio do pecado, da corrupção e da morte.

Yochanan também relaciona a morte de Yeshua à norma pascal:

“Nenhum de seus ossos será quebrado.” Yochanan 19:36

A declaração remete à Torá:

“Não quebrarão osso algum do cordeiro.” Shemot 12:46

Compreende-se que Yeshua é apresentado como o justo sacrificado no contexto da redenção pascal, sem que o Êxodo histórico de Israel seja reduzido a uma mera ilustração.

IX – Yeshua morreu em um madeiro

A morte de Yeshua ocorreu por execução romana. Os Ketuvim Netzarim utilizam tanto o termo grego **staurós**, relacionado ao instrumento romano de execução, quanto **xýlon**, “madeiro” ou “árvore”.

Kefa declarou:

“O Elohim de nossos pais ressuscitou Yeshua, a quem vós matastes, suspendendo-o em um madeiro.” Atos 5:30

Também se registra:

“Levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça.” I Kefa (1 Pedro) 2:24

A expressão associa-se a Devarim:

“O que for suspenso no madeiro é maldito diante de Elohim.” Devarim 21:23

Entende-se que Yeshua sofreu a condenação pública reservada aos transgressores, embora fosse apresentado como justo e inocente. Sua morte não glorifica o instrumento romano de tortura, mas revela a injustiça dos poderes humanos e sua fidelidade até a morte.

X – O novo Êxodo

Os Profetas anunciaram uma futura redenção comparável ao Êxodo do Egito.

Yirmeyahu declarou:

“Eis que vêm dias em que já não se dirá: ‘Vive o Eterno, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito’, mas: ‘Vive o Eterno, que fez subir e trouxe a descendência da casa de Israel da terra do Norte e de todas as terras para onde os havia lançado’.” Yirmeyahu 16:14–15

Yeshayahu também apresenta a restauração futura com linguagem de um novo Êxodo:

“Haverá caminho plano para o restante de seu povo, como houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito.” Yeshayahu (Isaías) 11:16

Nos escritos do Segundo Templo, a esperança da redenção final aparece associada à libertação, ao retorno dos dispersos e ao julgamento das forças opressoras (1 Enoque 90; Salmos de Salomão 17; 2 Baruque 29–30; 4 Esdras 13; 11Q13).

Compreende-se que a missão do Mashiach participa desse padrão de novo Êxodo: libertação, reunião de Israel, renovação da Aliança e estabelecimento do Reino de Elohim.

XI – Pessach no Judaísmo do Segundo Templo

Durante o período do Segundo Templo, multidões peregrinavam a Yerushalayim para oferecer o sacrifício pascal.

Flávio Josefo descreve a grande concentração de peregrinos e a importância nacional da festa (*Guerras dos Judeus* VI.423–427; *Antiguidades Judaicas* XIV.21–28).

A comunidade associada aos Manuscritos do Mar Morto também atribuía grande importância à correta observância de Pessach. Seu calendário solar de 364 dias buscava manter as festas em dias fixos da semana.

Entre os textos relevantes encontram-se: Jubileus 49; Rolo do Templo 17–18; 4Q320–4Q325; Documento de Damasco; 4QMMT.

Essas fontes demonstram que não existia plena uniformidade entre os grupos judaicos quanto ao calendário e a determinados procedimentos festivos.

Compreende-se que os debates sobre o calendário não diminuam a centralidade de Pessach como memorial da libertação de Israel.

XII – Celebrar a libertação com sinceridade e verdade

Pessach não deve ser reduzido a uma recordação distante nem transformado em rito sem aplicação prática.

A libertação do Egito exige que cada geração reflita sobre: as formas de escravidão; a opressão dos vulneráveis; a fidelidade à Aliança; a necessidade de retirar o fermento moral; a esperança da redenção futura.

A memória do Êxodo também estabelece uma ética de compaixão:

“Não oprimirás o estrangeiro, pois conheceis o coração do estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito.” Shemot 23:9

Recordar Pessach implica reconhecer que o povo libertado não deve tornar-se opressor.

Associa-se, portanto, a libertação ritual à prática da justiça, da misericórdia e da fidelidade.

Conclusão

Pessach constitui o memorial da libertação histórica dos filhos de Israel da escravidão egípcia. O cordeiro, o sangue, a refeição familiar e a saída apressada testemunham a fidelidade do Eterno à Aliança estabelecida com os patriarcas.

Os Ketuvim Netzarim associam Yeshua HaMashiach ao cordeiro pascal e interpretam sua morte como parte de uma redenção mais ampla. Essa associação não substitui Israel, não elimina a Torá e não transforma o Êxodo em simples alegoria. Compreende-se que a libertação realizada no Egito estabelece um padrão por meio do qual se interpreta a obra messiânica: o Eterno ouve o clamor, derrota o opressor, liberta os cativos e conduz Seu povo à Aliança.

Assim como Israel foi chamado a abandonar o Egito, cada discípulo é chamado a retirar o fermento da maldade e da hipocrisia, vivendo com sinceridade, verdade e fidelidade. Pessach anuncia tanto a libertação já realizada quanto a esperança da redenção futura, quando Israel será reunido, as nações serão julgadas com justiça e o Reino de Elohim será plenamente estabelecido.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 15:13–16; Shemot 1–15; 23:9; Vayikrá 23:4–8; Bamidbar 9:1–14; 28:16–25; Devarim 16:1–8; 21:22–23; Yeshayahu 11:11–16; 52:13–53:12; Yirmeyahu 16:14–15; 23:7–8; 31:31–34; Yechezkel 20:33–44.

Ketuvim Netzarim Mattityahu 26–28; Marcos 14–16; Lucas 22–24; Yochanan 1:29; 6; 13–19; Atos 5:30; 10:39; Romanos 6; I Coríntios 5:6–8; 10:1–4; 11:23–26; Gálatas 3:13; I Kefa 1:18–19; 2:24; Apocalipse 5.

Escritos do Segundo Templo e Rolos do Mar Morto Jubileus 46–49; Sabedoria de Salomão 10:15–21; 18–19; 1 Enoque 90; Salmos de Salomão 17; 2 Baruque 29–30; 4 Esdras 13; 11Q13; Rolo do Templo 17–18; 4Q320–4Q325; 4QMMT.

Literatura Rabínica e fontes históricas: Mishná Pessachim; Tosefta Pessachim; Mekhilta de Rabbi Ishmael, Pisha; Talmude Bavli, Pessachim; Fílon de Alexandria, *Leis Especiais* II; Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* II e XIV; Flávio Josefo, *Guerras dos Judeus* VI.

Questões para estudo

1. Qual é o significado histórico de Pessach para o povo de Israel?

2. Em que data Pessach deve ser celebrado segundo a Torá, e quando começa a Festa dos Pães sem Fermento?
3. Qual era a função do sangue colocado nos umbrais das casas israelitas?
4. O que representavam o cordeiro, os pães sem fermento e as ervas amargas na refeição pascal?
5. Por que a expressão “o Mashiach, nosso Pessach” não elimina o sentido histórico do Êxodo?
6. Qual é a diferença entre o sacrifício pascal e os sacrifícios expiatórios realizados em Yom Kippur?
7. Como Yirmeyahu 31:31–34 relaciona a Nova Aliança à casa de Israel, à casa de Yehudah e à Torá escrita no coração?
8. De que maneira a morte de Yeshua no madeiro se associa a Devarim 21:22–23?
9. O que os escritos do Segundo Templo e os calendários de Qumran revelam sobre a observância de Pessach?
10. Como a memória da libertação do Egito deve influenciar a prática da justiça, da misericórdia e da fidelidade à Aliança?

LIÇÃO 13: YESHUA À DIREITA DO ETERNO - A Exaltação do Mashiach, o Ministério Sacerdotal e a Intercessão Celestial

Versículo-chave

“Disse o Eterno ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.” Tehilim (Salmos) 110:1

Objetivos da Lição

Ao concluir este estudo, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender a ascensão e a exaltação de Yeshua HaMashiach;
2. interpretar a expressão “à direita de Elohim” em seu contexto bíblico; distinguir Elohim, o Pai, de Yeshua, Seu Mashiach e representante;
3. compreender o ministério sacerdotal de Yeshua segundo a ordem de Malki-Tzedek;
4. analisar os conceitos de mediação, intercessão e advocacia;
5. relacionar o ministério celestial do Mashiach ao Santuário, à Aliança e à futura restauração do Reino.

Introdução

Após sua morte e ressurreição, Yeshua apareceu aos discípulos durante um período de quarenta dias, ensinando-lhes acerca do Reino de Elohim. Em seguida, foi elevado e oculto por uma nuvem, enquanto seus discípulos observavam.

“Depois de dizer isso, foi elevado à vista deles, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o de seus olhos.” Atos 1:9

A ascensão não representa o abandono da missão messiânica, mas o início de uma nova etapa. Os Ketuvim Netzarim apresentam Yeshua exaltado à direita do Eterno, exercendo funções relacionadas à mediação da Aliança, à intercessão pelos discípulos, ao governo da Kehilah e à preparação para seu retorno.

Compreende-se, entretanto, que essas declarações devem ser interpretadas a partir da linguagem da Torá, do sacerdócio levítico, do Tehilim 110 e das expectativas messiânicas do Judaísmo do Segundo Templo. A exaltação do Mashiah não o identifica como o próprio Elohim, nem estabelece dois deuses. Entende-se que o Eterno continua sendo o único e absoluto Elohim, enquanto Yeshua recebe autoridade, honra e missão por concessão do Pai.

I – A ressurreição precede a exaltação

A esperança messiânica dos discípulos fundamenta-se primeiramente na ressurreição de Yeshua.

Kefa declarou:

“A este Yeshua Elohim ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à direita de Elohim, recebeu do Pai a promessa da Ruach HaKodesh e derramou isto que vedes e ouvis.” Atos 2:32–33

O texto estabelece uma sequência: Yeshua foi morto; Elohim o ressuscitou; Elohim o exaltou; Yeshua recebeu do Pai autoridade e a promessa da Ruach; essa manifestação foi concedida à comunidade.

A ressurreição não é apresentada como um ato realizado independentemente pelo próprio Yeshua, mas como obra de Elohim:

“O Elohim de nossos pais ressuscitou Yeshua, a quem matastes, suspendendo-o em um madeiro. Elohim, porém, o exaltou à sua direita como Príncipe e Salvador, para conceder a Israel teshuvá e perdão dos pecados.” Atos 5:30–31

Compreende-se que a exaltação constitui a confirmação divina de sua missão. O homem rejeitado pelos governantes foi vindicado pelo Eterno e estabelecido como Mashiah, Príncipe e futuro Rei.

Referências para consulta: Atos 2:22–36; 3:13–21; 5:30–31; 13:30–39; Romanos 8:11; I Coríntios 15:12–28; I Kefa 1:20–21.

II – A ascensão de Yeshua

Lucas registra:

**“Enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi elevado ao céu.”
Lucas 24:51**

O livro de Atos acrescenta que uma nuvem o recebeu.

Na linguagem bíblica, a nuvem associa-se frequentemente à manifestação da presença e da glória do Eterno: a nuvem sobre o Sinai — Shemot 19:9; a nuvem sobre o Mishkan — Shemot 40:34–38; a nuvem no Templo — I Reis 8:10–11; a visão do Filho do Homem — Daniel 7:13–14.

A ascensão também recorda a visão de Daniel:

“Eis que vinha com as nuvens dos céus um como filho de homem; dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, honra e reino.” Daniel 7:13–14

Observa-se que o Filho do Homem aproxima-se do Ancião de Dias e recebe dele autoridade. As duas figuras não são confundidas. O Ancião de Dias concede; o Filho do Homem recebe.

Entende-se que a ascensão de Yeshua se associa a essa investidura messiânica. Ele comparece diante do Eterno e recebe autoridade para governar, julgar e futuramente estabelecer o Reino sobre as nações.

Referências para consulta: Daniel 7:9–14; Lucas 24:50–53; Atos 1:1–11; 1 Enoque 46–48; 62–69; IV Esdras 13.

III – O significado de estar à direita de Elohim

Tehilim 110 declara:

“Disse o Eterno ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.” Tehilim 110:1

A expressão “à direita” não deve ser limitada à ideia de posição física. Nas Escrituras, a mão direita simboliza: autoridade; poder; honra; vitória; representação delegada.

A Torá declara:

“A tua direita, ó Eterno, é gloriosa em poder; a tua direita, ó Eterno, despedaça o inimigo.” Shemot 15:6

O salmista afirma:

“A destra do Eterno se eleva; a destra do Eterno age poderosamente.” Tehilim 118:16

Portanto, assentar-se à direita do Eterno significa receber o mais elevado lugar de autoridade abaixo do próprio Elohim.

Shaul escreve:

“Elohim o exaltou sobremaneira e lhe concedeu o nome que está acima de todo nome.” Filipenses 2:9

O verbo “concedeu” demonstra que a autoridade não é originada autonomamente em Yeshua, mas recebida de Elohim.

O próprio Yeshua declarou:

“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.” Mattityahu 28:18

Compreende-se que aquele que concede permanece superior àquele que recebe. Essa relação também aparece em I Coríntios:

“Quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará Àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Elohim seja tudo em todos.” I Coríntios 15:28

Entende-se, assim, que a exaltação do Mashiach não contradiz a absoluta unicidade de Elohim. Yeshua exerce autoridade delegada como representante, Rei e servo escolhido do Eterno.

IV – O Mashiach como sacerdote segundo Malki-Tzedek

Tehilim 110 não apresenta apenas o Rei exaltado. Também declara:

“Jurou o Eterno e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Malki-Tzedek.” Tehilim 110:4

Malki-Tzedek aparece inicialmente em Bereshit:

“Malki-Tzedek, rei de Shalem, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote de El Elyon. E abençoou Avram.” Bereshit 14:18–19

Seu nome pode ser compreendido como “rei de justiça”, enquanto “rei de Shalem” associa-se à paz e possivelmente à antiga Yerushalayim.

A Carta aos Hebreus aplica o Tehilim 110 a Yeshua:

“Tendo sido nomeado por Elohim sumo sacerdote segundo a ordem de Malki-Tzedek.” Hebreus 5:10

Essa ordem não significa que Yeshua fosse sacerdote levítico ou descendente de Aharon. Segundo sua genealogia, associa-se à tribo de Yehudah. Seu sacerdócio é interpretado como uma função messiânica, celestial e distinta do serviço levítico terreno.

O sacerdócio de Aharon permanecia ligado: ao Mishkan e posteriormente ao Templo; aos sacrifícios da Torá; ao serviço dos descendentes de Levi; à purificação ritual de Israel.

Já o sacerdócio segundo Malki-Tzedek associa-se ao Rei-Mashiach exaltado e à mediação da Aliança.

Referências para consulta: Bereshit 14:17–20; Tehilim 110; Hebreus 5–7; 11Q13; 2 Enoque 71–72; Fílon, *Interpretação Alegórica* III.79–82.

V – Malki-Tzedek nos Rolos do Mar Morto

O documento **11Q13**, conhecido como **11QMelquisedeque**, apresenta Malki-Tzedek como uma figura escatológica ligada: à libertação dos cativos; ao ano do jubileu; ao julgamento das forças do mal; à proclamação das boas-novas; à expiação ou libertação do povo.

O texto utiliza passagens como: Vayikrá 25; Devarim 15; Yeshayahu 52:7; Tehilim 82.

Essa fonte demonstra que, antes ou durante o primeiro século, pelo menos alguns grupos judaicos já associavam Malki-Tzedek à redenção futura.

Compreende-se que Hebreus dialoga com um ambiente judaico no qual o sacerdócio de Malki-Tzedek já possuía significado escatológico. Contudo, não se conclui que todas as tradições de 11Q13 tenham sido simplesmente transferidas para Yeshua. Trata-se de uma aproximação histórica que auxilia na compreensão do pensamento daquele período.

Referências para consulta: 11Q13 II:1–25; Vayikrá 25:8–13; Yeshayahu 52:7; 61:1–2; Tehilim 82; Hebreus 7.

VI – Yeshua como mediador

Shaul escreve:

“Há um só Elohim e um só mediador entre Elohim e os homens: o homem Mashiach Yeshua.” I Timóteo 2:5

A própria estrutura da frase distingue claramente: o único Elohim; os seres humanos; o mediador entre ambos.

Yeshua é denominado “o homem Mashiach Yeshua”, ressaltando sua humanidade e sua função representativa.

Um mediador não é a mesma pessoa que uma das partes entre as quais exerce mediação. Ele representa, aproxima, comunica e participa da reconciliação.

Moshe desempenhou função semelhante na Aliança do Sinai:

“Eu estava em pé entre o Eterno e vós naquele tempo, para vos anunciar a palavra do Eterno.” Devarim 5:5

Na Aliança renovada, Yeshua é apresentado como mediador:

“Ele é mediador de uma Aliança superior, estabelecida sobre melhores promessas.” Hebreus 8:6

A superioridade mencionada não deve ser entendida como desprezo pela Torá ou pelo Sinai. O argumento de Hebreus concentra-se na eficácia permanente do ministério messiânico e na promessa de que a Torá seria escrita no coração, conforme Yirmeyahu 31:31–34.

Compreende-se que Yeshua media a renovação da relação entre Elohim e Seu povo, enquanto a origem da Aliança, do perdão e da redenção permanece no próprio Eterno.

VII – Yeshua como intercessor

A Carta aos Romanos declara:

“Mashiach Yeshua é quem morreu, ou melhor, quem ressuscitou, o qual está à direita de Elohim e também intercede por nós.” Romanos 8:34

Hebreus acrescenta:

“Por isso também pode salvar completamente os que por ele se aproximam de Elohim, vivendo sempre para interceder por eles.” Hebreus 7:25

Interceder significa apresentar uma petição em favor de outra pessoa. Essa função possui antecedentes importantes nas Escrituras.

Avraham intercedeu por Sodoma: **“Destruirás também o justo com o ímpio?” Bereshit 18:23**

Moshe intercedeu por Israel após o pecado do bezerro: **“Agora, pois, perdoa o pecado deles; se não, apaga-me do teu livro que escreveste.” Shemot 32:32**

Aharon realizou expiação e permaneceu entre os mortos e os vivos:

“Pôs o incenso, fez expiação pelo povo e ficou entre os mortos e os vivos; e cessou a praga.” Bamidbar 16:47–48

O Servo de Yeshayahu também é descrito como intercessor:

“Levou sobre si o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores.” Yeshayahu 53:12

Associa-se o ministério de Yeshua a essa tradição de intercessores justos, alcançando uma dimensão singular por sua ressurreição, exaltação e missão messiânica.

VIII – O Mashiach como advogado

Yochanan escreve:

“Meus filhos, escrevo-vos estas coisas para que não pequeis. Contudo, se alguém pecar, temos junto ao Pai um advogado: Yeshua HaMashiach, o justo.” I Yochanan 2:1

O termo grego **paráklētos** pode significar: defensor; advogado; auxiliador; consolador; aquele chamado para permanecer ao lado.

A passagem não incentiva uma vida de transgressão. Pelo contrário, inicia com a exortação: “para que não pequeis”.

A advocacia do Mashiach relaciona-se ao arrependimento sincero e à fidelidade do Eterno:

“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda injustiça.” I Yochanan 1:9

Observa-se que o perdão procede de Elohim. Yeshua exerce a função de advogado e justo representante dos discípulos diante do Pai.

Compreende-se que sua intercessão não substitui a teshuvá, a confissão nem a reparação do dano. A misericórdia não deve ser convertida em justificativa para permanecer deliberadamente no pecado.

IX – O Sumo Sacerdote que conhece a fraqueza humana

Hebreus declara:

“Não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas, mas um que foi provado em todas as coisas à nossa semelhança, sem pecado.” Hebreus 4:15

A humanidade de Yeshua constitui parte essencial de seu ministério sacerdotal. Ele experimentou: fome; cansaço; tristeza; perseguição; rejeição; sofrimento; provações.

Por isso, associa-se sua intercessão à compaixão.

O texto continua:

“Aproximemo-nos, portanto, com confiança do trono da misericórdia, para receber misericórdia e encontrar graça para auxílio em tempo oportuno.” Hebreus 4:16

A expressão “trono da misericórdia” recorda o **kapporet**, a cobertura da Arca da Aliança, diante da qual o sumo sacerdote realizava o serviço de Yom Kippur (Shemot 25:17–22; Vayikrá 16).

Compreende-se que Hebreus utiliza a linguagem do Santuário para explicar a aproximação confiante de Elohim por meio do Mashiach.

X – O sacrifício realizado uma vez

A Carta aos Hebreus distingue o sacrifício de Yeshua dos sacrifícios repetidos no serviço do Templo:

“Ele não necessita, como os sumos sacerdotes, oferecer sacrifícios diariamente, primeiro por seus próprios pecados e depois pelos do povo, pois fez isso uma vez por todas quando ofereceu a si mesmo.” Hebreus 7:27

Também declara:

“Depois de oferecer para sempre um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Elohim.” Hebreus 10:12

A expressão “uma vez por todas” indica que a entrega de Yeshua não deve ser repetida.

Seu ministério atual não consiste em morrer continuamente nem em reapresentar literalmente seu sangue a cada transgressão. O sacrifício foi realizado na história; a intercessão e a mediação baseiam-se nessa entrega já concluída.

Entende-se que a morte do Mashiach não deve ser interpretada como se Elohim tivesse prazer no sofrimento de um inocente. Ela revela: a violência dos poderes humanos; a fidelidade do justo até a morte; o amor expresso na entrega voluntária; a confirmação divina por meio da ressurreição.

Referências para consulta: Yeshayahu 52:13–53:12; Marcos 10:45; Romanos 3:21–26; Hebreus 7:26–28; 9:11–28; 10:1–18; I Kefa 2:21–25.

XI – O Santuário celestial

A Torá afirma que o Mishkan terreno foi construído segundo um modelo mostrado a Moshe:

“Vê e faz tudo conforme o modelo que te foi mostrado no monte.” Shemot 25:40

Hebreus utiliza essa passagem para falar de um Santuário superior:

“Eles servem em figura e sombra das realidades celestiais, conforme Moshe foi advertido ao construir o Mishkan.” Hebreus 8:5

E acerca de Yeshua:

“Temos tal sumo sacerdote, que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, ministro do Santuário e do verdadeiro Tabernáculo que o Eterno erigiu, e não o homem.” Hebreus 8:1–2

O conceito de um Templo celestial não surge exclusivamente nos Ketuvim Netzarim. Ele aparece em diferentes tradições judaicas: visão do trono em Yeshayahu 6; visão do Templo em Yechezkel 40–48; Templo celestial em 1 Enoque 14; Santuário celestial em Jubileus 1:27–29; Cânticos do Sacrifício do Shabat — 4Q400–407 e 11Q17; Testamento de Levi 3–5; 3 Baruque.

Esses textos apresentam os serviços terrenos como associados a uma realidade celestial.

Compreende-se que Hebreus desenvolve sua interpretação dentro desse universo simbólico judaico, apresentando Yeshua como ministro do Santuário celestial.

XII – Yeshua e o governo da Kehilah

A exaltação do Mashiach também se associa ao cuidado da comunidade dos discípulos.

Shaul escreve:

“Elohim sujeitou todas as coisas debaixo de seus pés e o constituiu cabeça sobre todas as coisas para a Kehilah, que é seu corpo.” Efésios 1:22–23

A imagem da cabeça e do corpo expressa: direção; unidade; dependência; responsabilidade coletiva; diversidade de funções.

Contudo, compreende-se que a presença de Yeshua na Kehilah não elimina a atuação da Ruach HaKodesh, o Espírito do próprio Eterno.

Antes de partir, Yeshua prometeu:

“Eu pedirei ao Pai, e Ele vos dará outro auxiliador, para que permaneça convosco para sempre: a Ruach da verdade.” Yochanan 14:16–17

Observa-se novamente a distinção: Yeshua pede; o Pai concede; a Ruach procede da ação de Elohim e habita nos discípulos.

A presença do Mashiach entre a comunidade manifesta-se por meio da Palavra, da missão confiada aos discípulos e da atuação da Ruach HaKodesh.

XIII – Ele aguarda a sujeição dos inimigos

Tehilim 110 apresenta o Mashiach assentado até que seus inimigos sejam colocados sob seus pés.

Hebreus retoma essa linguagem:

“Desde então aguarda até que seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.” Hebreus 10:13

Essa espera não significa inatividade. O período entre a exaltação e o retorno inclui: proclamação do Reino; formação da comunidade; reunião dos dispersos; intercessão; testemunho entre as nações; preparação para o juízo futuro.

Shaul ensina:

“Depois virá o fim, quando entregar o Reino a Elohim, o Pai, depois de destruir todo principado, toda autoridade e poder. Porque é necessário que ele reine até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.” I Coríntios 15:24–26

O Reino messiânico possui, portanto, uma finalidade: sujeitar o mal, destruir a morte e entregar todas as coisas ao governo absoluto de Elohim.

XIV – A intercessão não elimina a oração direta ao Eterno

O ministério mediador de Yeshua não significa que os discípulos estejam proibidos de dirigir-se diretamente ao Pai.

Yeshua ensinou:

“Vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu Nome.” Mattityahu 6:9

Em outro momento afirmou:

“Naquele dia pedireis em meu nome. Não vos digo que eu pedirei ao Pai por vós, porque o próprio Pai vos ama.” Yochanan 16:26–27

Compreende-se que o discípulo pode aproximar-se diretamente do Eterno, reconhecendo ao mesmo tempo que a abertura da Aliança, a esperança da ressurreição e a missão comunitária associam-se à obra de Yeshua HaMashiach.

Orar “em nome” de Yeshua não significa utilizar seu nome como fórmula mágica. Significa apresentar-se em consonância com: sua missão; seus ensinamentos; seu caráter; sua autoridade recebida; a vontade do Eterno por ele revelada.

XV – O retorno permanece necessário

O ministério celestial de Yeshua não substitui sua futura vinda à terra.

Os mensageiros declararam aos discípulos: **“Este Yeshua, que dentre vós foi elevado ao céu, virá da mesma maneira como o vistes subir.” Atos 1:11**

A exaltação atual possui caráter provisório em relação à consumação do Reino. Ele permanece à direita do Eterno até o momento determinado para: ressuscitar os mortos; transformar os vivos; julgar as nações; derrotar os poderes do mal; reunir Israel; assumir o trono de David; estabelecer o Reino Messiânico.

A esperança não consiste em permanecer indefinidamente distante da terra, mas no retorno do Mashiach e na restauração de todas as coisas:

“É necessário que o céu o receba até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Elohim falou pela boca de seus santos profetas desde a antiguidade.” Atos 3:21

Conclusão

Após sua ressurreição, Yeshua foi exaltado pelo Eterno e recebeu autoridade à Sua direita. Essa posição não o identifica como o próprio Elohim, mas o apresenta como Mashiach, Rei, Servo, Mediador e sacerdote segundo a ordem de Malki-Tzedek.

Seu ministério celestial associa-se à intercessão, à mediação da Aliança, ao cuidado da Kehilah e à expectativa da sujeição final de todos os inimigos. A linguagem do Santuário utilizada por Hebreus insere-se nas tradições judaicas acerca do Templo celestial e interpreta a obra do Mashiach à luz da Torá e do serviço sacerdotal.

Compreende-se que há um só Elohim, o Pai, fonte de toda autoridade, e um só mediador, o homem Mashiach Yeshua, que recebeu do Eterno a missão de conduzir a redenção à sua consumação. Sua permanência à direita do Pai não representa o fim da história, pois ele retornará no tempo determinado para estabelecer o Reino, ressuscitar os mortos e entregar todas as coisas ao domínio absoluto de Elohim.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 14:17–20; 18:16–33; Shemot 15:6; 25:8–40; 28–29; 32:30–35; Vayikrá 16; Bamidbar 16:41–50; Devarim 5:5; 18:15–19; I Shemuel 2:35; Tehilim 2; 45; 82; 110; 118; Yeshayahu 6; 11; 42; 52:13–53:12; 61; Yirmeyahu 31:31–34; Yechezkel 40–48; Daniel 7:9–14.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 6:5–15; 26:62–64; 28:18–20; Marcos 16:19; Lucas 22:69; 24:44–53; Yochanan 14–17; Atos 1:1–11; 2:22–36; 3:13–21; 5:30–31; 7:55–56; Romanos 8:31–34; I Coríntios 15:20–28; Efésios 1:15–23; Filipenses 2:5–11; Colossenses 3:1; I Timóteo 2:5–6; Hebreus 1; 4–10; I Yochanan 1:5–2:2; I Kefa 3:21–22; Apocalipse 3:21; 5; 11:15.

Escritos do Segundo Templo e Rolos do Mar Morto: 1 Enoque 14; 46–48; 61–69; Jubileus 1:27–29; Testamento de Levi 3–5; 18; 2 Enoque 71–72; IV Esdras 13; 11Q13 — 11QMelquisedeque; Cânticos do Sacrifício do Shabat — 4Q400–407; 11Q17; 4Q174 — Florilégio; 4Q246; 4Q521.

Literatura judaica rabínica e fontes históricas: Targum sobre Tehilim 110; Talmude Bavli, Nedarim 32b; Talmude Bavli, Sanhedrin 38b; Bereshit Rabbah 43; Midrash Tehilim 110; Fílon de Alexandria, *Interpretação Alegórica* III; Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* I.

Questões para estudo

1. Qual sequência de acontecimentos é apresentada em Atos 2:32–33 entre a ressurreição, a exaltação e o derramamento da Ruach HaKodesh?
2. O que significa biblicamente a expressão “assentar-se à direita de Elohim”?
3. Como Daniel 7:13–14 distingue o Filho do Homem do Ancião de Dias?
4. Por que a autoridade de Yeshua é compreendida como recebida e delegada pelo Eterno?
5. Qual é a relação entre Malki-Tzedek, Tehilim 110 e o ministério sacerdotal de Yeshua?
6. O que o documento 11Q13 revela sobre a expectativa judaica relacionada a Malki-Tzedek?
7. Como I Timóteo 2:5 distingue Elohim, a humanidade e o mediador Yeshua HaMashiach?
8. Qual é a diferença entre mediação, intercessão e advocacia?
9. De que maneira a linguagem do Santuário celestial em Hebreus se relaciona com a Torá e com os escritos do Segundo Templo?
10. Por que a exaltação e o ministério celestial de Yeshua não eliminam a necessidade de seu retorno e do estabelecimento futuro do Reino Messiânico?

LIÇÃO 14 : A ELOHUT DO MASHIACH E AS MANIFESTAÇÕES DO ÚNICO ELOHIM - O Pai, a Palavra-Sabedoria, a Ruach HaKodesh e a tradição judaica dos “Dois Poderes no Céu”

Versículo-chave

“Cheguei-me a um dos que estavam perto e pedi-lhe a verdade acerca de tudo isso. Ele me respondeu e me fez saber a interpretação das coisas. Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o Reino e o possuirão para todo o sempre.”
Daniel 7:16–18

Objetivos da Lição

Ao concluir este estudo, o estudante deverá ser capaz de:

1. compreender a diferença entre o monoteísmo hebraico e o unitarismo filosófico;
2. reconhecer a absoluta unicidade do Eterno sem negar a pluralidade de Suas manifestações;
3. compreender o conceito de Elohut, isto é, a manifestação da natureza, autoridade e presença do Eterno;
4. analisar a tradição judaica dos chamados “Dois Poderes no Céu”;
5. relacionar o Mashiach à Palavra, à Sabedoria e à manifestação visível do Elohim invisível;
6. compreender a Ruach HaKodesh como a dimensão feminina, materna, geradora e consoladora do Eterno;
7. distinguir esse entendimento da Trindade, do triteísmo, do modalismo e do unitarismo;
8. interpretar as passagens bíblicas nas quais mais de uma manifestação divina aparece simultaneamente;
9. reconhecer Yeshua como a manifestação humana da Chochmah e da Palavra do Eterno;
10. preservar a confissão de que há um único Elohim, manifestado por meio de diferentes Knumê.

Introdução

A doutrina sobre a identidade do Eterno, do Mashiach e da Ruach HaKodesh não pode ser adequadamente compreendida apenas por meio das categorias filosóficas desenvolvidas pelo cristianismo posterior. A Trindade, o modalismo e o unitarismo representam tentativas distintas de explicar a linguagem das Escrituras, mas nenhuma delas corresponde integralmente ao universo religioso, linguístico e místico do antigo Israel.

O monoteísmo bíblico não apresenta o Eterno como uma unidade solitária, estática e incapaz de manifestar-se de maneiras distintas. Ele é absolutamente um, indivisível em Sua essência e único em Sua soberania, mas pode revelar Sua presença por meio de Sua Palavra, Sabedoria, Espírito, Glória, Nome, Anjo, Trono e Mashiach.

Compreende-se, portanto, que a pluralidade de manifestações não cria vários deuses. O Eterno permanece um, ainda que Sua presença seja percebida em diferentes Knumê, poderes, atributos ou formas de manifestação.

Nesse contexto, a tradição denominada “Dois Poderes no Céu” preserva vestígios de antigas interpretações judaicas segundo as quais o Elohim invisível podia manifestar Sua autoridade por meio de uma segunda figura celestial, portadora de Seu Nome, de Sua Glória e de Seu governo. Essa segunda manifestação não era originalmente entendida como outro Elohim independente, mas como o poder visível, executivo e revelador do único Eterno.

Yeshua HaMashiach deve ser compreendido dentro desse ambiente judaico. Ele não é um segundo deus separado do Pai, nem apenas um homem comum, nem o próprio Pai disfarçado. Ele é a manifestação humana da Palavra e da Chochmah do Eterno, o Filho do Homem exaltado, o portador do Nome, o Mashiach em quem a Elohut divina se tornou visível.

A Ruach HaKodesh, por sua vez, não constitui uma terceira pessoa masculina independente. Ela representa a presença feminina, maternal, vivificante, consoladora e geradora do único Elohim.

I – O verdadeiro monoteísmo hebraico

A confissão fundamental de Israel declara:

“Ouve, Israel: o Eterno é nosso Elohim; o Eterno é um.” Devarim 6:4

O termo hebraico **echad** — **אֶחָד** afirma a unicidade do Eterno. Entretanto, essa unicidade não deve ser confundida com o unitarismo filosófico, segundo o qual Elohim somente poderia existir como uma individualidade simples, isolada e sem qualquer diversidade interna de manifestação.

O Eterno é um porque:

1. somente Ele é a fonte de toda existência;
2. somente Ele possui soberania absoluta;
3. não há outro Criador além dele;
4. todas as manifestações divinas procedem de Sua própria essência;
5. nenhum poder existe de forma independente dele.

A unicidade do Eterno não significa ausência de complexidade, profundidade ou manifestação. A própria Escritura apresenta: a Palavra de Elohim; a Sabedoria de Elohim; a Ruach de Elohim; a Glória de Elohim; o Nome de Elohim; o Anjo do Eterno; a Presença do Eterno; o Filho do Homem; o Trono e aquele que nele se assenta.

Essas realidades não constituem vários deuses. São manifestações do único Elohim.

II – O unitarismo não corresponde ao monoteísmo bíblico

O unitarismo costuma afirmar que Elohim é uma única pessoa isolada e que Yeshua é somente um homem exterior à realidade divina.

Esse sistema enfrenta dificuldades diante de diversas passagens nas quais: o Anjo do Eterno fala como Elohim; a Palavra atua como poder criador; a Sabedoria participa da formação do mundo; o Filho do Homem recebe domínio celestial; o Mashiach recebe títulos e prerrogativas divinas; uma figura celestial é distinguida do Ancião de Dias; o Eterno aparece simultaneamente no céu e na terra; a Glória divina assume forma visível.

O monoteísmo hebraico reconhece que o Eterno pode manifestar-se sem deixar de permanecer transcendente.

Assim, não se compreende Yeshua como um segundo deus, mas também não se reduz sua identidade à de um profeta comum. A Elohut do Mashiach pertence ao próprio Eterno que nele se manifesta.

III – O significado de Elohut

O termo hebraico Elohut — **אֱלֹהִיּוּת** refere-se à divindade, à natureza divina ou à qualidade daquilo que pertence a Elohim.

Ao falar da Elohut do Mashiach, não se afirma necessariamente que o homem Yeshua seja o próprio Pai ou que exista um segundo Elohim independente.

Compreende-se que: a Elohut tem sua fonte no Pai; a Palavra e a Chochmah procedem do Eterno; essa realidade divina foi manifestada em Yeshua; o Mashiach tornou visível o caráter, a autoridade e a presença do Elohim invisível; a humanidade de Yeshua tornou-se o santuário da manifestação divina.

Shaul escreve:

“Nele habita corporalmente toda a plenitude da Elohut.”
Colossenses 2:9

O texto não afirma que o corpo humano esgotava a totalidade infinita do Eterno. Indica que a plenitude da manifestação divina destinada ao Mashiah habitava nele corporalmente.

Yeshua constitui, portanto, o lugar humano da presença, da Palavra e da Sabedoria do Eterno.

IV – O único Elohim manifestado em Knumê

O termo semítico **Knuma**, no plural **Knumê**, pode expressar uma realidade concreta, uma manifestação individualizada, uma essência manifesta ou um modo real de existência.

Dentro desse entendimento, o único Elohim manifesta-se em três Knumê fundamentais:

1. O Pai — Aba

O Pai é: a fonte absoluta; o Elohim invisível; o princípio não originado; o Altíssimo; a vontade soberana; o Keter, a Coroa e origem de toda manifestação.

2. A Palavra-Sabedoria — Mashiah

A Palavra e a Chochmah constituem: a revelação do Pai; o poder ordenador; a manifestação visível; o braço executivo do Eterno; a imagem do Elohim invisível; a realidade divina manifestada humanamente em Yeshua.

3. A Ruach HaKodesh

A Ruach representa: a presença íntima do Eterno; o sopro vivificante; a dimensão maternal e feminina; a fonte da inspiração; o poder de gestação, renovação e santificação; a consolação e o cuidado do Eterno.

Essas Knumê não constituem três pessoas autônomas nem três deuses. São manifestações reais do único Elohim.

V – As manifestações não dividem o Eterno

A luz pode iluminar, aquecer e revelar sem deixar de ser uma única realidade. Da mesma forma, o Eterno manifesta Sua presença por meio de diferentes operações sem dividir Sua essência.

A Palavra não é outro deus separado de Elohim. Ela é a própria expressão do Eterno.

A Ruach não é uma deusa independente. Ela é o próprio Espírito do Eterno.

O Mashiach não constitui um segundo Elohim rival. Ele é a manifestação visível e humana da Palavra-Sabedoria do único Elohim.

Por isso, a pluralidade bíblica não deve ser interpretada como politeísmo.

Também não deve ser dissolvida pelo modalismo, como se Pai, Mashiach e Ruach fossem apenas nomes temporários, sem distinção real.

As manifestações são distintas, mas pertencem ao mesmo Eterno.

VI – Os “Dois Poderes no Céu”

A expressão **“Dois Poderes no Céu”** aparece em discussões rabínicas posteriores como designação de uma interpretação considerada herética por determinados sábios.

Entretanto, a própria condenação demonstra que esse entendimento circulava em ambientes judaicos antigos.

A tradição reconhecia textos nos quais duas figuras celestiais aparecem: ambas associadas à autoridade divina; uma invisível e outra visível; uma assentada no trono e outra recebendo domínio; uma enviando e outra executando; uma chamada Eterno e outra portadora do Nome do Eterno.

A controvérsia não surgiu inicialmente por causa do cristianismo gentílico. Ela possui raízes em antigas interpretações judaicas da Torá, dos Profetas e das visões apocalípticas.

Entre os textos centrais encontram-se: Bereshit 19:24; Shemot 3; Shemot 23:20–23; Shemot 24:9–11; Daniel 7:9–14; Tehilim 45; Tehilim 110; Yeshayahu 48:12–16; 1 Enoque 46–48; 11Q13.

Compreende-se que os “Dois Poderes” não representam dois deuses independentes, mas duas manifestações do único governo celestial: o Eterno transcendente e Seu poder revelado.

VII – “O Eterno fez chover da parte do Eterno”

Bereshit registra:

“Então o Eterno fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo da parte do Eterno, desde os céus.” Bereshit 19:24

O texto menciona o Eterno na terra e o Eterno nos céus.

Essa construção despertou interpretações sobre uma manifestação terrena do Eterno operando em perfeita unidade com o Eterno celestial.

Não se trata necessariamente de dois deuses, mas de: o Eterno manifestado; o Eterno transcendente; o poder visível; a fonte celestial.

Aquele que aparece a Avraham recebe honra, fala com autoridade divina e executa o julgamento, enquanto o Eterno permanece nos céus.

O texto constitui uma das bases antigas para a compreensão de manifestações simultâneas do único Elohim.

VIII – O Anjo do Eterno como manifestação divina

Em Shemot 3, o relato começa afirmando:

“Apareceu-lhe o Anjo do Eterno em uma chama de fogo, no meio de uma sarça.” Shemot 3:2

Pouco depois, declara:

“Vendo o Eterno que Moshe se aproximava para observar, Elohim o chamou do meio da sarça.” Shemot 3:4

O mesmo personagem é identificado como: Anjo do Eterno; Eterno; Elohim; Elohim de Avraham, Yitzchak e Yaakov.

O termo **malakh** significa mensageiro. Ele descreve função, não necessariamente natureza.

O Anjo do Eterno pode ser compreendido como manifestação da Palavra e da Presença divina, por meio da qual o Elohim invisível torna-se perceptível.

O Eterno permanece transcendente, mas Sua manifestação fala em primeira pessoa porque porta Sua presença e autoridade.

IX – O Anjo que possui o Nome do Eterno

O Eterno disse a Israel:

“Eis que envio um Anjo diante de ti para guardar-te pelo caminho e conduzir-te ao lugar que preparei. Guarda-te diante dele e ouve sua voz; não te rebeles contra ele, pois não perdoará a vossa transgressão, porque o meu Nome está nele.” Shemot 23:20–21

Esse mensageiro: é enviado pelo Eterno; possui o Nome do Eterno; deve ser obedecido; possui autoridade para julgar; conduz Israel; representa a própria Presença divina.

O Nome não é simples denominação. Na mentalidade bíblica, o Nome representa: caráter; autoridade; presença; soberania; identidade manifesta.

O Anjo do Nome constitui um dos principais antecedentes da Elohut do Mashiach. Yeshua também afirma:

“Eu vim em nome de meu Pai.” Yochanan 5:43

E ora:

**“Manifestei o teu Nome aos homens que do mundo me deste.”
Yochanan 17:6**

X – O Anjo da Presença

Yeshayahu declara:

“Em toda a angústia deles ele foi angustiado, e o Anjo de sua Presença os salvou; em seu amor e misericórdia ele os redimiu, tomou-os e os conduziu todos os dias da antiguidade.” Yeshayahu 63:9

O hebraico fala do **Malakh Panav**, o Anjo de Sua Face ou Presença.

A “Face” do Eterno representa Sua manifestação acessível. Nenhum ser humano pode contemplar a essência infinita do Eterno, mas Sua Face pode ser revelada por meio de uma manifestação.

A literatura do Segundo Templo desenvolveu a figura do Anjo da Presença. Em Jubileus, um anjo dessa categoria transmite a revelação a Moshe. Em outras tradições, a Presença celestial relaciona-se à Glória, ao Nome e à Palavra.

Compreende-se que o Mashiach representa a manifestação suprema da Face e da Presença do Eterno entre os seres humanos.

LIÇÃO 15 - Continuação.

XI – O Filho do Homem e o Ancião de Dias

Daniel viu:

“Continuei olhando nas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens dos céus um como Filho do Homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele.” Daniel 7:13

O texto apresenta duas figuras:

1. o Ancião de Dias;
2. o Filho do Homem.

O Filho do Homem recebe: domínio; glória; Reino; serviço das nações; autoridade eterna.

“Foi-lhe dado domínio, glória e Reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem.” Daniel 7:14

O Filho do Homem não é um segundo Elohim independente. Ele constitui a manifestação régia e judicial da autoridade do Altíssimo.

A visão demonstra que a fé bíblica podia apresentar duas figuras celestiais investidas de autoridade sem abandonar o monoteísmo.

XII – O Filho do Homem em 1 Enoque

Nas Parábolas de Enoque, o Filho do Homem aparece como figura preordenada no propósito do Eterno.

Ele é associado: à justiça; ao julgamento; ao Reino; à reunião dos eleitos; à derrota dos reis ímpios; à revelação do Nome; à presença diante do Senhor dos Espíritos.

Em 1 Enoque 46, Enoque vê: o Ancião de Dias; aquele cuja aparência era semelhante à de um homem; uma figura distinguida do Altíssimo, mas revestida de grande autoridade.

Em 1 Enoque 48, o nome do Filho do Homem é conhecido diante do Senhor dos Espíritos antes da manifestação histórica de sua missão.

Essa preexistência pode ser compreendida como existência: no plano divino; na Sabedoria; no Nome; na predestinação; na realidade celestial da missão.

Yeshua identifica-se com essa tradição ao utilizar repetidamente o título **Filho do Homem**.

XIII – Tehilim 110 e os dois senhores

O salmista declara:

“Disse o Eterno ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.” Tehilim 110:1

O texto apresenta: o Eterno; o senhor davídico; o trono celestial; a autoridade concedida; a sujeição dos inimigos.

Yeshua aplicou esse salmo ao Mashiach:

“Como dizem que o Mashiach é filho de David? O próprio David diz no livro dos Salmos: Disse o Eterno ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita.” Lucas 20:41–42

O Mashiach é descendente de David segundo a carne, mas superior a David em sua autoridade celestial.

A manifestação régia do Eterno encontra-se à Sua direita, compartilhando o governo sem substituir o Pai.

XIV – O Trono de Elohim e do Cordeiro

Apocalipse apresenta:

“Mostrou-me o rio da água da vida, brilhante como cristal, que saía do trono de Elohim e do Cordeiro.” Apocalipse 22:1

E ainda:

“O trono de Elohim e do Cordeiro estará nela, e os seus servos o servirão.” Apocalipse 22:3

O texto não apresenta dois tronos rivais, mas um governo compartilhado.

O Cordeiro participa do trono porque representa a autoridade do Eterno. Ele exerce o poder recebido e manifesta o juízo, a misericórdia e o Reino do Pai.

A unidade do trono expressa a unidade de governo. A distinção entre Elohim e o Cordeiro permanece, mas ambos aparecem na mesma administração celestial.

XV – A Palavra criadora do Eterno

Tehilim declara:

“Pela Palavra do Eterno foram feitos os céus, e pelo sopro de sua boca, todo o exército deles.” Tehilim 33:6

A criação manifesta três realidades inseparáveis: o Eterno; Sua Palavra; Sua Ruach ou sopro.

Não se trata de três deuses. É o único Elohim criando por meio de Sua Palavra e de Sua Ruach.

Bereshit apresenta:

“A Ruach de Elohim pairava sobre a face das águas. E Elohim disse: Haja luz.” Bereshit 1:2–3

A Palavra ordena e a Ruach vivifica.

Essas duas manifestações procedem da mesma fonte: o Pai, o Eterno invisível.

XVI – A Palavra nos Targumim

Os Targumim frequentemente utilizam o termo aramaico **Memra**, “Palavra”, em passagens relacionadas à manifestação do Eterno.

A Memra pode aparecer: criando; falando; salvando; protegendo; julgando; estabelecendo a Aliança; habitando entre Israel.

Essa linguagem permitia afirmar que o Eterno agia verdadeiramente no mundo sem reduzir Sua transcendência infinita.

A Memra não constituía necessariamente um segundo deus. Ela representava a manifestação ativa, reveladora e executiva do único Elohim.

O prólogo de Yochanan deve ser interpretado dentro desse ambiente:

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Elohim, e a Palavra era Elohim.” Yochanan 1:1

A Palavra pertence à identidade do Eterno, mas pode ser distinguida enquanto manifestação.

XVII – “A Palavra tornou-se carne”

Yochanan declara:

“A Palavra tornou-se carne e habitou entre nós, e contemplamos sua glória, glória como do unigênito vindo do Pai, cheio de graça e verdade.” Yochanan 1:14

A Palavra não se transformou em um segundo Elohim encarnado. Compreende-se que a Palavra, a Sabedoria, a vontade e a presença do Eterno foram manifestadas corporalmente em Yeshua.

Yeshua nasceu como verdadeiro ser humano: filho de Miryam; descendente de David; integrante de Israel; sujeito ao crescimento; passível de sofrimento; mortal; ressuscitado pelo Eterno.

Contudo, nele habitou a plenitude da Palavra e da Chochmah.

Assim, o homem Yeshua não deve ser confundido com a essência infinita do Pai, mas também não pode ser separado da Elohut que nele se manifestou.

XVIII – Yeshua como Santuário da Presença

Yeshua declarou:

“Destruí este Santuário, e em três dias o levantarei.” Yochanan 2:19

O texto explica:

“Ele falava do Santuário de seu corpo.” Yochanan 2:21

O corpo do Mashiach é apresentado como local da manifestação divina.

Assim como a Shechinah habitava: no Mishkan; sobre a Arca; no Templo; no meio de Israel;

a presença do Eterno habitou de maneira plena no Mashiach.

Shaul escreve:

“Elohim estava no Mashiach reconciliando consigo o mundo.” II Coríntios 5:19

Não se afirma que o Pai deixou de existir nos céus e se tornou exclusivamente Yeshua. Declara-se que Elohim estava nele, agindo por meio dele.

Lição 16 - Continuação.

XIX – A Chochmah como manifestação feminina e divina

A Sabedoria, em hebraico **Chochmah** — חֵכֶמָה, é gramaticalmente feminina.

Em Mishlei, ela é personificada como mulher:

“A Sabedoria clama nas ruas, nas praças levanta a sua voz.” Mishlei 1:20

Ela declara:

“O Eterno me possuía no princípio de seu caminho, antes de suas obras mais antigas.” Mishlei 8:22

E ainda: **“Quando ele preparava os céus, eu estava ali.” Mishlei 8:27**

Na literatura sapiencial, a Chochmah: procede do Eterno; participa da ordem da criação; habita entre os seres humanos; ensina; alimenta; protege; conduz à vida; representa a presença divina no mundo.

A Chochmah não é uma deusa independente. Ela constitui a dimensão sábia, geradora e reveladora do único Elohim.

XX – A Chochmah em Sirácida e Sabedoria de Salomão

Sirácida apresenta a Sabedoria declarando:

“Saí da boca do Altíssimo e, como névoa, cobri a terra.” Sirácida 24:3

Ela também afirma:

“O Criador de todas as coisas deu-me uma ordem, e aquele que me criou determinou o lugar de minha habitação.” Sirácida 24:8

Na Sabedoria de Salomão, a Chochmah é descrita como:

“Sopro do poder de Elohim e pura emanção da glória do Todo-Poderoso.” Sabedoria de Salomão 7:25

Também é chamada:

“Reflexo da luz eterna, espelho sem mancha da atividade de Elohim e imagem de sua bondade.” Sabedoria de Salomão 7:26

Essas expressões ajudam a compreender a linguagem aplicada ao Mashiach em Hebreus:

“Ele é o resplendor da glória e a expressão de sua realidade.” Hebreus 1:3

Yeshua manifesta corporalmente aquilo que a literatura sapiencial atribuía à Chochmah.

XXI – A Ruach HaKodesh como dimensão feminina do Eterno

A palavra hebraica **ruach** — רוח é geralmente feminina na língua hebraica.

A tradição semítica também preserva formas femininas relacionadas ao Espírito. Isso favoreceu uma compreensão maternal da atuação da Ruach HaKodesh.

A Ruach manifesta aspectos como: geração; gestação; nutrição; cuidado; consolação; proteção; inspiração; vida; acolhimento; renovação.

A Ruach não é uma mulher física nem uma deusa separada. Ela constitui a dimensão feminina e materna do próprio Eterno.

Assim como o Eterno transcende o sexo biológico, Ele pode manifestar atributos paternos e maternos.

O Pai representa a fonte, a vontade e a autoridade. A Ruach manifesta a presença íntima, geradora e cuidadora do Eterno.

XXII – Imagens maternas do Eterno

As Escrituras utilizam imagens femininas para descrever o próprio Eterno.

**“Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei.”
Yeshayahu 66:13**

“Pode uma mulher esquecer-se de seu filho de peito, de modo que não se compadeça do filho de seu ventre? Ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti.” Yeshayahu 49:15

“Como a águia desperta o seu ninho, paira sobre seus filhotes, estende suas asas, toma-os e os leva sobre suas penas, assim o Eterno sozinho o guiou.” Devarim 32:11–12

Yeshua também utilizou uma imagem maternal:

“Quantas vezes quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas.” Mattityahu 23:37

Essas imagens demonstram que a feminilidade simbólica e espiritual pertence à plenitude do Eterno.

XXIII – A Ruach pairava como uma mãe sobre as águas

Bereshit declara:

“A Ruach de Elohim pairava sobre a face das águas.” Bereshit 1:2

O verbo hebraico traduzido por “pairava” pode transmitir a imagem de uma ave que se move sobre o ninho.

A mesma raiz aparece em Devarim 32:11, na descrição da águia que paira sobre os filhotes.

Essa conexão permite compreender a Ruach criadora como presença maternal: cobrindo as águas; preparando a criação; gerando vida; protegendo aquilo que estava para nascer.

A criação começa sob a ação vivificante da Ruach.

XXIV – O nascimento de Yeshua e a Ruach maternal

O mensageiro declarou a Miryam:

“A Ruach HaKodesh virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; por isso, aquele que nascer será santo e será chamado Filho de Elohim.” Lucas 1:35

A Ruach participa do nascimento do Mashiah como poder gerador do Eterno.

Não se descreve uma relação sexual entre uma divindade masculina e uma mulher, como nos mitos pagãos. A linguagem é de: cobertura; santificação; criação; poder; presença; gestação.

A Ruach manifesta a ação maternal do Eterno no ventre de Miryam.

O Filho procede da vontade do Pai e é formado sob a atuação da Ruach.

XXV – O novo nascimento pela Ruach

Yeshua declarou:

“Quem não nascer da água e da Ruach não pode entrar no Reino de Elohim. O que nasce da carne é carne, e o que nasce da Ruach é espírito.” Yochanan 3:5–6

A imagem do nascimento associa a Ruach à maternidade espiritual.

A Ruach: gera nova vida; forma o discípulo; renova o coração; inscreve a Torá no interior; consola; alimenta; conduz ao amadurecimento.

Shaul também utiliza linguagem de parto:

“Meus filhos, por quem novamente sofro dores de parto, até que o Mashiaich seja formado em vós.” Gálatas 4:19

A atuação da Ruach possui, portanto, profundo caráter maternal.

XXVI – Ruach, Shechinah e presença feminina

Na tradição judaica, a palavra **Shechinah** é feminina e descreve a presença habitante do Eterno.

A Shechinah: repousava no Mishkan; habitava no meio de Israel; acompanhava o povo no exílio; manifestava a glória; consolava os aflitos; permanecia próxima dos justos.

Embora “Shechinah” não apareça como termo técnico no texto hebraico da Bíblia, sua ideia deriva do verbo **shakhan**, “habitar”.

“Farão para mim um Santuário, e habitarei no meio deles.” Shemot 25:8

A Ruach HaKodesh e a Shechinah não precisam ser tratadas como seres distintos. Ambas expressam a presença imanente, maternal e habitante do Eterno.

XXVII – A Ruach não é uma terceira pessoa masculina

A formulação cristã posterior passou a falar do Espírito Santo como uma terceira pessoa divina, frequentemente representada por pronomes e imagens masculinas.

Entretanto, no ambiente hebraico e semítico: **ruach** é geralmente feminina; a Sabedoria é feminina; a Shechinah é feminina; a atuação do Espírito é maternal; a Ruach procede do próprio Eterno.

A Ruach não age como divindade independente do Pai.

Ela é: a Ruach do Pai; a Ruach de Elohim; a Ruach do Eterno; a Ruach de santidade; a Ruach de sabedoria; a Ruach da verdade.

Yeshua declarou:

“Não sois vós que falais, mas a Ruach de vosso Pai é quem fala em vós.” Mattityahu 10:20

A Ruach pertence ao Pai e manifesta Sua presença.

XXVIII – A Elohut do Mashiach e a Ruach HaKodesh

O Mashiach e a Ruach não devem ser confundidos.

Yeshua é: a manifestação humana da Palavra; a expressão visível da Chochmah; o Filho do Homem; o Rei; o portador do Nome; o Servo escolhido; a imagem do Elohim invisível.

A Ruach é: a presença interior do Eterno; a dimensão feminina e maternal; o poder vivificante; a consolação; a inspiração; a santificação; a gestação espiritual.

Ambos procedem da mesma fonte: o Pai, o único Elohim.

A Palavra manifesta o Eterno exteriormente; a Ruach manifesta o Eterno interiormente.

A Palavra revela; a Ruach vivifica.

A Palavra assume expressão humana no Mashiach; a Ruach habita e transforma a comunidade.

XXIX – Yeshua como imagem do Elohim invisível

Shaul declara:

“Ele é a imagem do Elohim invisível, o primogênito de toda a criação.” Colossenses 1:15

O Eterno é invisível em Sua essência:

“Aquele que possui imortalidade e habita em luz inacessível, a quem nenhum ser humano viu nem pode ver.” I Timóteo 6:16

Yeshua torna visível o Elohim invisível porque nele são manifestados: o caráter; a justiça; a misericórdia; a Sabedoria; a Palavra; o governo; a presença; o Nome.

Ele não é uma imagem imperfeita ou apenas simbólica. Constitui a manifestação messiânica plena da Elohut destinada à humanidade.

XXX – “Quem me vê, vê o Pai”

Yeshua declarou:

“Quem me vê, vê o Pai.” Yochanan 14:9

Essa afirmação não significa que Yeshua seja a mesma Knuma que o Pai.

O próprio contexto afirma:

“O Pai, que habita em mim, realiza as suas obras.” Yochanan 14:10

O Pai habita em Yeshua por meio de Sua Palavra e de Sua Ruach.

Portanto, ver o Mashiach é ver: a manifestação do Pai; a Elohut do Pai; a imagem do Pai; a vontade do Pai; as obras do Pai; o caráter do Pai.

A distinção permanece, mas a união é tão profunda que o enviado torna visível aquele que o enviou.

Lição 17 - Continuação.

XXXI – “Eu e o Pai somos um”

Yeshua afirmou:

“Eu e o Pai somos um.” Yochanan 10:30

Essa unidade não deve ser reduzida apenas a uma concordância moral externa. Ela expressa profunda comunhão de: presença; autoridade; vontade; Palavra; Elohut; missão; governo.

Entretanto, Pai e Mashiach não são a mesma Knuma.

A oração de Yeshua demonstra distinção:

“Pai, glorifica-me junto de ti com a glória que eu possuía junto de ti antes que o mundo existisse.” Yochanan 17:5

Compreende-se essa glória como a realidade preordenada do Mashiach na Chochmah e no propósito eterno do Eterno.

O Mashiach estava com Elohim na Palavra, no plano, na Sabedoria e na Glória, antes de manifestar-se historicamente como Yeshua.

XXXII – A preexistência da Chochmah, não necessariamente do homem Yeshua

Deve-se distinguir entre: o homem Yeshua, nascido de Miryam; a Palavra-Sabedoria que nele se manifestou.

O homem Yeshua teve nascimento histórico.

A Chochmah, entretanto, pertence ao Eterno desde antes da criação.

“Antes dos montes serem estabelecidos, antes das colinas, eu fui gerada.” Mishlei 8:25

A missão do Mashiach preexistia: na mente do Eterno; na Chochmah; na Palavra; no Nome; na promessa; no projeto da criação.

Assim, pode-se afirmar que a realidade messiânica precede Avraham sem necessariamente declarar que o homem Yeshua vivia corporalmente antes de seu nascimento.

XXXIII – “Antes que Avraham existisse, eu sou”

Yeshua declarou: **“Antes que Avraham existisse, eu sou.” Yochanan 8:58**

Essa declaração pode ser compreendida à luz da preexistência da Palavra-Sabedoria manifestada no Mashiach.

Yeshua fala a partir da realidade da Elohut que nele habitava. A Palavra que se manifestava em sua vida precedia Avraham e toda a criação.

Ao mesmo tempo, o homem Yeshua era descendente de Avraham segundo a carne.

A passagem reúne duas dimensões: a humanidade histórica do Mashiach; a antiguidade da Palavra e da Chochmah nele manifestadas.

Não se trata de declarar que Yeshua seja o Pai, mas de reconhecer que a manifestação divina presente nele possui origem anterior à sua existência humana.

XXXIV – O Mashiach como a Rocha que acompanhava Israel

Shaul escreve:

“Todos beberam da mesma bebida espiritual, porque bebiam da Rocha espiritual que os acompanhava; e a Rocha era o Mashiach.” I Coríntios 10:4

A afirmação relaciona o Mashiach à presença divina que conduzia Israel.

A Rocha no Tanakh é título do Eterno: **“Ele é a Rocha; sua obra é perfeita.” Devarim 32:4**

Shaul não afirma que o homem Yeshua caminhava fisicamente no deserto. Compreende-se que a realidade messiânica, a Palavra e a Presença que posteriormente se manifestariam em Yeshua já atuavam na história de Israel.

O Mashiach constitui a manifestação histórica daquela mesma Rocha, Palavra e Sabedoria do Eterno.

XXXV – O Mashiach como Anjo da Presença

Há correspondências entre Yeshua e o Anjo da Presença: ambos são enviados; ambos carregam o Nome; ambos falam em nome do Eterno; ambos conduzem o povo; ambos manifestam a Presença; ambos exercem autoridade para julgar; ambos são associados à libertação; ambos tornam visível o Elohim invisível.

Isso não significa que Yeshua seja simplesmente um anjo criado.

O termo **malakh** descreve a função de mensageiro. O Mashiach pode exercer função angelical ou mensageira sem pertencer à categoria comum dos anjos.

Ele é superior aos anjos porque recebeu nome, posição e autoridade superiores:

“Tornou-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é mais excelente do que o deles.” Hebreus 1:4

XXXVI – O perigo de transformar manifestação em politeísmo

A doutrina dos Dois Poderes pode ser mal interpretada caso se conclua que existem dois deuses autônomos.

As Escrituras não ensinam: dois Criadores independentes; dois Pais; duas fontes eternas; dois Altíssimos rivais; duas soberanias absolutas.

Existe um só Eterno.

O segundo poder é a manifestação do primeiro.

A Palavra pertence ao Eterno.

A Sabedoria pertence ao Eterno.

A Ruach pertence ao Eterno.

O Mashiach recebe sua Elohut, Nome, autoridade e missão do Eterno.

A pluralidade manifesta não destrói a unidade essencial.

XXXVII – O perigo do modalismo

O modalismo afirma que Pai, Filho e Ruach são apenas máscaras temporárias de uma única pessoa.

Esse entendimento não explica adequadamente as relações apresentadas nas Escrituras: o Pai envia o Filho; o Filho ora ao Pai; o Pai concede autoridade ao Filho; a Ruach desce sobre o Filho; o Filho recebe a Ruach do Pai; o Filho se assenta à direita do Pai; o Filho entrega o Reino ao Pai.

As Knumê são realmente distintas.

Entretanto, sua distinção não constitui separação entre deuses. Elas pertencem à realidade do único Elohim.

XXXVIII – O perigo da Trindade filosófica

A doutrina trinitária clássica afirma que existem três pessoas coiguais, coeternas e consubstanciais em um único Deus.

Esse sistema procurou preservar a unidade e a distinção, mas empregou categorias filosóficas que não pertencem originalmente ao pensamento hebraico.

Entre seus problemas estão: transformar as manifestações em três pessoas masculinas; reduzir a dimensão feminina da Ruach; declarar igualdade absoluta entre o Pai e o Filho; enfraquecer a linguagem bíblica de origem, envio, unção e autoridade concedida; projetar conceitos conciliares posteriores sobre textos judaicos antigos.

O entendimento da Elohut e das Knumê preserva tanto a unidade quanto as distinções sem recorrer à definição de três pessoas coiguais.

XXXIX – O Pai é maior enquanto fonte

Yeshua declarou:

“O Pai é maior do que eu.” Yochanan 14:28

Essa superioridade não nega a Elohut do Mashiach.

O Pai é maior porque constitui: a fonte; a origem; o princípio; o não gerado; o invisível; aquele de quem procedem a Palavra, a Ruach e toda autoridade.

O Mashiach é a manifestação da Elohut, não sua fonte independente.

A Palavra é divina porque procede do Eterno.

A Ruach é divina porque é o Espírito do Eterno.

Yeshua participa da Elohut porque a plenitude da Palavra e da Sabedoria habitou nele.

XL – A sujeição do Mashiach ao Pai

Shaul escreve:

“Quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Elohim seja tudo em todos.” I Coríntios 15:28

A sujeição não elimina a Elohut do Mashiach. Ela demonstra a ordem entre as manifestações: o Pai é a fonte; o Mashiach recebe o Reino; o Mashiach derrota os inimigos; o Mashiach entrega o Reino ao Pai; a soberania retorna à plena manifestação do único Elohim.

O Filho não é rival do Pai. Sua glória consiste em realizar perfeitamente a vontade do Pai.

XLI – Honrar o Mashiach é honrar o Pai

Yeshua declarou:

“Para que todos honrem o Filho assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.” Yochanan 5:23

A honra concedida ao Mashiach não constitui idolatria, porque nele se manifesta a Elohut do Eterno.

Ao honrar o enviado, honra-se aquele que o enviou.

Ao obedecer à Palavra, obedece-se ao Eterno.

Ao reconhecer o Nome presente no Mashiach, reconhece-se a autoridade do Pai.

Contudo, toda honra retorna à fonte:

“Toda língua confesse que Yeshua HaMashiach é YHWH, para a glória de Elohim, o Pai.” Filipenses 2:11

XLII – O Cordeiro recebe honra celestial

Apocalipse apresenta os seres celestiais proclamando:

“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor.” Apocalipse 5:12

E prossegue:

“Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos.” Apocalipse 5:13

A visão contém: aquele que está assentado no trono; o Cordeiro; uma adoração e governo compartilhados; distinção e unidade.

O Cordeiro participa da honra divina porque manifesta o governo, o Nome e a Elohut do Eterno.

Essa cena representa claramente o padrão dos Dois Poderes no Céu sem estabelecer dois deuses.

XLIII – O Pai, o Mashiach e a Ruach na tevilá

Na tevilá de Yeshua aparecem simultaneamente: Yeshua nas águas; a Ruach descendo como pomba; a voz do Pai proveniente dos céus.

“Depois de ser imerso, Yeshua saiu imediatamente da água. E os céus se abriram, e ele viu a Ruach de Elohim descendo como pomba e vindo sobre ele. E uma voz dos céus dizia: Este é meu Filho amado, em quem me agrado.” Mattityahu 3:16–17

A passagem não apresenta três deuses.

Apresenta três manifestações do único propósito divino: o Pai declara; a Ruach unge; o Mashiach recebe e manifesta a unção.

A cena revela distinção de Knumê e unidade de ação.

XLIV – Pai, Filho e Ruach na missão

Yeshua ordenou:

“Fazei discípulos de todas as nações, imergindo-os em nome do Pai, do Filho e da Ruach HaKodesh.” Mattityahu 28:19

O termo “nome” aparece no singular.

Compreende-se que Pai, Filho e Ruach participam de uma única autoridade e de um único propósito.

O Pai é a fonte.

O Filho é a manifestação messiânica.

A Ruach é a presença santificadora e maternal.

A fórmula não estabelece três deuses nem três pessoas coiguais. Ela expressa a plenitude da ação do único Elohim na redenção.

XLV – Uma confissão de fé hebraica sobre a Elohut

A compreensão pode ser resumida nos seguintes princípios:

1. O Eterno é o único Elohim verdadeiro.
2. O Eterno é indivisível em Sua essência e absoluto em Sua soberania.
3. O Eterno manifesta-se por meio de diferentes Knumê.
4. O Pai é a fonte transcendente e invisível.
5. A Palavra-Chochmah constitui a manifestação reveladora e executiva.
6. Yeshua é a manifestação humana da Palavra e da Chochmah.
7. A Elohut do Mashiach procede do próprio Eterno.
8. O Mashiach não é outro deus independente.
9. O Mashiach não é apenas um homem comum.
10. O Pai e o Mashiach são distintos, mas inseparáveis na missão e na Elohut.
11. A Ruach HaKodesh é o Espírito do Eterno.
12. A Ruach representa a dimensão feminina, maternal, vivificante e consoladora do Eterno.
13. A Ruach não é uma deusa nem uma terceira divindade.
14. Os Dois Poderes no Céu representam o Eterno invisível e Sua manifestação visível.
15. Toda autoridade, glória e governo retornam ao único Elohim.

Conclusão

O verdadeiro monoteísmo bíblico não deve ser confundido com o unitarismo filosófico. A afirmação de que o Eterno é um não significa que Ele seja uma individualidade solitária, incapaz de manifestar Sua Palavra, Sua Sabedoria, Sua Ruach, Sua Glória e Sua Presença de formas distintas.

As Escrituras apresentam o único Elohim como transcendente e, ao mesmo tempo, manifestado. O Pai permanece invisível e absoluto, enquanto Sua Palavra, Seu Nome, Seu Anjo, Sua Glória e Seu Mashiach tornam Sua presença conhecida.

A tradição judaica dos **Dois Poderes no Céu** preserva o testemunho de antigas interpretações nas quais o Eterno e Sua manifestação celestial aparecem lado a lado.

Daniel contempla o Ancião de Dias e o Filho do Homem; David contempla o Eterno e seu Adon; Avraham encontra o Eterno na terra enquanto o Eterno permanece nos céus; Moshe encontra o Anjo que fala como Elohim; Yochanan contempla aquele que está no trono e o Cordeiro.

Essas figuras não constituem dois deuses. São duas manifestações do único governo divino.

Yeshua HaMashiach é a manifestação humana da Palavra e da Chochmah do Eterno. Sua humanidade é verdadeira, mas nele habita corporalmente a plenitude da Elohut. Ele é a imagem do Elohim invisível, o portador do Nome, o Filho do Homem, o Cordeiro, o Rei e o representante perfeito do Pai.

A Ruach HaKodesh constitui a presença feminina e maternal do Eterno. Ela paira sobre as águas, gera vida, cobre Miryam, produz o novo nascimento, consola, santifica, inspira e habita na comunidade. Ela não é uma terceira pessoa masculina ou uma deusa independente, mas a dimensão vivificante, íntima e acolhedora do único Elohim.

Assim, não se adota: o unitarismo, que reduz o Mashiach a um homem exterior à Elohut; o modalismo, que elimina as distinções; o triteísmo, que estabelece três deuses; a Trindade filosófica, que define três pessoas coiguais e geralmente masculinas.

Compreende-se o único Elohim manifestado em Knumê: o Pai como fonte, a Palavra-Chochmah manifestada no Mashiach e a Ruach HaKodesh como presença feminina, maternal e vivificante. A distinção permanece sem divisão, e a unidade permanece sem confusão.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 1:1–3,26–27; 18–19; Shemot 3:1–15; 14:19–24; 23:20–23; 24:9–11; 25:8; Devarim 4:35,39; 6:4–5; 10:17; 32:4,11–12; Yehoshua 5:13–15; Juízes 6:11–24; 13:2–23; Tehilim 2; 33; 45; 82; 110; Mishlei 1; 3; 8–9; Yeshayahu 6; 9:5–6; 11:1–5; 42:1–9; 48:12–16; 49:15; 52:13–53:12; 63:7–14; 66:13; Yechezkel 1; 8–11; 36–37; Daniel 7:9–14.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 3:13–17; 10:20; 11:25–30; 23:37; 28:18–20; Marcos 12:28–34; Lucas 1:26–35; Yochanan 1:1–18; 2:19–21; 3:1–8; 5:19–30,43; 8:24–58; 10:22–38; 14–17; 20:17–31; Atos 2:22–36; 5:30–31; 7:55–56; Romanos 8; I Coríntios 8:4–6; 10:1–4; 15:20–28; II Coríntios 3:17–18; 5:19; Gálatas 4:19; Filipenses 2:5–11; Colossenses 1:15–20; 2:9; I Timóteo 2:5; 6:16; Hebreus 1; 4–7; Apocalipse 3:12,21; 5; 21–22.

Escritos do Segundo Templo: Sirácida 24; Sabedoria de Salomão 7–10; 1 Enoque 14; 37–48; 61–69; Jubileus 1–2; Testamento de Levi 2–5; 18; Testamento de Yehudah 24; 2 Enoque 20–22; 71–72; 4 Esdras 13; 2 Baruque 29–30; 51; 11Q13 —

11QMelquisedeque; 4Q174 — Florilégio; 4Q246 — Filho de Elohim; 4Q521 — Apocalipse Messiânico; Cânticos do Sacrifício do Shabat — 4Q400–407 e 11Q17.

Targumim e literatura rabínica: Targum Onkelos; Targum Neofiti; Targum Pseudo-Jonathan; Targum Yerushalmi; Bereshit Rabbah; Shemot Rabbah; Midrash Tehilim 2; 45; 110; Talmude Bavli, Sanhedrin 38b; Talmude Bavli, Chagigah 14a–15a; Talmude Bavli, Nedarim 32b; Mekhilta de Rabbi Ishmael; tradições rabínicas acerca de Metatron e do Anjo da Presença; textos da literatura de Heikhalot e Merkavah.

Estudos históricos: Alan F. Segal, *Two Powers in Heaven*; estudos sobre a Memra nos Targumim; estudos sobre a Chochmah na literatura sapiencial; pesquisas sobre o Filho do Homem em Daniel e 1 Enoque; estudos sobre Malki-Tzedek em 11Q13; pesquisas sobre Shechinah, Ruach e simbolismo feminino na tradição judaica.

Questões para estudo

1. Por que o monoteísmo hebraico não deve ser confundido com o unitarismo filosófico?
2. O que significa afirmar que o único Elohim manifesta-se por meio de diferentes **Knumê**?
3. Como a doutrina dos “Dois Poderes no Céu” pode ser compreendida sem estabelecer dois deuses?
4. Que relação existe entre o Anjo do Eterno, o Anjo da Presença e a manifestação da Elohut?
5. Como Daniel 7 apresenta simultaneamente o Ancião de Dias e o Filho do Homem?
6. Em que sentido Yeshua é a manifestação humana da Palavra e da Chochmah do Eterno?
7. Qual é a diferença entre a preexistência da Palavra-Sabedoria e a existência histórica do homem Yeshua?
8. Por que a Ruach HaKodesh pode ser compreendida como a dimensão feminina e maternal do Eterno?
9. Como as imagens da criação, da gestação, da consolação e do novo nascimento revelam o caráter feminino da Ruach?
10. Como o ensino da Elohut do Mashiah preserva simultaneamente a unicidade do Eterno, a distinção das Knumê e a elevada posição de Yeshua HaMashiah?

LIÇÃO 18: A ELOHUT DE YESHUA HAMASHIACH -A humanidade do Mashiach e a manifestação da Palavra-Sabedoria do Eterno

Versículo-chave

“Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Elohut.”
Colossenses 2:9

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender: a verdadeira humanidade de Yeshua; o significado de sua filiação divina; a diferença entre o homem Yeshua e a Palavra-Sabedoria nele manifestada; a participação do Mashiach na Elohut do único Eterno; a relação entre Yeshua, o Anjo da Presença e o Segundo Poder celestial; por que a Elohut do Mashiach não constitui politeísmo, unitarismo ou trinitarismo.

Introdução

Esta lição trata-se de Yeshua, de seu nascimento, de sua identificação como Filho de Elohim, de sua condição messiânica, de sua humanidade e da autoridade que recebeu.

Entretanto, sua conclusão reduz Yeshua a um homem exterior à realidade divina. A presente lição mantém o tema central da revista, mas o desenvolve conforme o entendimento da **Elohut do Mashiach**.

Yeshua não é outro Elohim independente, nem o próprio Pai em uma forma diferente. Também não é apenas um homem comum adotado como representante. Ele é o verdadeiro Mashiach humano em quem a Palavra, a Chochmah, o Nome, a Glória e a presença do Eterno foram manifestados corporalmente.

1. O nascimento humano de Yeshua

Yeshua nasceu verdadeiramente como ser humano, filho de Miryam e pertencente à descendência de Avraham e David.

“Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de David segundo a carne.” Romanos 1:3

O mensageiro anunciou:

“A Ruach HaKodesh virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; por isso, o santo que nascer será chamado Filho de Elohim.” Lucas 1:35

O homem Yeshua não desceu fisicamente dos céus. Ele foi formado no ventre de Miryam pela ação da Ruach HaKodesh, compreendida como a manifestação feminina, maternal e geradora do Eterno.

2. Yeshua é o Filho de Elohim

Na tevilá, o Eterno declarou:

“Este é meu Filho amado, em quem me agrado.” Mattityahu 3:17

Ser Filho de Elohim significa que Yeshua: procede da vontade do Eterno; foi gerado pela atuação da Ruach; representa perfeitamente o Pai; recebeu o Nome e a autoridade divina; foi escolhido como Rei e Mashiach.

Sua filiação não significa que existam dois deuses. O Filho manifesta o único Elohim sem tornar-se outro Altíssimo independente.

3. “Tu és o Mashiach, o Filho do Elohim vivo”

Quando Yeshua perguntou aos discípulos quem eles entendiam que ele era, Kefa respondeu:

“Tu és o Mashiach, o Filho do Elohim vivo.” Mattityahu 16:16

Yeshua não corrigiu essa confissão. Pelo contrário, declarou que ela havia sido revelada pelo Pai.

A identidade fundamental de Yeshua é: o Mashiach prometido; o Filho do Elohim vivo; o Filho do Homem; o descendente de David; o Servo escolhido; o portador da Elohut.

Sua humanidade e sua manifestação divina não se anulam, mas se encontram na missão messiânica.

4. A Palavra e a Chochmah preexistiam

Deve-se distinguir o homem Yeshua da Palavra-Sabedoria que nele foi manifestada.

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Elohim, e a Palavra era Elohim.” Yochanan 1:1

Mishlei apresenta a Chochmah junto do Eterno antes da criação:

“Quando ele preparava os céus, eu estava ali.” Mishlei 8:27

A Palavra e a Chochmah não são seres independentes. Elas pertencem à própria realidade do Eterno.

Assim, não se afirma necessariamente que o homem Yeshua vivia conscientemente antes de seu nascimento. Afirma-se que a Palavra-Sabedoria manifestada nele pertence ao Eterno desde o princípio.

5. A Palavra tornou-se carne

Yochanan declara:

“A Palavra tornou-se carne e habitou entre nós, e contemplamos sua glória.” Yochanan 1:14

A Palavra não deixou de pertencer ao Eterno. Ela assumiu expressão humana na vida de Yeshua.

Nele foram manifestados: o caráter do Pai; a vontade do Pai; a Chochmah do Pai; a autoridade do Pai; o Nome do Pai; a Glória do Pai.

Yeshua tornou-se o santuário humano da Palavra e da presença do Eterno.

6. A plenitude da Elohut habitava nele

Shaul afirma:

“Nele habita corporalmente toda a plenitude da Elohut.” Colossenses 2:9

A palavra **Elohut** significa divindade, natureza divina ou aquilo que pertence a Elohim.

O texto não ensina que o corpo humano de Yeshua continha ou limitava toda a infinitude do Pai. Ensina que a plenitude da manifestação divina destinada ao Mashiach habitava nele corporalmente.

Yeshua é verdadeiro homem, mas não apenas homem. Nele habitam a Palavra, a Chochmah, a Glória e a presença do Eterno.

7. Yeshua é a imagem do Elohim invisível

“Ele é a imagem do Elohim invisível, o primogênito de toda a criação.” Colossenses 1:15

O Pai é invisível e habita em luz inacessível. Yeshua torna conhecida Sua presença.

Por isso, ele declarou:

“Quem me vê, vê o Pai.” Yochanan 14:9

Yeshua não afirmou ser a mesma Knuma que o Pai. O contexto explica:

“O Pai, que habita em mim, realiza as suas obras.” Yochanan 14:10

Ver o Mashiach é contemplar a manifestação visível do Pai invisível.

8. Yeshua e o Segundo Poder celestial

A antiga tradição judaica dos **Dois Poderes no Céu** procurava compreender textos em que duas figuras celestiais aparecem compartilhando autoridade divina.

Daniel contempla: o Ancião de Dias; o Filho do Homem aproximando-se dele.

“Foi-lhe dado domínio, glória e Reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem.” Daniel 7:14

Yeshua identifica-se com o Filho do Homem. Ele representa o Segundo Poder: a manifestação visível, régia e executiva da autoridade do Eterno.

Isso não estabelece dois deuses. O Segundo Poder procede do Primeiro e manifesta Seu governo.

9. O Nome do Eterno está no Mashiach

O Eterno declarou acerca do mensageiro que conduziria Israel:

“O meu Nome está nele.” Shemot 23:21

Esse mensageiro possuía autoridade para: conduzir Israel; falar em nome do Eterno; julgar a desobediência; manifestar a Presença divina.

Yeshua declarou:

“Eu vim em nome de meu Pai.” Yochanan 5:43

Também orou:

“Manifestei o teu Nome aos homens que do mundo me deste.” Yochanan 17:6

O Nome representa presença, identidade manifesta e autoridade. Yeshua porta o Nome do Pai sem ser outro Elohim independente.

10. Yeshua recebe honra juntamente com o Pai

Apocalipse apresenta o Cordeiro recebendo honra celestial:

“Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos.” Apocalipse 5:13

Há distinção entre: aquele que está assentado no trono; o Cordeiro.

Entretanto, ambos participam do mesmo governo celestial.

Yeshua também declarou:

“Para que todos honrem o Filho assim como honram o Pai.”

Yochanan 5:23

Honrar o Mashiach não constitui idolatria, pois nele se manifesta a Elohut do Eterno. Toda honra prestada ao Filho retorna à glória do Pai:

“Toda língua confesse que Yeshua HaMashiach é Senhor, para a glória de Elohim, o Pai.” Filipenses 2:11

Conclusão

Yeshua é verdadeiro homem, nascido de Miryam e descendente de David. Todavia, ele não pode ser reduzido a um simples profeta ou representante humano exterior à realidade divina.

A Palavra e a Chochmah do Eterno preexistiam desde antes da criação e foram manifestadas corporalmente no Mashiach. Por isso, Yeshua é a imagem do Elohim invisível, o portador do Nome, o santuário da presença divina e a manifestação humana do Segundo Poder celestial.

Esse entendimento não afirma dois deuses. O Pai permanece a fonte suprema, invisível e absoluta. Yeshua é a manifestação visível, messiânica e humana de Sua Palavra-Sabedoria.

Também não se confunde o Pai com o Filho. Eles são Knumê distintas, mas pertencem à manifestação do único Elohim. A Ruach HaKodesh, como dimensão feminina, maternal e vivificante do Eterno, atua na geração, na unção e na formação do Mashiach.

Assim, a Elohut de Yeshua é afirmada sem recorrer ao unitarismo, ao modalismo, ao triteísmo ou à formulação trinitária conciliar.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 1:1–3; 18–19; Shemot 3:1–15; 23:20–23; Tehilim 2; 45; 110; Mishlei 8; Yeshayahu 9:5–6; 42:1–9; 48:12–16; 63:9; Daniel 7:9–14.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 3:13–17; 16:13–17; Lucas 1:26–35; Yochanan 1:1–18; 5:19–30; 10:22–38; 14–17; Filipenses 2:5–11; Colossenses 1:15–20; 2:9; Hebreus 1; Apocalipse 5; 21–22.

Escritos e tradições rabínicas: Mishlei 8; Sirácida 24; Sabedoria de Salomão 7–9; 1 Enoque 46–48; 11Q13 — 11QMelquisedeque; 4Q246 — Filho de Elohim; Targumim sobre a Memra; tradições sobre o Anjo da Presença; estudos sobre os Dois Poderes no Céu.

Questões para estudo

1. Em que sentido Yeshua foi verdadeiro ser humano?
2. O que significa o título “Filho de Elohim”?
3. Qual foi a confissão de Kefa sobre a identidade de Yeshua?
4. Qual é a diferença entre o homem Yeshua e a Palavra-Sabedoria?
5. O que significa afirmar que a Palavra tornou-se carne?
6. Como deve ser compreendida a plenitude da Elohim em Colossenses 2:9?
7. Em que sentido Yeshua é a imagem do Elohim invisível?
8. Como Daniel 7 contribui para o ensino dos Dois Poderes no Céu?
9. O que significa afirmar que o Nome do Eterno está no Mashiach?
10. Por que a honra concedida a Yeshua não constitui politeísmo?

LIÇÃO 19: A VOLTA DE YESHUA HAMASHIACH - A esperança messiânica e a restauração do Reino de Elohim

Versículo-chave

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem... e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.” Mattityahu 24:30

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. a promessa da segunda vinda de Yeshua;
2. a diferença entre a primeira e a segunda vinda do Mashiach;
3. os sinais que antecedem seu retorno;
4. a manifestação gloriosa do Filho do Homem;
5. o papel dos anjos na reunião dos eleitos;
6. a esperança da ressurreição e do Reino Messiânico.

Introdução

A primeira vinda de Yeshua teve como objetivo anunciar o Reino de Elohim, cumprir as profecias messiânicas, oferecer sua vida como sacrifício e inaugurar a Nova Aliança. A revista segue essa sequência temática ao apresentar, após a lição sobre a identidade do Mashiach, o estudo de sua volta.

As Escrituras ensinam que o Mashiach retornará de forma visível, gloriosa e poderosa para completar a obra iniciada em sua primeira vinda. Sua volta marcará o julgamento das nações, a ressurreição dos justos e o estabelecimento definitivo do Reino de Elohim.

1. A promessa da volta do Mashiaich

Após a ascensão de Yeshua, dois mensageiros anunciaram:

"Esse Yeshua, que dentre vós foi elevado ao céu, virá do mesmo modo como o vistes subir." Atos 1:11

A segunda vinda não é simbólica nem apenas espiritual. Ela constitui um acontecimento histórico e futuro esperado por toda a comunidade dos fiéis.

2. A diferença entre a primeira e a segunda vinda

Na primeira vinda, Yeshua veio como: Servo sofredor; Cordeiro de Elohim; Mestre da Torá; Salvador.

Na segunda vinda, ele virá como: Rei dos reis; Juiz das nações; Filho do Homem glorificado; Libertador de Israel.

As duas etapas já estavam presentes nas profecias, embora nem sempre fossem compreendidas pelos antigos.

3. Os sinais que antecedem sua volta

Yeshua advertiu que antes de seu retorno haveria: falsos messias; guerras; perseguições; aumento da iniquidade; proclamação das Boas-Novas do Reino.

Mattityahu 24; Marcos 13; Lucas 21

Esses acontecimentos demonstram que a história caminha para a manifestação do Reino Messiânico.

4. A manifestação do Filho do Homem

Daniel profetizou:

"Eis que vinha com as nuvens do céu um como Filho do Homem." Daniel 7:13

Yeshua aplicou essa profecia a si mesmo:

"Verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória." Mattityahu 24:30

Seu retorno revelará plenamente a autoridade que lhe foi concedida pelo Pai.

5. A reunião dos eleitos

Após sua manifestação gloriosa:

"Ele enviará os seus anjos com grande som de shofar, e eles reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos." Mattityahu 24:31

A reunião dos eleitos marca o início da restauração final do povo de Elohim e antecede a plena implantação do Reino Messiânico.

6. A ressurreição dos eleitos

Shaul escreveu:

"O próprio Senhor descera dos céus... e os mortos no Mashiach ressuscitarão primeiro." I Tessalonicenses 4:16

A esperança dos fiéis não consiste em abandonar definitivamente a criação, mas participar da ressurreição e da renovação de todas as coisas.

7. O julgamento das nações

A volta do Mashiach também inaugurará o julgamento divino.

"Quando o Filho do Homem vier em sua glória... separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos." Mattityahu 25:31-32

O Reino será estabelecido com justiça, eliminando definitivamente a impiedade.

8. O Reino Messiânico

As profecias anunciam que Yeshua governará sobre as nações conforme a promessa feita a David. **Isaías 11:1-10; Zacarias 14; Apocalipse 20**

O Reino será caracterizado por: justiça; paz; restauração de Israel; submissão das nações ao governo do Mashiach.

9. A esperança dos fiéis

A segunda vinda fortalece a perseverança da comunidade.

Kefa escreve:

"Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça." II Kefa 3:13

A expectativa da volta do Mashiach conduz o discípulo à fidelidade, à santidade e à vigilância.

10. A certeza da promessa

Yeshua concluiu:

"Certamente venho sem demora." Apocalipse 22:20

A comunidade responde:

"Amém. Vem, Senhor Yeshua!"

A volta do Mashiach representa o cumprimento definitivo das promessas feitas pelos profetas e a plena manifestação do Reino de Elohim.

Conclusão

A segunda vinda de Yeshua HaMashiach constitui a esperança central da fé bíblica. Aquele que veio humildemente como Servo retornará em glória como Rei e Juiz.

Sua manifestação será pública, acompanhada pelos anjos, pelo toque do grande shofar, pela ressurreição dos justos e pela reunião dos eleitos. Então o Reino prometido aos patriarcas será plenamente estabelecido, cumprindo as promessas anunciadas pelos profetas e confirmadas pelos Ketuvim Netzarim.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Isaías 11; 35; 40; 63; Daniel 7; 12; Zacarias 12–14; Joel 3.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 24–25; Marcos 13; Lucas 21; Atos 1:9–11; I Tessalonicenses 4:13–18; II Tessalonicenses 1–2; II Kefa 3; Apocalipse 19–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 45–48; 62–63; 4 Esdras 13; Jubileus 23.

Questões para estudo

1. O que diferencia a primeira da segunda vinda de Yeshua?
2. Quais sinais antecedem o retorno do Mashiach?
3. Como Daniel 7 descreve a manifestação do Filho do Homem?
4. Qual será a função dos anjos na volta de Yeshua?
5. Quando ocorrerá a reunião dos eleitos?
6. O que ensina I Tessalonicenses 4 sobre a ressurreição?
7. Como será o julgamento das nações?
8. Quais características marcarão o Reino Messiânico?
9. Qual deve ser a atitude dos fiéis enquanto aguardam a volta do Mashiach?
10. Por que a segunda vinda representa a esperança da comunidade dos santos?

LIÇÃO 20: POR QUE YESHUA VOLTARÁ? Os propósitos da segunda vinda do Mashiach

Versículo-chave

“Eis que venho sem demora, e comigo está a minha recompensa para retribuir a cada um segundo as suas obras.” Apocalipse 22:12

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. os principais propósitos da segunda vinda de Yeshua;
2. a relação entre sua volta e o cumprimento das profecias;
3. a derrota definitiva do mal;
4. a restauração de Israel;
5. o estabelecimento do Reino Messiânico;
6. a esperança da redenção final.

Introdução

A segunda vinda de Yeshua não ocorrerá apenas para confirmar sua identidade messiânica. As Escrituras revelam que seu retorno possui diversos objetivos relacionados ao plano de redenção iniciado na primeira vinda.

O Mashiach voltará para completar aquilo que começou: julgar a impiedade, ressuscitar os justos, reunir os eleitos, restaurar Israel, estabelecer o Reino de Elohim e renovar a criação.

1. Para cumprir todas as profecias messiânicas

Na primeira vinda cumpriram-se as profecias referentes ao Servo Sofredor.

Na segunda vinda serão cumpridas as promessas referentes ao Rei glorioso.

"O governo estará sobre os seus ombros." Isaías 9:6-7

As duas vindas fazem parte de um único plano de redenção.

2. Para ressuscitar os justos

A esperança bíblica é a ressurreição.

"Os mortos no Mashiach ressuscitarão primeiro." I Tessalonicenses 4:16

Também Daniel havia anunciado:

"Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão." Daniel 12:2

A vitória sobre a morte será plenamente manifestada na volta do Mashiach.

3. Para reunir os eleitos

Yeshua declarou:

"Ele enviará os seus anjos... e reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos." Mattityahu 24:31

A reunião dos eleitos representa a restauração completa do povo de Elohim.

4. Para julgar as nações

O Mashiach exercerá o julgamento que o Pai lhe confiou.

"O Pai a ninguém julga, mas confiou todo julgamento ao Filho." Yochanan 5:22

As nações serão julgadas com justiça, e toda impiedade será condenada.

5. Para derrotar HaSatan e o mal

A promessa iniciada em Bereshit 3:15 alcançará seu cumprimento definitivo.

Apocalipse descreve a derrota das forças rebeldes e o triunfo do Reino de Elohim.

O mal não permanecerá para sempre.

6. Para restaurar Israel

Os profetas anunciaram que Israel seria restaurado nos últimos dias.

Ezequiel 36–37; Zacarias 12–14

O retorno do Mashiach marcará a plena restauração espiritual e nacional do povo da aliança.

7. Para estabelecer o Reino Messiânico

O Reino prometido a David será finalmente estabelecido.

"O Reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Mashiach." Apocalipse 11:15

Yeshua governará com justiça e paz sobre todas as nações.

8. Para renovar a criação

O plano do Eterno não termina com o julgamento.

As Escrituras anunciam: novos céus; nova terra; fim da morte; fim da dor; restauração da criação. **Isaías 65:17; Apocalipse 21–22**

9. Para manifestar plenamente sua Glória

Na primeira vinda muitos rejeitaram o Mashiaich.

Na segunda: **"Todo olho o verá." Apocalipse 1:7**

Sua Glória será revelada diante de todas as nações, confirmando-o como Rei e Filho do Homem.

10. Para que Elohim seja tudo em todos

Após derrotar todos os inimigos e consumir o Reino, Yeshua entregará o governo ao Pai.

"Então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Elohim seja tudo em todos." I Coríntios 15:28

Assim, a missão messiânica alcançará sua plenitude e toda a criação reconhecerá a soberania do único Elohim.

Conclusão

Yeshua voltará porque a obra iniciada em sua primeira vinda ainda não foi concluída. Seu retorno completará o plano de redenção anunciado pelos profetas.

Ele ressuscitará os justos, reunirá os eleitos, julgará as nações, derrotará definitivamente o mal, restaurará Israel, estabelecerá o Reino Messiânico e renovará toda a criação. Ao final, toda a glória será dirigida ao único Elohim, cumprindo-se plenamente o propósito eterno da redenção.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Isaías 9; 11; 35; 65–66; Daniel 7; 12; Ezequiel 36–39; Zacarias 12–14.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 24–25; Yochanan 5; I Coríntios 15; I Tessalonicenses 4; II Tessalonicenses 1–2; Apocalipse 11; 19–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 45–48; 62–63; Jubileus 23; 4 Esdras 13.

Questões para estudo

1. Por que a segunda vinda do Mashiach é necessária?
2. Quais profecias serão cumpridas em sua volta?
3. O que acontecerá com os justos quando Yeshua retornar?
4. Qual será o papel dos anjos na reunião dos eleitos?
5. Por que o julgamento das nações foi entregue ao Filho?
6. Como HaSatan será derrotado?
7. Qual será o papel de Israel no Reino Messiânico?
8. O que significa a renovação da criação?
9. Como será a manifestação pública da Glória do Mashiach?
10. O que significa a expressão "para que Elohim seja tudo em todos"?

LIÇÃO 21: ASSIM SERÁ A VINDA DE YESHUA HAMASHIACH - As características da manifestação gloriosa do Filho do Homem

Versículo-chave

"Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem." Mattityahu 24:27

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. como ocorrerá a volta de Yeshua;
2. as características da manifestação do Filho do Homem;
3. a diferença entre a vinda bíblica e falsas expectativas;
4. a participação dos anjos nesse evento;
5. a reunião dos eleitos;
6. a manifestação pública da Glória do Mashiach.

Introdução

As Escrituras descrevem detalhadamente a maneira como ocorrerá a segunda vinda de Yeshua. Diferentemente de sua primeira vinda, quando nasceu em humildade, seu retorno será público, glorioso e acompanhado de grande poder.

A Bíblia enfatiza que ninguém precisará anunciar onde o Mashiach estará, pois sua manifestação será visível para toda a humanidade.

1. Sua vinda será visível

Yeshua declarou:

"Assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem." Mattityahu 24:27

Sua manifestação não ocorrerá em segredo, mas diante de todas as nações.

2. Todo olho o verá

O livro de Apocalipse afirma:

"Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá." Apocalipse 1:7

A volta do Mashiach será um acontecimento universal, reconhecido por toda a humanidade.

3. Virá com grande poder e glória

Yeshua declarou:

"Verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória." Mattityahu 24:30

Na primeira vinda predominou sua humilhação; na segunda será revelada sua autoridade messiânica.

4. Virá acompanhado dos anjos

O Mashiach retornará acompanhado do exército celestial.

"O Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos." Mattityahu 16:27

Os anjos participarão da reunião dos eleitos e da execução do juízo.

5. Haverá o toque do grande Shofar

As Escrituras relacionam sua manifestação ao toque do grande shofar.

"Ele enviará os seus anjos com grande som de shofar." Mattityahu 24:31

O shofar anuncia o início do grande ajuntamento do povo de Elohim e a manifestação do Reino Messiânico.

6. Os eleitos serão reunidos

Após sua manifestação gloriosa:

"Eles reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos." Mattityahu 24:31

Os justos serão reunidos pelo poder do Mashiach, cumprindo as promessas feitas pelos profetas.

7. A ressurreição acompanhará sua vinda

Shaul escreveu:

"O próprio Senhor descera dos céus... e os mortos no Mashiach ressuscitarão primeiro." I Tessalonicenses 4:16

A vitória definitiva sobre a morte ocorrerá com a manifestação do Filho do Homem.

8. Os ímpios serão julgados

A volta do Mashiach também marcará o início do julgamento das nações.

"Quando o Filho do Homem vier em sua glória... separará uns dos outros como o pastor separa as ovelhas dos cabritos." Mattityahu 25:31-32

O Reino será estabelecido sobre justiça e verdade.

9. Seu Reino será estabelecido

Daniel profetizou:

"Foi-lhe dado domínio, glória e Reino." Daniel 7:14

A segunda vinda culminará com o governo messiânico prometido aos patriarcas e aos profetas.

10. A esperança dos santos

A comunidade dos fiéis aguarda esse dia com perseverança.

Yeshua concluiu:

"Certamente venho sem demora." Apocalipse 22:20

A expectativa da volta do Mashiach conduz o discípulo à fidelidade, à vigilância e à esperança na restauração de todas as coisas.

Conclusão

A volta de Yeshua HaMashiach será pública, gloriosa e acompanhada pelos anjos, pelo toque do grande shofar, pela ressurreição dos justos e pela reunião dos eleitos. Não será um acontecimento secreto, mas a manifestação do Filho do Homem diante de todas as nações.

Seu retorno marcará o início do julgamento, da restauração de Israel, do Reino Messiânico e da renovação da criação, cumprindo todas as promessas anunciadas pelos profetas.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Daniel 7; Zacarias 14; Isaías 11; Joel 2–3.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 24–25; Marcos 13; Lucas 21; I Tessalonicenses 4; II Tessalonicenses 1; Apocalipse 1; 19–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 45–48; 62–63; 4 Esdras 13; Jubileus 23.

Questões para estudo

1. Como Yeshua descreveu sua segunda vinda?
2. O que significa a expressão "todo olho o verá"?
3. Qual será o papel dos anjos nesse evento?
4. Qual a importância do grande shofar?
5. Quando ocorrerá a reunião dos eleitos?
6. Como a ressurreição está ligada à volta do Mashiach?
7. O que acontecerá com as nações?
8. Como Daniel descreve o Reino do Filho do Homem?
9. Qual deve ser a atitude dos fiéis enquanto aguardam esse dia?
10. Por que a volta do Mashiach representa a esperança da redenção final?

LIÇÃO 22: A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS - A esperança da vida eterna segundo as Escrituras

Versículo-chave

"Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão." Yochanan 5:28-29

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o ensino bíblico sobre a ressurreição;
2. a diferença entre morte e ressurreição;
3. a esperança da vida eterna;
4. a participação do Mashiach na ressurreição;
5. a ressurreição dos justos e dos injustos;
6. a importância dessa doutrina para a fé bíblica.

Introdução

A ressurreição dos mortos constitui uma das principais doutrinas das Escrituras. Desde os profetas até os Ketuvim Netzarim, a esperança do povo de Elohim nunca foi a permanência da alma fora do corpo, mas a restauração completa da vida mediante a ação do Eterno.

Yeshua confirmou essa esperança ao ensinar que chegará o momento em que todos os mortos ouvirão sua voz e ressuscitarão para receber sua recompensa.

1. A esperança da ressurreição no Tanakh

A ressurreição já era anunciada pelos profetas.

Daniel escreveu:

"Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno." Daniel 12:2

Isaías também declarou:

"Os teus mortos viverão; os seus corpos ressuscitarão." Isaías 26:19

A esperança de Israel sempre apontou para a vitória sobre a morte.

2. Yeshua é a ressurreição e a vida

Ao encontrar Marta, Yeshua declarou:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá." Yochanan 11:25

O Mashiach possui autoridade concedida pelo Pai para ressuscitar os mortos e conceder a vida eterna aos que lhe pertencem.

3. Haverá ressurreição dos justos e dos injustos

Yeshua ensinou:

"Todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem praticado o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo." Yochanan 5:28-29

A ressurreição será universal, mas seus resultados serão diferentes conforme as obras de cada pessoa.

4. A ressurreição ocorrerá na volta do Mashiach

Shaul escreveu:

"O próprio Senhor descera dos céus... e os mortos no Mashiach ressuscitarão primeiro." I Tessalonicenses 4:16

A primeira ressurreição está diretamente ligada à manifestação gloriosa de Yeshua.

5. O corpo ressuscitado

Shaul explica:

"Semeia-se corpo corruptível, ressuscita corpo incorruptível." I Coríntios 15:42

O corpo ressuscitado será: incorruptível; glorificado; poderoso; espiritual; imortal.

Não será outro corpo, mas o mesmo corpo transformado pelo poder de Elohim.

6. O Mashiach é as primícias da ressurreição

Shaul afirma:

"Agora, porém, o Mashiach ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dos que dormem." I Coríntios 15:20

A ressurreição de Yeshua garante a futura ressurreição dos justos.

Assim como ele venceu a morte, também seus seguidores participarão dessa vitória.

7. A morte será vencida

A Escritura declara:

"Tragada foi a morte pela vitória." I Coríntios 15:54

A morte não terá a palavra final. O propósito do Eterno é restaurar plenamente a vida.

Essa promessa encontra seu cumprimento definitivo no Reino Messiânico.

8. A primeira ressurreição

O livro de Apocalipse declara:

"Bem-aventurado e santo é aquele que participa da primeira ressurreição." Apocalipse 20:6

Os participantes da primeira ressurreição reinarão com o Mashiach e não serão atingidos pela segunda morte.

9. A esperança dos fiéis

A doutrina da ressurreição fortalece a perseverança dos justos.

Por isso Shaul conclui:

"Sede firmes, constantes e sempre abundantes na obra do Senhor." I Coríntios 15:58

Quem crê na ressurreição vive com esperança mesmo diante da morte.

10. A vitória definitiva do Reino de Elohim

Ao final do plano da redenção: a morte será destruída; os justos viverão eternamente; o Reino será plenamente restaurado; Elohim habitará com seu povo.

"Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima; e já não haverá morte." Apocalipse 21:4

A ressurreição representa a consumação da esperança anunciada pelos profetas e confirmada por Yeshua.

Conclusão

A ressurreição dos mortos é a grande esperança da fé bíblica. Ela demonstra que a morte não possui domínio definitivo sobre aqueles que pertencem ao Eterno.

Yeshua, como as primícias da ressurreição, garante que todos os justos serão ressuscitados em sua vinda para participar do Reino Messiânico. A vitória final será completa quando a morte for destruída e Elohim restaurar todas as coisas.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Jó 19:25-27; Isaías 25:8; 26:19; Ezequiel 37; Daniel 12.

Ketuvim Netzarim: Yochanan 5; 11; I Coríntios 15; I Tessalonicenses 4; Filipenses 3:20-21; Apocalipse 20–22.

Escritos do Segundo Templo: 2 Macabeus 7; 1 Enoque 22; 4 Esdras 7; Jubileus 23.

Questões para estudo

1. Onde o Tanakh anuncia a ressurreição dos mortos?
2. O que Yeshua quis dizer ao afirmar que é a ressurreição e a vida?
3. Quem participará da ressurreição?
4. Quando ocorrerá a ressurreição dos justos?
5. Como será o corpo ressuscitado?
6. Por que Yeshua é chamado de as primícias da ressurreição?
7. O que significa a vitória sobre a morte?
8. Quem participará da primeira ressurreição?
9. Como a esperança da ressurreição fortalece a vida do discípulo?
10. Qual é o destino final daqueles que pertencem ao Reino de Elohim?

LIÇÃO 23: O JULGAMENTO FINAL - A justiça de Elohim e a recompensa segundo as obras

Versículo-chave

"Porque todos nós compareceremos diante do tribunal do Mashiach." Romanos 14:10

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o propósito do julgamento final;
 - quem será julgado;
 - a função de Yeshua como Juiz estabelecido pelo Pai;
 - a relação entre fé, obras e julgamento;
 - a recompensa dos justos e a condenação dos ímpios;
 - a manifestação da justiça perfeita de Elohim.

Introdução

As Escrituras ensinam que toda a humanidade comparecerá diante do julgamento de Elohim. O julgamento final representa a manifestação da justiça divina, quando cada pessoa prestará contas de sua vida.

O Pai confiou ao Mashiach a autoridade para exercer esse julgamento. Naquele dia serão reveladas todas as obras, palavras e intenções do coração, e cada um receberá sua recompensa segundo a justiça do Eterno.

1. O julgamento pertence ao Eterno

Desde o Tanakh, Elohim é apresentado como o justo Juiz de toda a terra.

**"Não fará justiça o Juiz de toda a terra?"
Bereshit 18:25**

O julgamento final manifesta a santidade, a justiça e a fidelidade do Eterno para com sua criação.

2. O Pai confiou o julgamento ao Mashiach

Yeshua declarou:

**"O Pai a ninguém julga, mas confiou todo julgamento ao Filho."
Yochanan 5:22**

O Mashiach julgará em nome do Pai, exercendo a autoridade que lhe foi concedida após sua exaltação.

3. Todos comparecerão diante do tribunal

Shaul escreveu:

**"Todos compareceremos diante do tribunal do Mashiach."
Romanos 14:10**

Ninguém ficará fora desse julgamento.

Justos e injustos prestarão contas diante daquele que conhece perfeitamente todas as coisas.

4. Cada um será julgado segundo suas obras

As Escrituras afirmam:

**"Eis que venho sem demora, e comigo está a minha recompensa para retribuir a cada um segundo as suas obras."
Apocalipse 22:12**

As obras não substituem a fé, mas demonstram a realidade da fé vivida em obediência ao Eterno.

5. Até as palavras serão julgadas

Yeshua advertiu:

"De toda palavra inútil que os homens disserem hão de prestar contas no dia do juízo." Mattityahu 12:36

Nada permanecerá oculto diante do Eterno.

O julgamento alcançará: ações; palavras; intenções; pensamentos.

6. Os livros serão abertos

Daniel profetizou:

"O tribunal se assentou, e abriram-se os livros." Daniel 7:10

Apocalipse acrescenta:

"Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras." Apocalipse 20:12

A linguagem dos livros representa o perfeito conhecimento que Elohim possui de toda a humanidade.

7. Os justos receberão a vida eterna

Yeshua ensinou:

"Os que tiverem praticado o bem sairão para a ressurreição da vida." Yochanan 5:29

Os fiéis participarão do Reino preparado desde a fundação do mundo e receberão a herança prometida pelo Eterno.

8. Os ímpios receberão o juízo

Aqueles que rejeitaram o Reino de Elohim responderão por suas escolhas.

"Os que tiverem praticado o mal sairão para a ressurreição do juízo." Yochanan 5:29

O julgamento demonstra que a justiça do Eterno prevalecerá sobre toda forma de impiedade.

9. A justiça e a misericórdia caminham juntas

O julgamento não é arbitrário.

Elohim julga com perfeita justiça, mas também considera sua misericórdia para com aqueles que se arrependem e permanecem fiéis.

O propósito do julgamento é restaurar a ordem estabelecida pelo Criador e eliminar definitivamente o mal.

10. O Reino eterno será estabelecido

Após o julgamento final: o pecado será vencido; o mal será removido; os justos herdarão o Reino; Elohim habitará com seu povo para sempre.

Assim se cumprirá plenamente o propósito da redenção iniciado desde a criação.

Conclusão

O julgamento final revela a perfeita justiça do Eterno. O Pai confiou essa autoridade ao Mashiach, que julgará toda a humanidade com imparcialidade e verdade.

Os justos receberão a vida eterna e participarão do Reino Messiânico, enquanto toda impiedade será definitivamente removida. Dessa forma, a justiça de Elohim triunfará e seu Reino permanecerá para sempre.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 18:25; Tehilim 96; 98; Eclesiastes 12:13-14; Daniel 7:9-14.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 12:36-37; 25:31-46; Yochanan 5:22-29; Romanos 2:5-11; 14:10-12; II Coríntios 5:10; Apocalipse 20:11-15; 22:12.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 47; 61; 62; Jubileus 5; 4 Esdras 7; Testamento de Abraão.

Questões para estudo

1. Por que o julgamento final é necessário?
2. Quem exercerá o julgamento da humanidade?
3. O que significa comparecer diante do tribunal do Mashiach?
4. Segundo quais critérios as pessoas serão julgadas?
5. O que Yeshua ensinou sobre as palavras no dia do juízo?
6. O que representam os "livros" mencionados por Daniel e Apocalipse?
7. Qual será o destino dos justos?
8. Qual será o destino dos ímpios?
9. Como a justiça e a misericórdia se manifestam no julgamento?
10. Qual é o resultado final do julgamento para o Reino de Elohim?

LIÇÃO 24: A VIDA ETERNA - A promessa do Reino eterno e da comunhão com Elohim

Versículo-chave

"E esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, o único verdadeiro Elohim, e a Yeshua HaMashiach, a quem enviaste." Yochanan 17:3

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o significado bíblico da vida eterna;
2. a relação entre vida eterna e conhecimento de Elohim;
3. a promessa da Nova Criação;
4. a esperança dos justos após a ressurreição;
5. a comunhão eterna entre Elohim e seu povo;

6. o destino final dos fiéis no Reino Messiânico.

Introdução

A vida eterna é uma das maiores promessas das Escrituras. Ela não representa apenas uma existência sem fim, mas uma vida restaurada em plena comunhão com o Eterno.

Desde os patriarcas até os Ketuvim Netzarim, a esperança dos justos sempre foi habitar na presença de Elohim em uma criação renovada, livre do pecado, da morte e do sofrimento.

1. O que é a vida eterna?

Yeshua declarou:

"Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, o único verdadeiro Elohim, e a Yeshua HaMashiach, a quem enviaste." Yochanan 17:3

A vida eterna começa com o relacionamento com o Eterno e alcança sua plenitude na ressurreição e no Reino futuro.

2. A promessa feita aos fiéis

Yeshua afirmou:

"Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna." Yochanan 5:24

A vida eterna é um dom concedido por Elohim aos que permanecem fiéis à sua aliança.

3. A morte será vencida definitivamente

O profeta Isaías anunciou:

"Destruirá a morte para sempre." Isaías 25:8

Apocalipse confirma:

"Já não haverá morte, nem pranto, nem clamor, nem dor." Apocalipse 21:4

A vida eterna representa a vitória completa sobre a morte.

4. Novos céus e nova terra

O Eterno prometeu:

"Porque eis que eu crio novos céus e nova terra." Isaías 65:17

Essa promessa reaparece em: **Apocalipse 21:1**

A esperança bíblica aponta para a renovação da criação e não para seu abandono.

5. Elohim habitará com seu povo

Apocalipse declara:

"Eis o tabernáculo de Elohim com os homens." Apocalipse 21:3

A comunhão interrompida pelo pecado será plenamente restaurada, e a presença do Eterno será permanente entre os justos.

6. A Nova Yerushalayim

Yochanan contemplou:

"Vi a santa cidade, a Nova Yerushalayim, que descia do céu, da parte de Elohim." Apocalipse 21:2

A Nova Yerushalayim simboliza a consumação do Reino e a habitação definitiva dos santos com Elohim.

7. A herança dos vencedores

O Eterno promete:

"O vencedor herdará estas coisas; eu lhe serei Elohim, e ele me será filho." Apocalipse 21:7

A herança eterna pertence aos que permanecem fiéis ao longo de sua caminhada.

8. Os justos reinarão com o Mashiah

As Escrituras afirmam:

"Reinarão pelos séculos dos séculos." Apocalipse 22:5

Participar do Reino Messiânico significa compartilhar da vitória do Mashiah e viver sob o governo perfeito do Eterno.

9. A presença da Árvore da Vida

Na Nova Criação reaparece a Árvore da Vida.

"De um e de outro lado do rio estava a Árvore da Vida." Apocalipse 22:2

Aquilo que foi perdido no Éden é plenamente restaurado no Reino eterno.

10. A esperança da redenção completa

A vida eterna representa o cumprimento de todas as promessas feitas por Elohim.

Nela encontram seu cumprimento: a ressurreição dos justos; a derrota da morte; a restauração da criação; o Reino Messiânico; a comunhão perfeita entre Elohim e seu povo.

A esperança bíblica termina onde começou: com a humanidade vivendo novamente na presença do Criador.

Conclusão

A vida eterna é a consumação do plano de redenção. Ela consiste na plena comunhão com o Eterno, na participação do Reino Messiânico e na restauração de toda a criação.

Os justos viverão para sempre na presença de Elohim, livres da morte, do pecado e do sofrimento. A Nova Yerushalayim, a Árvore da Vida e os novos céus e nova terra revelam que o propósito original do Criador será plenamente restaurado por meio do Mashiach.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 2–3; Isaías 25:8; 65–66; Daniel 12:2-3; Ezequiel 47:1-12.

Ketuvim Netzarim: Yochanan 3:16; 5:24; 17:3; Romanos 8:18-25; I Coríntios 15; Apocalipse 21–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 24–25; Jubileus 3; 4 Esdras 8; Sabedoria de Salomão 3–5.

Questões para estudo

1. O que significa a vida eterna segundo Yochanan 17:3?
2. Quando a vida eterna começa na experiência do discípulo?
3. Como Isaías e Apocalipse descrevem a derrota da morte?

4. O que representam os novos céus e a nova terra?
5. Qual é o significado da Nova Yerushalayim?
6. O que significa Elohim habitar com seu povo?
7. Quem herdará o Reino eterno?
8. Qual é o simbolismo da Árvore da Vida em Apocalipse 22?
9. Como a vida eterna completa o plano da redenção?
10. Por que a esperança da vida eterna ocupa um lugar central na fé bíblica?

LIÇÃO 25: A NOVA YERUSHALAYIM - A cidade santa e a habitação eterna de Elohim com seu povo

Versículo-chave

"Vi a santa cidade, a Nova Yerushalayim, que descia do céu, da parte de Elohim, preparada como uma noiva adornada para o seu esposo." Apocalipse 21:2

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o significado da Nova Yerushalayim nas Escrituras;
2. a relação entre a cidade santa e o Reino Messiânico;
3. as características da habitação eterna dos justos;
4. a presença permanente de Elohim entre seu povo;
5. o simbolismo da cidade descrita em Apocalipse;
6. a esperança da restauração definitiva da criação.

Introdução

A Nova Yerushalayim representa a consumação do plano de redenção. Ela não é apenas uma cidade gloriosa, mas o símbolo da plena comunhão entre Elohim e seu povo. Aquilo que foi perdido pela desobediência no Jardim do Éden será completamente restaurado na Nova Criação.

Os profetas anunciaram uma Jerusalém renovada e glorificada, e o livro de Apocalipse apresenta essa promessa em sua plenitude, descrevendo a cidade santa descendo da parte de Elohim para tornar-se a morada eterna dos justos.

1. A cidade santa desce da parte de Elohim

Yochanan escreveu:

"Vi a santa cidade, a Nova Yerushalayim, que descia do céu, da parte de Elohim." Apocalipse 21:2

A cidade é apresentada como obra do próprio Eterno, preparada para ser a habitação definitiva dos santos.

2. A Nova Yerushalayim cumpre as promessas dos profetas

Isaías anunciou uma Jerusalém renovada:

"Eis que eu criarei Yerushalayim para regozijo e o seu povo para alegria." Isaías 65:18

A esperança dos profetas encontra seu cumprimento na cidade santa descrita por Yochanan.

3. Elohim habitará com seu povo

A maior promessa da Nova Criação é a presença permanente do Eterno.

"Eis o tabernáculo de Elohim com os homens. Elohim habitará com eles." Apocalipse 21:3

A separação causada pelo pecado será definitivamente removida.

4. A cidade não necessita de templo

Yochanan afirma:

"Nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Elohim Todo-Poderoso e o Cordeiro." Apocalipse 21:22

A presença do Eterno será tão plena que não haverá necessidade de um santuário físico para representar Sua habitação.

5. A glória de Elohim ilumina a cidade

A cidade não dependerá do sol nem da lua.

"A glória de Elohim a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada." Apocalipse 21:23

A luz simboliza a presença contínua, a santidade e a glória do Reino eterno.

6. As nações andarão em sua luz

Apocalipse declara:

"As nações andarão mediante a sua luz." Apocalipse 21:24

A Nova Yerushalayim representa o centro do governo messiânico, para onde convergirão os povos que permanecerem fiéis ao Reino de Elohim.

7. A Árvore da Vida será restaurada

Yochanan contempla:

"De um e de outro lado do rio estava a Árvore da Vida." Apocalipse 22:2

Aquilo que foi perdido em Bereshit retorna na Nova Criação, demonstrando a restauração completa do propósito original do Criador.

8. Não haverá mais maldição

A Escritura afirma:

"Nunca mais haverá qualquer maldição." Apocalipse 22:3

O pecado, a morte e todas as consequências da rebelião serão definitivamente removidos do Reino eterno.

9. Os servos de Elohim reinarão para sempre

Apocalipse conclui:

"Reinarão pelos séculos dos séculos." Apocalipse 22:5

Os justos participarão do Reino Messiânico, vivendo em perfeita comunhão com o Eterno e exercendo o governo que lhes foi prometido desde o princípio.

10. A esperança da Nova Yerushalayim

A cidade santa representa o destino final daqueles que permanecem fiéis à aliança.

Nela haverá:

1. comunhão perfeita com Elohim;
2. paz eterna;
3. justiça perfeita;
4. vida sem sofrimento;
5. plenitude da presença divina.

A Nova Yerushalayim é a expressão máxima da restauração prometida pelas Escrituras.

Conclusão

A Nova Yerushalayim representa a consumação da história da redenção. Nela, Elohim habitará permanentemente com seu povo, a morte será vencida, toda maldição desaparecerá e a criação será plenamente restaurada.

A cidade santa simboliza o Reino eterno do Eterno, onde os justos viverão em paz, justiça e comunhão perfeita. Assim, a esperança iniciada no Jardim do Éden alcança seu cumprimento definitivo na Nova Criação anunciada pelos profetas e revelada em Apocalipse.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 2–3; Isaías 60; 65–66; Ezequiel 40–48; Zacarias 14.

Ketuvim Netzarim: Hebreus 11:10; 12:22–24; Apocalipse 21–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 24–25; Jubileus 1; 4 Esdras 7; Tobias 13–14.

Questões para estudo

1. O que representa a Nova Yerushalayim nas Escrituras?
2. Como Isaías antecipou a promessa da cidade santa?
3. O que significa Elohim habitar com seu povo?
4. Por que a Nova Yerushalayim não necessita de templo?
5. O que simboliza a luz da glória de Elohim na cidade?
6. Qual é o significado da Árvore da Vida em Apocalipse 22?
7. O que significa a remoção definitiva da maldição?
8. Como será a participação dos justos no Reino eterno?
9. De que maneira a Nova Yerushalayim completa o plano da redenção?
10. Por que a cidade santa representa a esperança final dos fiéis?

LIÇÃO 26: A NOVA CRIAÇÃO - Novos céus, nova terra e a restauração de todas as coisas

Versículo-chave

"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram."
Apocalipse 21:1

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o significado da Nova Criação nas Escrituras;
2. a promessa dos novos céus e da nova terra;
3. a restauração da criação pelo poder de Elohim;
4. o fim definitivo do pecado e da morte;
5. a renovação de todas as coisas no Reino Messiânico;
6. a esperança da eternidade na presença do Eterno.

Introdução

Desde o princípio, o propósito de Elohim foi estabelecer uma criação perfeita, onde a humanidade pudesse viver em comunhão com seu Criador. O pecado trouxe corrupção, sofrimento e morte, afetando toda a criação.

As Escrituras revelam que esse propósito não será abandonado. Ao final do plano da redenção, Elohim renovará todas as coisas, estabelecendo novos céus e nova terra, onde habitarão a justiça, a paz e a vida eterna.

1. A promessa dos novos céus e da nova terra

O profeta Isaías anunciou:

"Porque eis que eu crio novos céus e nova terra; das coisas passadas não haverá lembrança." Isaías 65:17

Essa promessa é confirmada em Apocalipse, revelando a renovação completa da criação.

2. A criação será restaurada

Shaul escreveu:

"A própria criação será libertada do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Elohim." Romanos 8:21

Toda a criação participa da esperança da redenção e aguarda sua restauração definitiva.

3. O pecado será removido

Na Nova Criação não haverá lugar para o pecado nem para suas consequências.

Toda rebelião será definitivamente eliminada, e a justiça do Eterno prevalecerá para sempre.

4. A morte deixará de existir

Apocalipse declara:

"Já não haverá morte, nem pranto, nem clamor, nem dor."
Apocalipse 21:4

A morte, último inimigo da humanidade, será vencida pelo poder de Elohim.

5. A paz será restaurada

Isaías descreve simbolicamente essa nova realidade:

"O lobo habitará com o cordeiro." Isaías 11:6

A criação viverá novamente em perfeita harmonia, refletindo o propósito original do Criador.

6. O Reino de Elohim será eterno

Daniel profetizou:

"O seu Reino jamais será destruído." Daniel 7:14

O governo do Mashiah permanecerá para sempre, estabelecendo justiça e paz sobre toda a criação.

7. A presença do Eterno será permanente

A Nova Criação será marcada pela comunhão perfeita.

"Eis o tabernáculo de Elohim com os homens." Apocalipse 21:3

Não haverá mais separação entre Elohim e seu povo.

8. A Árvore da Vida será novamente acessível

Aquilo que foi perdido no Jardim do Éden será restaurado.

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes para que lhes assista o direito à Árvore da Vida." Apocalipse 22:14

A vida eterna será plenamente desfrutada pelos justos.

9. A criação refletirá a glória de Elohim

Toda a criação manifestará novamente a ordem, a beleza e a santidade estabelecidas pelo Criador.

A Nova Criação será o ambiente perfeito para a comunhão eterna entre Elohim e os redimidos.

10. A esperança dos santos

A promessa da Nova Criação fortalece a perseverança dos fiéis.

Kefa escreveu:

"Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça." II Kefa 3:13

Essa esperança conduz o discípulo a viver em santidade enquanto aguarda a consumação do Reino.

Conclusão

A Nova Criação representa a conclusão do plano redentor de Elohim. Os novos céus e a nova terra revelam que o Criador restaurará plenamente aquilo que foi corrompido pelo pecado.

Nesse Reino eterno não haverá morte, sofrimento nem maldição. Os justos viverão para sempre na presença do Eterno, desfrutando da paz, da justiça e da comunhão perfeita prometidas desde o princípio das Escrituras.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Bereshit 1–3; Isaías 11:1–9; 65–66; Ezequiel 47; Daniel 7.

Ketuvim Netzarim: Romanos 8:18–25; II Kefa 3:10–13; Apocalipse 21–22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 45:4–5; Jubileus 1:29; 4 Esdras 7; Sabedoria de Salomão 5.

Questões para estudo

1. O que significa a promessa dos novos céus e da nova terra?
2. Como Romanos 8 descreve a esperança da criação?
3. O que acontecerá com o pecado na Nova Criação?
4. Como Apocalipse descreve o fim da morte?
5. O que simboliza a paz apresentada em Isaías 11?
6. Qual será a duração do Reino do Mashiach?

7. O que significa Elohim habitar permanentemente com seu povo?
8. Qual é a importância da Árvore da Vida na Nova Criação?
9. Como a promessa da Nova Criação fortalece a esperança dos fiéis?
10. De que maneira a Nova Criação completa o plano da redenção revelado nas Escrituras?

LIÇÃO 27: VIGIAI E ESTAI PREPARADOS - A vigilância espiritual diante da volta do Mashiach

Versículo-chave

"Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor." Mattityahu 24:42

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. a importância da vigilância espiritual;
2. o significado de estar preparado para a volta do Mashiach;
3. a relação entre santidade e esperança;
4. o dever de perseverar na fé;
5. a responsabilidade de anunciar o Reino de Elohim;
6. a promessa reservada aos que permanecerem fiéis.

Introdução

A expectativa da volta de Yeshua nunca foi apresentada nas Escrituras como motivo para medo ou especulação, mas como um chamado constante à fidelidade. O discípulo deve viver cada dia como servo vigilante, perseverando na obediência à Torá, na prática da justiça e no amor ao próximo.

Yeshua ensinou que ninguém conhece o dia nem a hora de sua manifestação. Por isso, a atitude correta não é calcular datas, mas permanecer preparado para encontrá-lo.

1. O chamado à vigilância

Yeshua declarou:

**"Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor."
Mattityahu 24:42**

Vigiar significa permanecer atento, fiel e perseverante, vivendo diariamente em comunhão com Elohim.

2. A parábola das dez virgens

Na parábola das dez virgens (Mattityahu 25:1–13), cinco eram prudentes e cinco eram insensatas.

As prudentes mantiveram suas lâmpadas preparadas para a chegada do noivo.

A parábola ensina que a preparação espiritual não pode ser adiada.

3. O servo fiel e prudente

Yeshua perguntou:

"Quem é, pois, o servo fiel e prudente?" Mattityahu 24:45

O servo fiel é aquele que permanece cumprindo sua missão mesmo enquanto aguarda o retorno do seu Senhor.

4. Perseverança até o fim

Yeshua afirmou:

"Aquele que perseverar até o fim será salvo." Mattityahu 24:13

A perseverança envolve permanecer firme na fé, na obediência e na esperança, mesmo diante das dificuldades.

5. Santidade de vida

Kefa exorta:

"Sede santos em todo o vosso procedimento." I Kefa 1:15

A expectativa da volta do Mashiach deve produzir uma vida marcada pela santidade, pela justiça e pelo temor de Elohim.

6. Permanecer na prática da Torá

Yeshua declarou:

"Se me amais, guardareis os meus mandamentos." Yochanan 14:15

A vigilância espiritual manifesta-se na obediência aos mandamentos do Eterno e na prática do amor ao próximo.

7. Anunciar as Boas-Novas do Reino

Antes de sua volta, Yeshua afirmou:

**"Estas Boas-Novas do Reino serão proclamadas em todo o mundo."
Mattityahu 24:14**

Enquanto aguardam o Reino Messiânico, os discípulos são chamados a anunciar a mensagem da salvação e da esperança.

8. Não viver com medo, mas com esperança

A volta do Mashiach é motivo de alegria para os fiéis.

Shaul escreveu:

"Consolai-vos uns aos outros com estas palavras." I Tessalonicenses 4:18

A esperança fortalece a comunidade diante das dificuldades deste mundo.

9. A recompensa dos fiéis

Yeshua prometeu:

"Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, encontrar fazendo assim." Mattityahu 24:46

Os que permanecerem fiéis participarão do Reino eterno preparado pelo Eterno.

10. A esperança da volta do Mashiach

A última promessa das Escrituras é também um convite à esperança:

"Certamente venho sem demora." Apocalipse 22:20

A resposta da comunidade permanece:

"Amém. Vem, Senhor Yeshua!"

Essa esperança sustenta a fé, fortalece a perseverança e motiva os discípulos a viverem de maneira digna da vocação que receberam.

Conclusão

Viver em vigilância significa permanecer fiel ao Eterno em todas as circunstâncias, aguardando com esperança a manifestação gloriosa de Yeshua HaMashiach.

A preparação para sua volta não consiste em calcular datas ou alimentar especulações, mas em perseverar na obediência, praticar a justiça, anunciar as Boas-Novas do Reino e manter viva a esperança da redenção. Assim, quando o Mashiach retornar, encontrará um povo preparado para participar de seu Reino eterno.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Isaías 35; Daniel 12; Joel 2; Malaquias 3–4.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 24–25; Marcos 13; Lucas 12; Yochanan 14; I Tessalonicenses 5; II Kefa 3; Apocalipse 22.

Escritos do Segundo Templo: 1 Enoque 91–105; Jubileus 23; Testamento de Levi 18; Didaquê 16.

Questões para estudo

1. O que significa vigiar segundo o ensino de Yeshua?
2. Qual é a principal lição da parábola das dez virgens?
3. Quem é o servo fiel e prudente?
4. O que significa perseverar até o fim?
5. Como a esperança da volta do Mashiach influencia a santidade de vida?
6. Qual é a relação entre vigilância e obediência aos mandamentos?
7. Qual missão foi confiada aos discípulos antes da volta de Yeshua?
8. Por que a segunda vinda deve ser motivo de esperança e não de medo?
9. Qual recompensa é prometida aos servos fiéis?
10. Como o discípulo deve viver enquanto aguarda a manifestação gloriosa do Mashiach?

LIÇÃO 28: A MISSÃO DO DISCÍPULO DE YESHUA - Vivendo e proclamando o Reino de Elohim

Versículo-chave

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado." Mattityahu 28:19-20

Objetivos

Ao concluir esta lição, o estudante deverá compreender:

1. o chamado para ser discípulo de Yeshua;
2. a missão de anunciar as Boas-Novas do Reino;
3. a importância do ensino da Torá segundo o Mashiach;
4. a responsabilidade de viver como testemunha do Reino;
5. o papel da comunidade dos discípulos;
6. o compromisso permanente com a obra de Elohim.

Introdução

A vida do discípulo não termina com sua conversão ou com a esperança da vida eterna. Todo aquele que segue Yeshua recebe uma missão: viver de acordo com a vontade de Elohim e anunciar o Reino às nações.

Desde o chamado dos primeiros discípulos até a ascensão do Mashiach, a missão permaneceu a mesma: formar novos discípulos, ensinar a Palavra de Elohim e testemunhar, por meio da vida e das obras, a chegada do Reino Messiânico.

1. O chamado para seguir Yeshua

Yeshua declarou:

"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua estaca cada dia e siga-me." Lucas 9:23

Ser discípulo significa aprender continuamente com o Mashiach e moldar a própria vida segundo seus ensinamentos.

2. Fazer discípulos de todas as nações

Antes de sua ascensão, Yeshua ordenou:

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações." Mattityahu 28:19

A missão não consiste apenas em anunciar uma mensagem, mas em formar pessoas comprometidas com o Reino de Elohim

3. Ensinar a guardar os mandamentos

Yeshua acrescentou:

**"Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado."
Mattityahu 28:20**

O verdadeiro discipulado envolve o ensino da Torá à luz da interpretação do Mashiach, conduzindo os discípulos à obediência e à prática da justiça.

4. Ser testemunha do Reino

Yeshua afirmou:

"Recebereis poder ao descer sobre vós a Ruach HaKodesh, e sereis minhas testemunhas." Atos 1:8

O testemunho do discípulo é dado por meio de suas palavras, de seu caráter e de suas ações.

5. Amar a Elohim e ao próximo

Yeshua resumiu a Torá em dois grandes mandamentos:

"Amarás a YHWH teu Elohim... e amarás o teu próximo como a ti mesmo." Mattityahu 22:37-39

Toda missão nasce do amor ao Criador e se manifesta no serviço ao próximo.

6. Servir com humildade

O Mashiach ensinou:

**"Quem quiser tornar-se grande entre vós será vosso servo."
Mattityahu 20:26**

A liderança no Reino de Elohim não é exercida pelo domínio, mas pelo serviço, pela humildade e pelo exemplo.

7. Perseverar diante das dificuldades

Yeshua advertiu que seus discípulos enfrentariam oposição.

"No mundo tereis aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." Yochanan 16:33

A fidelidade ao Reino exige perseverança mesmo em tempos de perseguição e provação.

8. Viver em comunhão com a comunidade

Os primeiros discípulos:

"Perseveravam na doutrina dos emissários, na comunhão, no partir do pão e nas orações." Atos 2:42

A vida comunitária fortalece a fé, promove o crescimento espiritual e testemunha a unidade do povo de Elohim.

9. Esperar a volta do Mashiach com fidelidade

Enquanto cumprem sua missão, os discípulos aguardam o retorno de Yeshua.

Essa esperança inspira uma vida de santidade, dedicação e compromisso com o Reino.

10. A promessa da presença de Yeshua

A Grande Comissão termina com uma promessa:

"E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação da era." Mattityahu 28:20

O discípulo não realiza sua missão sozinho. O Mashiach permanece com seu povo por meio da atuação da Ruach HaKodesh, fortalecendo-o para cumprir a vontade do Pai.

Conclusão

A missão do discípulo é viver conforme os ensinamentos de Yeshua e anunciar o Reino de Elohim a todas as pessoas. O verdadeiro discipulado une conhecimento, obediência, serviço e testemunho.

Enquanto aguardam a manifestação gloriosa do Mashiach, os discípulos são chamados a ensinar a Palavra, praticar a justiça, amar ao próximo e formar novas gerações comprometidas com a aliança do Eterno. Dessa forma, tornam-se participantes da obra redentora iniciada por Yeshua e instrumentos para a expansão do Reino de Elohim.

Fontes para aprofundamento

Torá e Tanakh: Devarim 6:4-9; Vayikrá 19:18; Isaías 42:6-7; Miqueias 6:8.

Ketuvim Netzarim: Mattityahu 5–7; 20:20-28; 22:34-40; 28:18-20; Lucas 9:23; Yochanan 13:34-35; 16:33; Atos 1–2; Tiago 1–2.

Escritos do Segundo Templo: Didaquê 1–6; Testamento dos Doze Patriarcas; 1 Enoque 94–105; Jubileus 21.

Questões para estudo

1. O que significa ser discípulo de Yeshua?
2. Qual é a missão confiada aos discípulos em Mattityahu 28?
3. Por que ensinar a guardar os mandamentos faz parte do discipulado?
4. Como o discípulo testemunha o Reino de Elohim?
5. Qual é a importância do amor a Elohim e ao próximo?
6. Como Yeshua definiu a verdadeira liderança?
7. Como o discípulo deve enfrentar as dificuldades e perseguições?
8. Qual é o papel da comunidade na vida do discípulo?
9. Como a esperança da volta do Mashiach influencia a missão da comunidade?
10. Qual é a importância da promessa de Yeshua: "Estou convosco todos os dias"?

ANOTAÇÕES

ACESSE AS PÁGINAS DA

SISAEN

E ACOMPANHE NOSSO CONTEÚDO



Facebook

<https://www.facebook.com/profile.php?id=61586788677214>



Instagram:

https://www.instagram.com/sisaen_caminhoantigo/



YouTube:

<https://www.youtube.com/@azariasbenelyahu8300>



Site Oficial:

www.sisaen.org



ADQUIRA NOSSAS PUBLICAÇÕES

NA EDITORA UICLAP

Página da Editora UICLAP para compra de publicações:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua183811>



Nossa página do Facebook [Sendas Antigas](#),
a primeira rede social da [SISAEN](#).



**ESTUDOS DA
PARASHÁ SEMANAL
NO CANAL DO YOUTUBE**
venha você também Participar!



ENDEREÇO:

Av. IX, 21B – Jereissati – Setor D,
Maracanaú – CE, CEP: 61901-090



e-mail: sendasantigas@sisaen.com



WhatsApp: 85 99964-3158



Site Oficial: www.sisaen.org

